Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANO 2 · N. 7 15 JUNHO 1932

REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

LUIZ ARANHA — MOMENTO
ALCÂNTARA MACHADO — EXTRATOS DOS ARQUIVOS DOMESTICOS DA COMPANHIA DE JESUS REFERENTES A MANUEL DE MORAES
ANTÓNIO FIGUEIREDO — POEMA GIRATORIO
MARIO DE ANDRADE — ORAÇÃO DE PARANINFO
MARIO DE ANDRADE — O SOCIALISMO E SAVERIO NITTI
MARIO DE ANDRADE — LUIZ ARANHA OU A POESIA PREPARATORIANA
ALFREDO ELLIS (JUNIOR) — POPULAÇÕES PAULISTAS (VI)
MARQUES REBELLO — CIRCO DE COELHINHOS

Cronicas

PEDRO DANTAS — PERSPETIVAS
ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO — LEOPOLDO FROES

Etnografia

RODRIGUES DE CARVALHO — LINGUA NACIONAL (IV)
SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA — SUPERSTIÇÕES DE TANABÍ

Notas
de
MARIO DE ANDRADE E ORESTES GUIMARÃES

Brasiliana – Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72
SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

(FEVEREIRO, ABRIL, JUNHO, AGOSTO, OUTUBRO E DEZEMBRO)

Diretores: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerente: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
Telefone: 4 - 7547
SÃO PAULO

ASSINATURA ANUAL . . . 28$000
(remessa registrada)

NÚMERO AVULSO. . . . . 5$000

ESTÃO AUTORIZADOS A ANGARIAR ASSINATURAS:

LIVRARIA
JOSÉ OLIMPIO
RUA DA QUITANDA
SÃO PAULO

PLINIO DOYLE
RUA DO OUVIDOR N. 59, 2.º
RIO DE JANEIRO

JOÃO MENDONÇA
RUA D'AURORA N. 237
RECIFE
PERNAMBUCO

REVISTA NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PELAS IDEAS DE SEUS COLABORADORES QUE GOZAM DA MAIS AMPLA LIBERDADE DE OPINIÃO E CRITICA

PORTUCALE

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA LITERARIA, CIENTÍFICA E ARTISTICA

DIREÇÃO DE AUGUSTO MARTINS, CLAUDIO BASTO E PEDRO VITORINO

Red. e adm.:
Rua dos Martires da Liberdade n. 178
PORTO — PORTUGAL

REVISTA NOVA

em suas NOTAS não se ocupará dos livros enviados pessoalmente aos seus diretores, e pede que a mencionem no caso de reprodução ou referencia a trabalhos nela publicados.

ANO 2 15 JUNHO 1932 N. 7

REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado, Mario de Andrade e
António de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 2.º

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÀO PAULO

Momento

Os cronistas da Idade Média resumiam em poucas palavras os grandes acontecimentos dessas epocas turbadas. Houve então (dizia Froissart) uma terrivel guerra, seguida de fome, e depois uma peste. E assim passavam os seculos.

No Brasil de hoje os momentos pouco se destacam no grisalho da vida nacional. O historiador futuro apenas poderá assinalar, como pontos culminantes, uma ou outra exacerbação mais violenta da mania paroleira. Houve (dirá então) muitas conferências, seguidas de várias entrevistas, e depois um longo discurso. Esse discurso foi o do Ditador. E durou mais de uma hora. A' sua leitura assistiram o corpo diplomatico, o Exercito, a Marinha, os funcionarios, os amigos e os *seigneurs sans importance* que as notícias oficiais chamam de pessoas de alto destaque.

Os diplomatas ficaram sabendo que o crédito brasileiro se fortaleceu com a resolução patriotica de não pagar as nossas dívidas; o Exercito e a Marinha consignaram com satisfação que nenhuma referencia havia a cortes intempestivos nos seus orçamentos, como nas aperturas atuais fazem todos os povos da terra; os funcionarios viram com prazer que já estavam assegurados os seus direitos, depois de aquinhoados os pupilos da Revolução; os amigos e as pessoas de alto destaque bateram palmas, como sempre, ás frases bem torneadas do dispensador das graças. E o povo, lá fora, pelos altos falan-

tes ficou ciente de que o Brasil, ainda mais belo se possivel, sairia rejuvenescido do banho lustral da República Nova.

Acompanhou a leitura do manifesto-discurso um decreto sibilino marcando para maio de 1933 a data das eleições constituintes.

Vão agora se abrir de par em par os diques da retorica nacional. Tem a palavra a Palavra. A Constituição é a panacea em que todos acreditam. Sem ela o país está perdido; com ela, em poucos artigos, resolveremos os grandes problemas que venham da Terra, da Raça ou do Homem. Assim tem sido sempre na história do Brasil. As nossas crises mais graves encontram logo o remédio salvador que as deve resolver definitivamente. Para resurgirem em seguida, sob novos aspetos, com novas soluções radicais. Tivemos dêsse jeito a Independencia, a Abdicação, o Ato Adicional, a Maioridade, a Guerra do Paraguai, a Abolição, a República, a Revolução. A cada uma delas sucede, porêm, o que Silvio Romero chama-va, no ritmo da vida nacional, "o processo da desilusão".

A última desilusão é de hoje, nós a conhecemos; a proxima virá mais tarde. Em 1933, promete o sr. Getulio Vargas.

Entretanto, já começam a aparecer ou reaparecer, para a campanha eleitoral, os partidos sem programas e os programas sem partidos. Daqueles já tivemos a declaração solene e realmente sensacional do Partido Republicano Paulista de que é pela República. Dêstes convem desde logo assinalar o do marcial Clube 3 de Outubro, no artigo 1.°, § 2.°, dos seus estatutos: "Querer para o Brasil a relação do seu territorio para com a Terra em tudo que represente Valor (V grande) humano, moral, intelectual, economico, militar".

E é assim que, mais uma vez, salvaremos o Brasil.

Extratos dos Arquivos Domesticos da Companhia de Jesus referentes ao Padre Manuel de Moraes

Eduardo Prado, como já ficou dito no n. 5 desta revista, em que se publicou o capítulo IV do seu livro sôbre Manuel de Moraes, obteve do padre Carlos Sommervogel, o grande bibliógrafo jesuita, alguns extratos dos Arquivos Domesticos da Companhia referentes ao famoso apóstata e traidor. São os que a seguir divulgamos, pela primeira vez. A cópia fornecida a Eduardo Prado traz a data de 22 de outubro de 1900. Acompanha-a um cartão em que o padre Sommervogel declara: "Je vous garantis l'authenticité de la source que vous pouvez, s'il le faut, intituler: *Archives domestiques,* et m'en faire endosser la responsabilité".

1. DOS CATALOGOS

a/ In Catal. Julii 1613 habetur num. 63:

Emmanuel de Moraes ex Piratininga dioec. fluminis Januarii annorum 16, firma valetudine — admissus in col-

legio Fluminis 1613. Studuit grammaticae ante ingressum annum unum. Scit brasilice. (1)

b/ In Catal. annuo 1614 Sept. num. 48:
Irmão Manoel de Morais novicio estudante Bahyae.

c/ In Catal. annuo Januarii 1616, num. 149:
En Piratininga, Casa di S. Ignacio, discipulo linguae latinae.

d/ In Catal. annuo Januarii 1617, num. 169:
In aldea de S. João Baptista (2), humanista.

e/ In Catal. annuo 1619:
In Collegio Bahya. Curso de artes, discipulo.

f/ In Catal. annuo 1621:
Idem.

g/ In Catal. tertius annuo 1631:
In pago S. Michaelis dependente a collegio Fernambuco. P. Emmanuel Moraes ex S. Paulo dioec. Fluminis. Fir-

---

(1) Em português: "Manuel de Moraes, de Piratininga, diocese do Rio de Janeiro, de idade de 16 anos e robusta sau'de. Admitido no Colegio do Rio em 1613. Estudou gramatica um ano, antes de seu ingresso. Sabe a lingua brasilica".

(2) Consultado por Eduardo Prado, o padre Sommervogel lhe enviou em carta as seguintes notas sôbre a aldeia de São João Batista: "La maison St. Jean-Baptiste c'est la "mission S. Joannis", fondée au Brésil en 1597. Le P. Hamy ne cite que cette maison au Brésil, dans: **Documents pour servir à l'histoire des Domiciles de la C. de J., p. 38.** Mais le P. de Jouvancy, dans son volume de la grande Histoire de la **Cie., à l'index** final cite au Brésil:

S. Joannis Baptisfae residentia Caetensis (Caaeté), collegii
Marag. (Maragnon)
.... Camutensis (ou Camamuensis? — Camamú) ....
Marag.
.... Mortigurensis (Mortigura), collegii
Parensis (Pará)

Il me semble que ces trois domiciles sont dans le Marañon, qui, à cette époque n'était pas encore une province séparée du Brésil. Peut-être trouverez-vous, par d'autres indices, à quelle maison, des trois, se rapportent les faits signalés."

ma valetudine. Admissus annuo 1613. Studuit gramm. 4, philos. 3. Theologiae non dedit operam in scholis ab Indorum cura quam 7 abhinc annis exercet in pagis. Tenet optime linguam Brasilicam. (3)

2. DA "HISTORIA BRASILIAE"

a/ Decretum Regum.

31 Outubro 1631. Para o Provincial da Companhia de Portugal.

Provincial da Companhia de Jesus, Eu el Rei vos envio muito saudar.

Dos procedimentos de Manoel de Moraes, religioso da Companhia, que assiste no sitio de Pernambuco, tendo a seu cargo os Indios naturais da Terra, que ali me serve e do zêlo e cuidado com que tratou de assegurar os animos daquela gente, e acode as ocasiões de meu serviço, que ali se oferecem, estou com muita satisfação, e parece-me dizer-vo-lo per esta carta, para que o tenhais entendido e lhe agradeçais como Eu lhe mando fazer. E encomendar-vos muito que com atenção e consideração, que tanto importa, procureis que em Pernambuco, Paraiba e Itamaracá e nas mais partes daquele estado assistam nas Missões, que a Companhia tem a cargo e de novo se lhe hão encomendado, religiosos que tenham com os Indios maior autoridade e lhe serão mais aceitos, e dos quais se deva

---

(3) Em português: "Na aldeia de S. Miguel, dependente do Colegio de Pernambuco. — Padre Manuel de Moraes, de Piratininga, diocese do Rio (de Janeiro), de 35 anos de idade e robusta saúde. Admitido em 1613. Estudou 4 anos gramatica e 3 filosofia. Não estudou Teologia nas escolas porque desde 7 anos se ocupa dos Indios nas aldeias. Sabe otimamente a lingua brasilica." Na carta citada na nota anterior, explica o padre Sommervogel: "La phrase: "Theologiæ non dedit...", veut dire que ce ne fut pas dans les classes de théologie qu'il étudia la théologie, mais probablement en particulier, pour quelque motif spécial, ou de toute autre manière".

esperar que os conservarão em obediencia e fidelidade e os disporão seguramente nas cousas das guerras, em que forem ocupados. E posto que Eu fio de vós que assim o tereis disposto, por ser de tanta importancia, na ocasião me parece advertir-vo-lo em particular e encarregar-vos que do que proverdes me deis conta. Escrita em Lisboa a 31 de Outubro de 1631.

Rei.

O duque de Villa Hermosa.

Conde de Ficalho.

b/ 20 Agosto 1635. Carta do Padre Domingos Coelho (4), da Baía, ao Geral Mucio Vitelleschi.

Antes de ser tomado dos Holandeses o Padre Manoel de Moraes, tinha escrito por vias a Vossa Paternidade, com parecer de todos os Consultores da Provincia, que ele não era para a Companhia pela ruim fama que dele corria em materia do sexto e que parecia o devia Vossa Paternidade de o licenciar. Depois dele cativo recresceram as infamias que dele se publicam, *scilicet*: que estava lançado com os Holandeses e de sua parte contra os Portugueses, vestido ao modo Holandês e soldadesco, com espada, etc. O que se publicou não só em Pernambuco mas tambem nesta cidade (Baía) com grande vergonha nossa; e para atalhar a esta infamia escrevi logo ao Padre Mestre Fernandes, vice-reitor, que então era em Pernambuco, e depois ao seu sucessor, o Padre Francisco Ferreira, que se informasse do caso e achando ser assi como se dizia o despedissem logo *meo nomine* da Companhia. E

---

(4) O Padre Domingos Coelho, Provincial do Brasil, varão de grande autoridade, faleceu a 8 de agosto de 1639, com 75 anos de idade e 61 na Companhia.

com haver muitos meses que mandei esta ordem, não tive até agora notícia que se executasse, porque estão os caminhos daqui por Pernambuco tão senhoreados dos Holandeses que é ventura e grande ventura escapar correio ou carta alguma, ainda que se mandem duplicadas por várias vias.

Agora soube de novo que os Holandeses embarcaram a êste Padre Moraes para Holanda. E me pareceu importante avisar a Vossa Paternidade, por esta, que de novo consultei os Padres Consultores da Provincia todos e a todos nos pareceu *omnimo* convinha que em caso que êste Padre, conforme a minha ordem, não fosse ainda licenciado, Vossa Paternidade o licenciasse logo em chegando a qualquer parte de Europa, porque assim convém ao escandalo público que dele ha e á grande infamia que nos tem causado; mas que primeiro seja penitenciado *pro qualitate criminis*. (...)

c/ 12 Abril 1635. Carta do Padre Francisco Ferreira, Reitor de Pernambuco, ao Geral Mucio Vitelleschi.

Vossa Paternidade terá a notícia das cousas do Padre Manoel de Moraes, as quais, quando os Superiores lhes deram crédito e acudiram com tempo, não vieram a ser de tanta afronta para todos nós. Reverendo Padre, é necessario que Vossa Paternidade encomende aos Superiores da Companhia que hajam vigilancia e façam caso do que pode ser e assi acudirão antes que o fogo lavre de tal maneira que não possam acudir. Êste Padre, depois de o mandarem vir do Rio Grande, onde se ia por onde queria sem companheiro, com sumo escandalo não quis vir e o companheiro se viu só e ele ficou. E vindo com os Indios, de que se fazia mais capitão que sacerdote, se meteu com o inimigo pondo uma bandeira de paz, podendo mui bem fugir, pois tinha cavalo, o que fez por se poder ir desta Provincia e arrecear porventura o que suas faltas mereciam. Isto disse ele muitas vezes a muitos seculares que me disseram. Entrou pois com o inimigo e se vestiu de veste cingindo espada

e adaga, com a barba feita como secular, com chapéu e trancelim de prata, com grande escandalo de muitos que o viram. Ele dizia que não tinha deixado a Igreja Romana, mas a mi me disse um que foi nosso, que na India se deitou com os ingleses, chamado Jeronimo de Paiva (5), e outros muitos que era já na sua seita ou religião. Eu lhe escrevi três cartas e a nenhuma me respondeu. A alguns Padres pareceu que eu o despedisse, o que me não pareceu, nem ao Padre Provincial Fernandes. Mas logo pola posta escrevi ao Padre Provincial á Baía. E se os Indios que levavam as cartas chegarem não tornarão com resposta por tudo estar tomado. Eu tinha tratado com o General para querendo o Padre sair o deitarem fora, mas ele se foi em uma embarcação para Olinda e disse a alguns Portugueses que ia para daí ir a Madrid a requerer. Vossa Paternidade visto isto ordenará lá o que mais convém e é necessario castigo.

d/ 18 Junho 1635. Trecho de outra carta do mesmo Padre Francisco Ferreira ao Geral Vitelleschi, referente a Manuel de Moraes.

Embarcou-se para Holanda dizem que com alvitres aos Estados e que virá cedo com uma grossa armada a conquistar tudo. O quanto tenho sentido e os demais só Deus o sabe e eu. Por algum zêlo que tenho e pelo que *sei* de *certo,* posso justificar a Deus contra os Superiores que eles foram causa de tudo isso.

---

(5) Nota de Eduardo Prado: "Este Jeronimo de Paiva foi morto em 1636 quando Camarão atacou o reduto de Goiana. Jeronimo de Paiva servia os holandeses. Duarte de Albuquerque Coelho nas **Memorias Diarias,** p. 228, diz: "avia sido en la India Oriental expulso de la Compañia de Jesus, sin ser Sacerdote, i allà se passò a los Olandeses, i con ellos avia venido a Pernambuco, adonde casò, i vivia descubiertamente herege".

Poema giratorio

Eppur si muove
GALILEU

Eu estava no colegio
No bairro turco de S. Paulo
Preparava-me para a marinha
Queria viajar por todo o mundo...
Só na enfermaria
Unico doente de escarlatina
A febre sentava-se á minha cabeceira estrangulando-me a garganta...

Por êsse tempo li o primeiro livro bolchevista guardava em baixo do travesseiro
E foi de volta do cinema que senti os primeiros sintomas da enfermidade...

Na enfermaria
A lúa do alto do céu penetrava pela janela aberta
A enfermeira vestida de luar andava na ponta dos pés e lia jornais falando sôbre a guerra
O livro em espanhol debaixo do travesseiro
O barbeiro que no quarto vizinho assobiava um rag-time
A aranha do canto do quarto

O cheiro de remédio
O ruido da rua vindo mornamente até mim
Eu mesmo
Tudo estava num mundo distante que eu quasi não sentia...

Delirio da febre!
Fragmento de lembranças velhas
Conhecimentos novos
Astronomia
Geometria
Geologia
História Natural
Fisica
Quimica
Tudo o que aprendia no colegio
Movimento da terra!
Criança fazia girar o globo terrestre que meu pai tinha no escritorio
Contente quando virava depressa...
Nêle aprendi a história de Galileu
Eppur si muove...
O hebreu Josué mandou parar o sol...
Globo de papelão representando todos os países
Fechado numa armação de ferro
Eu o fazia girar depressa em torno do seu eixo...

Amolgado por acidente durante uma mudança
E tenho saudades dele porque foi meu brinquedo preferido quando criança...
Mas hoje a lúa como um globo geografico gira no ar
Encerrada numa armação de estrêlas
E nela estudo a geografia dos países de minha imaginação...

A lúa pelo céu!...
Sabia que ela atirava maleficios sôbre os marinheiros dormiam sob o seu olhar

Mas gostava tanto dela!
Certo
Quando fosse pelos mares largos e bonança
Seu corpo nú de malacacheta viria pousar sôbre minha vela!
Navegar ao luar!
A grande aranha de prata galgava o céu
Ia de uma estrêla a outra levando a teia
Voltava
Cruzava os fios entre si...
E o céu todo iluminado de sua luz!...

Via
Essa teia de prata que tremia
De um canto a outro do horizonte
Como uma rede sob o céu
Arcada
Ao pêso da aranha que a tecia...

Oh! aquela aranha côr de opala
Que estendia as pernas para mim
Mosca de sonhos hipnotizados!
Ela me enleiava num bordado claro
Sugando-me a energia
E o capitão achava-me na prôa
Envolto num casulo de luar...

Só na enfermaria,
O colegio era na rua Florencio de Abreu
Bairro turco de S. Paulo...
Cansava de lembrar o film que passava fugazmente no meu cerebro
A janela
Com a doença perdi a noção de arquitetura
O Palacio das Industrias era uma mesquita
A Estação da Luz a Catedral de Santa Sofia
Olhava o Braz que era um fragmento da Turquia

Camelos passavam no horizonte
E as torres chaminés minaretes com muezzins abrindo os braços para o céu...

Nos dominios da Turquia
Era um sudito rebelde do sultão
Comandava tropas livres de um oasis do Saára
Tamareiras e tamarindeiros
No chão tufos de verdura encharcados de areia branca
Do rochedo um jacto de agua fresca
Serpentes fugindo na folhagem
E o calor morno rolando pelo chão esmagado pela luz pesada
Cada um de nós rei.
Trono das dunas brancas!
Protegiamos os beduinos dos salteadores de caravanas
As palmeiras archotes marcavam o limite de nosso dominio
O acampamento longe das populações
Ao redor das tendas pastavam os cavalos e deitavam-se os camelos
A' noite rondavam os chacais devorando ossos e residuos...

Eramos senhores
Só o vento quente entrava sem licença em nossa tenda
E enfunava a lona das barracas
Como velas...
Quando vinha dizia que eramos temidos
Quando ia clamava o valor de nossa gente
Beijava nossa bandeira que tremia de felicidade
Vento livre como nós
Nossa bandeira azul com um crescente e uma estrela
Farrapo do céu!...

Um dia
Do fundo do horizonte surgiu uma cavalgada contra nós
Cavalos correndo a toda a brida

Camelos chacoalhantemente por servos do sultão
Nossos homens se atiram sôbre as armas
Tiros de espingarda!
"E as mães que o som terrivel escutaram
Aos peitos seus filhinhos apertaram"
Confusão
Descarga de cima dos rochedos
Luta corpo a corpo com dentes unhas e kandjars
Vitoria!
E as linguas da areia ardente sorvendo o sangue dos feridos

Meu corpo escarlate do sangue derramado
38º

Passo por uma rua do Egito
A cidade se desdobra ao longe com sua muralha
Aglomeração da casaria
Mesquita de ladrilhos no centro
Dedalo de becos
O barulho eterno da multidão
Mulheres de rosto de gaze, axorcas nos braços nús
A fonte pública
Vendedores nas lojas
Bazares de tecidos joias armas e turbantes
Camelos rapados da caravana que vai ao porto
O Mar Vermelho se abriu á minha passagem como aos hebreus
de Moisés
Negros sob fardos
E o fez dos soldados do sultão
Mendigos
Animais apertando-se na estreita
Cãis famintos a lepra na poeira
A voz do muezzin todos á oração
Volvidos para Meca...

Vou para meu harem!

A porta pesada
Entro no meu dominio de arabescos
Tapetes sob os pés
Candelabros
Vaso de cobre cheio de brasas queimar essencias
Estou deitado sôbre almofadas
Perfumadas
Meu pensamento não está mais longe que o narguilé que gorgoleja perto de mim
No compartimento vizinho as odaliscas nos coxins
O repucho tripudia sôbre o tanque dansa de guisos
No céu
A lua que entrou na manda de Mahomet quer penetrar no harem
Ver as odaliscas semi-nuas
Seios brancos dunas do deserto...

A atmosfera morna
Penumbra
Meu narguilé
Odaliscas
O perfume do aposento
O perfume das rosas e jasmins que galgam o terraço
A fumaça que sobe do braseiro
Silêncio quasi adormecido
E o bonde da Ponte-Grande na ponte ferrea da Estação da Luz...

Dor de cabeça
Minha viagem á Turquia
Como o russo Jalturin tinha cefalalgia dormir com a cabeça sôbre dinamites
Eu por ter sob o travesseiro um livro bolchevista...
Ele minou a sala de jantar do czar Alexandre II
Tomei parte no atentado contra o imperador de todas as Russias
Minei a estrada de ferro de Criméa a Moscow

Trinta quilos de dinamite na ponta de pedra de Petrogrado
Condutores eletricos subterraneos
E o trem a todo vapor
E os silvos da locomotiva apitando furiosamente nos trilhos
Rodas vertiginosamente nos carris
Dinamites que explodem depois do passar do trem
Dormentes e trilhos nos ares arrebentada grande estensão da linha
Sofia Perowskaya
Todos os conspiradores contra a vida do czar
Morte de Alexandre perto do canal
Providências da polícia
Atentado sem efeito de Risakoff
As aguas quietas do canal
E o terrorista Grinevtsky que tranquilamente comia pasteis antes de atirar a bomba no czar
Morreu tambem na explosão
Consegui fugir por entre a multidão
E o livro que me dava dor de cabeça e exaltava os bolchevistas
A enfermeira lia o jornal que relatava os ultimos acontecimentos na Russia

Eu estava na lista vermelha
Fusilado no parque de Petrovsky
Massacre em massa das populações
A imperatriz e as czarinas assassinadas pelos soviets
Regimen do terror
Fabricas e oficinas nas mãos de Lenine e Trotsky
Govêrno do gorro da blusa
Na praça do Krenlim o sangue se mistura á neve derretida
A peste a fome o cólera e a guerra
A feira dos ladrões se estende por toda a cidade de Moscow
Dentro das muralhas rubras do Krenlim os sinos repicam festas carnificinas

E o mundo como o globo que eu fazia girar no escritorio de
meu pai
Gira velozmente em torno do seu eixo...

Estava em Moscow
Mas só agora compreendo porque da Paulicéa fui parar na
Russia
O livro bolchevista que lia pela primeira vez
O Palacio das Industrias Krenlim no crepusculo do Braz
E na opinião do meu amigo Mario de Andrade
"S. Paulo é um palco de bailados russos"...

39º

Do colegio fui para o hospital
O médico me recomendou repouso
Escarlatina nervosa delirante
A febre me apertava a garganta com suas mãos de ferro
Gargarejos
Preferia o remédio doce de hora em hora
Minha enfermeira inglesa
Queria á frente servir na cruz vermelha de guerra
Solteira, teve de ficar.

Quando eu não dormia
Sentada em minha cama
Ela contava historias da guerra...
Granadas rebentavam sôbre mim como fogos de artificio
As trincheiras canais onde a agua se estagnava...
Estava num hospital de sangue.
Na Irlanda
Vi soldados ingleses atirarem contra o povo
E como o prefeito de Cork morreu de fome na prisão
Eu morria de dieta no hospital...
Emprestavam-me livros franceses e ingleses
Um dia uma revista
Conheci então Cendrars

Apollinaire
Spire
Vildrac
Duhamel
Todos os literatos modernos
Mas ainda não compreendia o modernismo
Fazia versos parnasianos
Aos livros que me davam preferia viajar com a imaginação
Paris
Bailarinas de café-concerto rodopiando na ponta dos pés
Ou então a casa de um chinês esquecimento da vida
Antro de vicios elegantes
Morfina e cocaina em champagne
Opio
Haschich
Maxixe
Todas as dansas modernas
Doente perdi um baile numa sociedade americana de S. Paulo
Minha cabeça girava como depois de muito dansar
A lua disco de gramofone gira furiosamente um rag-time
E o mundo é uma bailarina de vermelho rodopiando na ponta
dos pés no café-concerto universal...

Gosto de bailes de matinées
Nos jornais anuncios de chás dansantes
La Prensa diz
A Argentina proibiu a exportação do trigo
Uma lente para o observatorio de Buenos Aires
Estudo astronomia numa lente polida por Spinoza
Judeu
Uma cinagoga nos Andes
Não sei se a Cordilheira cái a pique sôbre o mar
Santiago
Os barcos de minha imaginação nos mares de todo o mundo!...

Manhã
A lampada azul empalidecendo
Quando se abre a palpebra da janela
A rajada de luz alarga a enfermaria
Eu
No frio
A nevoa se espreguiçando fóra
Se desarticulando
E as estrêlas fugindo no azul com receio do sol
Primeiros rumores
A tôrre da Estação da Luz
A bandeira paulista arvorada
Os ventos correndo no ar
Atropelando-se
Na direção marcada pelo gesto da bandeira
O primeiro bonde
Iluminado
Trepidando a ponte
E a carroça do padeiro acordando as pedras sonolentas
Silvos de trens rasgando a madrugada
5 horas
Um relogio preguiçosamente
Eu
Encolhido nas cobertas
Sinto prazer em minha enfermidade...

O rumor
Adivinho minha terra natal
Predios crescendo
Andares sôbre andares
Catedrais
Tôrres
Chaminés
O centro da cidade
Predios como couraçados
Ancorados

Cordoalhas
Mastaréus
Flamulas tremulando
Galhardetes dos traquetes
E a multidão frenetica
Os bancos
Os jornais
As grandes casas comerciais
Bondes
Tintinabulação das campainhas
Automoveis
Buzinas
Carros carroças fragorosamente
Bairros industriais
Catadupas de som a rugir pelo espaço
Ventres de fornos colossais
Nas fábricas usinas e oficinas
Turbilhonam turbinas
Máquinas a mugir em movimentos loucos
Vozes trepidações campainhas
Baques gritos sereias alarido
Rouquejos e troupel
Relogios a compassar nessa luta insofrida
O ritmo frenetico da vida!...

Americanamente

Maquinações alemãs contra os americanos
A alfandega revistou-me a bagagem no porto
E não achou
Como na do homem do compartimento vizinho
Bombas dinamites barbas postiças...
Usinas metalurgicas e fábricas de munições incendiadas
Kultur
Os alemãis colocaram bombas sob a ponte de Brooklyn
A polícia avisada chegou antes da explosão

Navios minados rebentando meia hora depois de largar o porto
Bombas com maquinismo de relojoaria
Explosão depois da helice girar um número de vezes determinadas
Munição para os aliados
Serviço de espionagem mais perfeito do mundo...
Dissimulado nos Estados-Unidos
Uma noite consegui roubar todos os bancos de Nova-York
Fuga
E com os milhões em maletas vivi oculto num dos canais esgotos do porto
Jean Valgean
Uma noite
Numa lancha eletrica o dinheiro para um botequim do cáis
No dia seguinte
Notícia em todos os jornais
Correria nos bancos
Diretores não podiam pagar os depositarios
Cofres vazios...
Pennsylvania Railroad
Muitas estradas de ferro
O trem de Nova-York para o Oeste assaltado por uma quadrilha de cow-boys
Tiros de revolver
Fui elogiado pela bravura repeli os assaltantes
Passageiros do vagão minha ousadia
Cortezia dos empregados
Gorda matrona milionaria
Minas na California
Sua filha que desde o acidente me sorria sem cessar
Consideração geral
Minha maleta sob o banco em que ia sentado
O trem em disparada pela planicie deserta
Romance cinematografico

Roubo dos bancos
Pesquizas da polícia
Notícias dos jornais
"O criminoso não deixou traça na sua fuga"
Detetives americanos por toda a America e por todo o mundo
Sherlock Holmes convidado pelo Presidente Wilson
O povo desconfia de um conluio de todos os banqueiros
Para roubo de todos os bancos
A multidão
Que ia linchar um negro
Começou o linchamento de todos os banqueiros de origem
alemã
Prisão preventiva dos genuinamente americanos
Os jornais
Com notícias minuciosas sôbre o roubo
Trazem na página seguinte a narrativa dos meus feitos no trem
do oeste
Entrevistado por quasi todos os reporteres
O povo minha opinião sôbre o roubo...

"Nada lhes posso dizer
Estou na mesma ignorancia de toda a população
Mas é possivel que o criminoso apareça"

Que pensa da culpabilidade dos banqueiros?

"Não posso explicar êsse roubo coletivo
Sem a cumplicidade dos diretores
Mas é possivel que estejam perfeitamente inocentes..."

Todos os empregados convidados a depôr
Nos cinemas
Jornais cinematograficos
Vista dos bancos roubados...
Enquanto isto
Viagem á catarata do Niágara
Foi o franciscano José de la Roche Daillon o primeiro branco
que viu a catarata

Nunca vi essa queda formidavel
Nem mesmo a Paulo-Afonso
Nem mesmo a de Iguassú
Nem mesmo a Sete-Quedas
Mas agora com o produto do roubo dos bancos de Nova-York
Vou comprar a catarata do Niágara
Grande usina eletrica
Compro tambem a Niagara Falls Power Company...
Com toda a fôrça que conseguir de todos os dinamos
Eletrizar o globo terrestre;
Fazê-lo girar como uma turbina...

40º

De noite estabeleço a ligação:

A Terra eletrizada gira em torno do seu eixo
Terremoto
Maremoto
Bombas bolchevistas passando de mão em mão
Todas as pontes do mundo
Incendio no Krenlim
Granadas bombas tiros de canhão se cruzam como confeti numa noite de carnaval
Explosão em minas de petroleo
Corpos de bombeiros a toda velocidade apitando no pavor da noite
Tôrres se estortegam no espaço e se abatem sôbre ruinas
Todos os trens incendiados em desfilada pela linha propagam fogo nas florestas
Os edificios dansam como ondas na tormenta
Os mares crescendo inundam os continentes
Portos destruidos pela inundação
Chamas do incendio esbofeteando o céu
Chuva de petroleo alimentando o fogaréu do mundo
O mar de álcol pega fogo devorando todos os navios
Cinzas de vulcões soterrando os continentes

Chimborazo!
Os Andes desabam sôbre a America do Sul
Explosões incendios cataclismos
Chuva de fogo
Vulcões
Terremoto
Maremoto
E o mundo eletrizado gira furiosamente em tôrno do seu eixo
confundindo todos os países...

41°

BOLETIM MÉDICO

Nome — Terra
Filiação — Da familia dos oito planetas
Mãi — Nebulosa Primitiva de Laplace
Pai — Desconhecido

Diagnostico:

Escarlatina de forma nervosa delirante

Tendencias para rotação
em movimento acelerado

Manchas vermelhas
em quasi toda a superficie

Tratamento:

Repouso absoluto
ou quando muito a rotação antiga
do tempo de Galileu

Banhos quotidianos
principalmente na região lombar

Deseletrização imediata

Minha enfermeira
Dedico-te êste poema
Vivi-o com toda a intensidade durante minha doença
Tu me trataste carinhosamente.
Quando deixei o hospital
Levava o reconhecimento e a saudade.
Quando cheguei ao bairro turco onde êste drama teve início
Os acontecimentos se reproduziram de novo na minha mente
Mas veiu depois a noite com sua paz de estrêlas
E o crescente da lúa...
O Palacio das Indústrias já não me parecia o Krenlim
Mas sôbre a Nova-York paulistana
O céu era uma bandeira turca...

S. Paulo — 1922.

LUIZ ARANHA

Oração de paraninfo (*)

E' sempre motivo de justa ufania para quem a recebe a investidura, que houvestes por bem conferir-me, srs. bachareis da turma de 1932. Neste momento, porém, o vosso gesto amigo tem uma significação toda particular, que reduplica o meu desvanecimento e a minha gratidão para comvosco. E' á direção atual da Faculdade que trazeis a solidariedade e o apoio, de que ela tanto precisa, para levar a termo a obra, apenas iniciada, da reintegração de nossa escola na plenitude de sua eficiencia prática e á altura da missão, que lhe compete, na formação da conciencia juridica da nacionalidade. Ninguem poderá executar a tarefa, que urge, de renovar esta casa na materia e no espirito, sem a cooperação diuturna e esclarecida dos ilustres membros da Congregação, e ainda sem a colaboração prestimosa do funcionalismo, e tambem sem a adesão, a simpatia e a confiança da mocidade.

A escolha de meu nome, eu a recebo, não como um preito, que seria imerecido, e sim como o testemunho de que reconheceis a retidão intorcivel dos propositos que me animam e o desejo honesto, que me inflama, de servir á terra comum, servindo á causa sacratissima da educação nacional.

Testemunhas sois de que se vem operando no organismo do velho instituto, em que estamos, uma transfusão de sangue

---

(*) Proferida na solenidade de formatura da última turma de bachareis pela Faculdade de Direito de São Paulo, a 19 de março de 1932.

generoso e saudavel, e, por isso mesmo, o seu ritmo vital é diferente do de outrora. O tronco secular continua com as raizes embebidas no humus opulento da tradição. Mas estão desaparecendo, aos bocados, os cipós da rotina que nele se enroscavam. Livres do abraço asfixiante das lianas, que lhes tolhiam o viço, e das ervas parasitarias que lhes roubavam a seiva, reverdecem os ramos, e nos rebentos que deles se desprendem abotoam as primeiras flores, que anunciam a abundancia da colheita proxima.

Tenho, na minha eleição, o vosso depoimento imparcial e expressivo de como venho realizando o programa que me tracei.

A reforma administrativa está quasi terminada com o saneamento da tesouraria, a instituição de uma contabilidade regular, a simplificação dos métodos burocraticos, o aparelhamento moderno das várias seções em que a secretaria se divide. Dentro em poucos dias terá início a remodelação da biblioteca, ou, melhor, a transformação em biblioteca, por uma catalogação racional, das dezenas de milhares de volumes, que se aglomeram em nossas estantes, sem proveito para os estudiosos.

A reforma do edificio, começámo-la ha cêrca de um mês; e já em principios de Maio contamos inaugurar uma aula, obediente aos mais rigorosos preceitos de higiene escolar, em que mestres e alunos tenham o ambiente agradavel e sadio, que convém á dignidade do ensino.

A reforma espiritual é a mais dificil. Mas é a mais necessaria. Lêstes porventura o que, ha poucos dias, na solenidade inaugural dos cursos da Universidade do Rio de Janeiro, disse Afranio Peixoto, com a lucidez implacavel de sua inteligencia de eleição e a sua destemerosa franqueza de grande homem de bem? Para alguns será uma caricatura maldosa, para outros uma fotografia não retocada dos institutos brasileiros de ensino superior. O que ele vê em seu tôrno são mestres, aos quais se nega o direito á vida, tão ridiculo é o estipêndio que lhes pagam, e se concedem, em troca, todos os direitos, inclusive o de julgar sem recurso, e o de não ensinar patavina; e alunos,

aos quais se outorgam todas as regalias, menos a de exigir que lhes ensinem aquilo que devem aprender. Os primeiros, sem estímulo e sem entusiasmo, desempenhando-se displicentemente, como qualquer amanuense, das funções que lhes incumbem. Os ultimos, com a preocupação exclusiva de "passar", seja lá como fôr, por decreto, por média, com a ajuda imoral de empenhos, com o auxilio indecoroso das colas, concentradas assim todas as suas ambições, não na posse do conhecimento, mas na posse do diploma. A lição, reduzida a um monólogo, cujo termo é esperado ansiosamente pelo orador e pelo auditorio, com os ouvidos atentos ao bater da hora. O aproveitamento dos discipulos, apurado ás cegas, na loteria dos exames. E por aí continua o libelo tremendo: o eminente medico-legista vai abrindo, viscera por viscera, e dissecando, tecido por tecido, o ensino superior do país, como faria a um cadaver, largado sôbre a mesa do necroterio.

Somos suspeitos, todos nós, para julgar da procedencia de acusações que a todos nós atingem.

O que podemos afirmar serenamente é que o remédio dos males apontados está pura e simplesmente no cumprimento da lei. Ha professores indignos? Cumpra-se a lei: corre á administração o dever de puní-los; e podem puní-los os proprios alunos, mediante a opção pelos cursos dos livres docentes. Existem alguns, que se enquistam em suas cadeiras, e, agarrados a elas, permanecem durante trinta, quarenta, cincoenta anos, atravancando a disciplina, prejudicando gerações sôbre gerações de estudantes, impedindo a renovação do professorado? Cumpra-se a lei: sejam eles aposentados compulsoriamente. O ensino obedece a processos condenados pela pedagogia? Cumpra-se a lei: constituam-se seminarios, centros de debates e de pesquizas, clínicas judiciarias, que representam para as ciencias sociais o que representam os laboratorios para as ciencias da natureza. O exame é um processo reprovado e falido? Cumpra-se a lei: submetam-se os discentes a exercicios praticos e provas parciais, rigorosamente fiscalizadas, com influência proeminente no julgamento final.

Mas do respeito á lei quem deve dar o exemplo? O govêrno. E hoje, como sempre, o govêrno é o primeiro a violentá-la, conspurcá-la, prostitui-la a todos os sofismas, enervando-lhe a aplicação, desnorteando, desautorando, desmoralizando os seus executores, rompendo, á menor pressão dos interesses contrariados, os rasgões por onde se precipita a torrente dos abusos.

O desalinho e a displicencia das congregações, o ceticismo com que a maioria dos estudantes encara as tentativas de reerguimento do ensino, vem daí: vem da fraqueza e da covardia dos poderes publicos, deante das pretensões mais absurdas e atrevidas.

Não desanimemos. Dia virá, em que a evidência dos maleficios decorrentes da incapacidade governamental em materia de tamanha delicadeza levará o Estado a devolver ás Congregações a autonomia, de que precisam, para o saneamento definitivo do ensino superior.

Têmo-la restrita a certos assuntos. Podemos e devemos aproveitá-la para a inclusão de novas disciplinas indispensaveis á formação profissional e cultural do jurista. Assim, a legislação social. Assim, o direito internacional privado. Assim, a história do direito, e particularmente do direito brasileiro.

Todas são igualmente necessarias. A última tem como nenhuma outra o sainete da oportunidade.

Se por uma desgraça fosse obrigado a desfazer-me dos meus livros, dessas páginas que são para mim o pão e o vinho quotidianos, e a despedir-me dêsses escritores dos quais me sinto concidadão pelo espirito, os ultimos de que me apartaria, com o coração esquartejado, seriam sucessivamente os de história universal, e do Brasil, e de São Paulo.

Amar é compreender; e assim não pode amar de verdade a sua terra quem não lhe saiba o passado. Como ha de prezar uma obra aquele que desconhece quanto custou em suores e

vigilias, em sofrimentos e sacrificios, aos operarios que a conceberam e edificaram?

Houve quem acusasse a história de ser uma professora de desânimo. Que injustiça! O que ela nos ensina é precisamente o contrário: a confiança, a energia, a coragem.

Para consolar-nos dos males e das miserias presentes, nada mais salutar do que um relance de olhos sôbre os tempos que se foram. Encontramos por vezes como que um éco de nossas preocupações de momento. Que tem a guerra do Peloponeso, velha de tantos seculos, com a atualidade paulista? Nada. Evidentemente. No entanto o coração nos bate mais apressado quando lemos em Tucidides a explicação da luta encarniçada em que Atenas sucumbiu: "Esparta tinha inveja de nós".

Mazelas, que nos parecem específicas de nossa idade, de nossa terra, vamos encontrá-las em países distantes no espaço e no tempo. Se compulsardes, por exemplo, os livros suculentos em que Gaston Boissier reconstitúi com vivacidade insuperavel a Roma dos Césares, vereis com surpreza que nenhuma diferença existe, em substância, entre os costumes politicos de então e os de hoje, ou, melhor, de ontem. Longe de ser uma invenção dos politiqueiros indigenas, a corrupção eleitoral constituia, já naquelas terras afastadas, uma verdadeira ciencia. Quintus Cicero, irmão do Orador, chegou a publicar um tratado exaustivo sôbre a materia: "De petitione consulatus". A cabala, no campo de Marte, onde o candidato se postava para uma larga distribuição de promessas, de apertos de mão e de sorrisos, a compra descarada de votos pelos "sequestres", que eram os galopins eleitorais da epoca, as inscrições nas paredes com apelos em favor do postulante, a concentração dos votantes nas tavernas, antes e depois do pleito, para se encherem de secos e molhados, tudo isso vem de muito longe. A propria intervenção das mulheres na vida pública é uma criação romana. Provam-no as inscrições murais de Pompea, correspondentes aos cartazes gritantes da atualidade, em que sózinha, ou com o marido, ou com os filhos, a matrona solicita para o

seu predileto o sufragio do povo: "|Fortunata cupid... Semà cum pueris cupid... Hilario cum sua rogat..." Era tamanha por vezes a disputa entre as facções que, na impossibilidade de um entendimento, elas entregavam ao imperador a escolha dos magistrados... Talqualmente se fazia ainda ha pouco, em certo país muito nosso conhecido, onde as influências locais deferiam ao presidente da República a indicação dos governadores.

Poderia multiplicar indefinidamente as aproximações entre o passado e o presente, na esfera política, no dominio filosofico, no campo das letras, no terreno da etica e dos costumes.

Na esfera política: os governos tradicionais, convertidos pelo abuso do poder em fabricantes inconcientes de revoluções. As revoluções, esquecidas, quando vitoriosas, dos principios que lhes asseguraram o triunfo. No dominio filosofico: o espirito humano lembra um pêndulo condenado a oscilar eternamente entre o materialismo mais grosseiro e o mais puro espiritualismo, porque as doutrinas novas não passam de simples máscaras dessas duas concepções fundamentais do universo. No campo das letras: faz poucos dias, que, na mais jovem de nossas escolas superiores, alguem tomava como assunto de sua preleção inaugural o parnasianismo na literatura latina. No terreno da ética e da moral: se um dia vos sentirdes escandalizados pelo contraste entre o luxo e o confôrto de que vivem cercados certos lulús da Pomerania ou gatos felpudos e a miseria em que se estiolam tantas crianças á mingua de pão e de carinho, Plutarco vos dirá que, já no tempo de Cesar, o mesmo espetaculo arrancava o mesmo grito de indignação ás almas bem formadas. "Dar-se-á que, em vossa terra, as mulheres não tenham filhos?", perguntava ele deante dos mimos dispensados aos macacos e cachorros de estimação. E quantas de nossas contemporaneas merecem que em seu tumulo se grave, não o epitafio magnifico da mãe de familia, "domum servavit, lanam fecit", mas aqueloutro, luminoso na aparencia e tremendo na realidade, "saltavit e placuit?"

Mas se a história se repete (dir-me-ão talvez), têm razão os que a acusam de constituir uma escola de desalento. Não. O que ela encerra, acima de tudo, é uma lição de tolerancia e de sabedoria. Não ha, nem houve nunca, uma idade de ouro na vida da humanidade. Não ha, nem houve em tempo algum, instituições perfeitas e doutrinas políticas ou sociais impereciveis. Não ha, nem houve jamais, quem conseguisse reformar a natureza humana a golpes de decreto. Não ha, nem pode haver, melhoria social, reforma fecunda, progresso efetivo, que não seja resultado de uma transação entre o passado e o futuro: "Praeterito semine, futura serenda". Evolução, e não revolução, eis a fórmula que a história nos impõe. O exame sereno das grandes convulsões políticas confirma o juizo insuspeito de Anatole France: os vencedores só nos trazem de novo a sua inexperiencia.

No estudo do passado aprendemos tambem a não desesperar do presente e a confiar nos dias que hão de vir. A não desesperar do presente: por mais sombrio que nos pareça o ambiente, sabemos que não é eterno o poder das trevas. A confiar nos dias que hão de vir: apesar dos erros e das fraquezas e dos recuos irreparaveis da argila humana, o mundo de hoje é grandemente superior ao mundo de ontem. Vive-se cada vez mais. E cada vez melhor. Sobram os testemunhos de que o espirito se tem emancipado lentamente, mas incessantemente, da besta; e que vai crescendo todos os dias, em altura, em largura, em profundeza, a solidariedade entre os homens. E que, pela multiplicação dos institutos de previdencia e de amparo aos fracos e aos pequeninos, estamos reconquistando aos poucos o terreno usurpado pela injustiça, pela miseria, pelo sofrimento. E que a humanidade contemporanea é mais livre, mais sadia, mais instruida, mais proxima, do que a antiga, da justiça e da caridade.

Nenhum povo existe que possa tirar de sua história ensinamentos mais belos e estimulos mais saudaveis que o brasileiro e, sobretudo, o paulista. Cada página de nossa história é um pergaminho de nobreza. Daí o nosso orgulho. Orgulho fundado, porque vem do conhecimento de quanto deve a patria comum aos nossos maiores, e que nos diz a conciencia, que estamos continuando com dignidade e firmeza a obra dos Dias Paes, dos Andradas e dos Feijós.

De orgulhosos houve sempre, desde os tempos da Colonia, quem nos averbasse. Falando de jactanciosos o poeta Garção nos metia a bulha numa versalhada com pretensões a sátira:

Parece-me que estou entre paulistas
Que eructando congonhas me aturdiam
Com a fabulosa ilustre descendencia
De seus claros avós...

Ainda nesse ponto seria legítima a nossa prosapia. Está desfeita para sempre a lenda que os povoadores de São Vicente vinham da ralé das vilas e dos presidios da Metropole. Entre os fundadores das principais familias vicentistas se encontram fidalgos da mais pura linhagem. Mas, afinal, tudo isso pouco importa. O de que nos orgulhamos não é do sangue que nos transmitiram, mas do monumento que edificaram.

Se quereis conhecer esses claros avós e prezá-los de verdade, consultai de preferencia os trabalhos de Pedro Taques, de Capistrano, de Taunay, de Oliveira Viana, e compulsai os documentos do tempo que só agora estão sendo exumados dos hipogeus dos arquivos: as atas das municipalidades, os inventarios e testamentos, as narrativas dos primeiros viajantes, as cartas dos primeiros missionarios. Entrareis assim na intimidade dos nossos maiores, e podereis com algum esfôrço de imaginação acompanhá-los na vida aspera dos primeiros tempos, em luta incessante contra o selvagem e o pirata, e a natureza formidavel, privados do confôrto mais elementar, morando em

casas de taipa de mão, cobertas de palha, vestindo o burel grosseiro, e, com tudo isso, lavrando a terra, expulsando a floresta, semeando cidades. Mais tarde, quando a conquista se consolida, é a arrancada para o sertão em busca dos braços que os latifundios reclamam e depois á procura do ouro e das esmeraldas. Ei-los que vão, para o desconhecido, arrastados pelas águas voraginosas do Tietê; e devassam a mata impérvia; e galgam as serranias agrestes, e palmilham a vastidão intérmina dos campos. Aqui, a maleita; acolá, o bugre insidioso; adeante, a fera bravia; mais além, o deserto, a fome, a sêde. Que importa? Avançam sempre. Alcansam de um lado o rio da Prata; de outro, o Paraguai; chegam ao coração da Baía, do Ceará, do Piauí, atingem as margens do Amazonas. Voltam os mais felizes. De tal forma envelhecidos e desfigurados, que, por vezes, os parentes se recusam a reconhecê-los. Mas dentre os que partem quantos ficam no caminho! Nenhum deles se esquece, quando a morte se aproxima, de fazer o seu testamento, "afim de pôr a alma no caminho da salvação". Êste se declara "doente de uma frechada no sertão dos Abueus"; estoutro "doente de uma mordedura de uma cobra"; aquele "doente de uma doença que Nosso Senhor lhe deu neste sertão dos Carijós"... Em cada uma dessas frases bem se percebe um mundo de sofrimentos e de heroismos.

Tanto bastaria para que nos envaidecessemos de nossa linhagem. Mas, alêm de uma heroicidade sem par, os nossos antepassados eram de uma altivez sem limites, de uma honestidade sem jaça; e é o que mais deve engrandecê-los aos olhos da posteridade.

Se a todos aproveita, o conhecimento da vida da humanidade e particularmente da patria constitúi um dever essencial para nós outros, homens da lei.

Em sua oração, tão suculenta na substância quanto formosa na forma, o vosso intérprete, meus jovens colegas, abordou,

com felicidade, um dos pontos que eu tinha escolhido como tema desta minha pobre alocução.

Corre ventapôpa, desde muito, a afirmação de que a Constituição de 1891 não tem raizes no que se costuma chamar vagamente a realidade brasileira. Dois escritores contribuiram, sobretudo, para a difusão dêsse preconceito em nosso meio: Alberto Torres e Oliveira Viana. Ambos ilustres. Nenhum deles infalivel. Alberto Torres (quem o diz é Leví Carneiro) sofreu como ninguem as decepções da politicagem no seu Estado, e, por isso mesmo, em toda a sua obra se percebe o travo dessas amarguras. A Oliveira Viana (peço venia para dizê-lo) falta, apesar de seu merecimento invulgar, a qualidade essencial a todo homem de ciencia, que é, para servir-me de uma expressão de Paulo Bourget, a submissão ao objeto. Não se utiliza dos fatos que observa para edificar a sua doutrina. Serve-se deles para justificar os seus pontos de vista preconcebidos e assentos.

Para assegurar como costumam fazer dogmaticamente os nossos Bryce de pechisbeque, e os nossos Cooley de cacaracá, sugestionados pelos exemplos daqueles dois eminentes pensadores, que o pacto de 24 de Fevereiro representa apenas uma obra de ideologos, sem atenção ás condições do meio, é preciso desconhecer um ou ambos os termos da equação: ou a Constituição, ou o Brasil, ou êste e aquela.

Quais são, com efeito, os principios cardeais da Constituição de 1891?

Primeiro, a fórma republicana. Mas, quando se proclamou a República, essa fórma de govêrno era uma aspiração que datava de mais de um seculo. Morreu por ela Tiradentes em 1789. Os revolucionarios de Pernambuco em 1817. A idéa reaparece na Constituinte de 1823. Triunfa um momento com a Confederação do Equador em 1824. Ressurge no Parlamento depois do 7 de Abril. Em 1835 levantam-na de novo os farroupilhas de Piratinim. Em 1837 chega á Baía a vez de manifestá-la. Ergue-a como bandeira de Partido em 1870

a fação avançada do liberalismo. Começa então uma propaganda tenaz, que se estende por vinte anos. Pode-se dizer, sem pecar contra o Espirito Santo, que fosse um exotismo no Brasil de 1891, uma idéa que vinha assim repontando, com breves intermitencias, durante um seculo?

Segundo, o regimen federativo. Nada mais conforme ás condições geograficas e ás tradições do país. O nosso particularismo (escreve Manuel Bomfim) teve a mesma origem daquele de toda a America. Foi o produto de uma ressurreição feudal, determinada pelas necessidades da colonização. As donatarias tiveram cartas outorgadas, como o primeiro estabelecimento inglês nas costas da Virginia. Muito de indústria, para que se não formasse a conciencia nacional, a Metropole conservou sempre desunida, em compartimentos estanques, as várias capitanias. De sorte que, até o comêço do seculo passado, não havia brasileiros. Havia, sim, paulistas, gaúchos, baianos, pernambucanos, paraenses. Por isso mesmo, proclamada a Independencia, a Federação, que fôra o sonho dos Inconfidentes, lança raizes na opinião pública e só não logra verter-se em realidade pela resistencia que lhe opuzeram os Andradas, receiosos de que ela trouxesse comsigo o desmembramento. Logo, porêm, a revolução pernambucana de 1824 arvora a bandeira federativa. Por volta de 1830 surgem na capital do Imperio varios órgãos de imprensa, como o "Republica", o "Tribuno", a "Luz Brasileira", em que se préga abertamente a República Federal. Depois do 7 de Abril, é no parlamento que a idéa repercute. A' Camara dos Deputados são apresentados em 1831 varios projetos, em que sucessivamente se propõe que o govêrno do Brasil seja federal; que, vitalicio na pessoa de Pedro II, se torne, depois, temporario, na pessoa de um presidente das provincias confederadas; que cada provincia nomeie uma assembléa para fazer a sua constituição particular. Não preciso lembrar o pensamento em que se plasma o Ato Adicional, onde se concedem franquias consideraveis ás provincias de então; nem preciso recordar que, deturpado esse Ato

pela lei interpretativa de 1840, conquista dos elementos reacionarios, São Paulo e Minas se levantam de armas na mão em defesa de suas prerrogativas. A descentralização, no verdadeiro sentido do "self-government", é um dos pontos por que se batem os liberais históricos e progressistas no manifesto de 1879. A Federação figura no do Partido Republicano, lançado a 3 de Dezembro do ano seguinte. Passados quinze anos, Joaquim Nabuco apresenta um projeto destinado a satisfazer as velhas aspirações do povo brasileiro. Em 1889, é todo o Partido Liberal que se decide pela monarquia federativa; e Ouro Preto, representante maximo da ala moderada, inclúe entre as promessas de seu govêrno, que seria o último do regimen, a autonomia dos municipios e a descentralização das provincias. Ao mesmo tempo, em São Paulo, Antonio Prado se converte ao novo credo. E ha quem diga que uma idéa assim vigorosa e radicada na conciencia nacional, constante do programa de todos os partidos, foi sancionada levianamente, pelos constituintes de 91!

Terceiro, o presidencialismo. A escolha estava limitada, ao tempo em que se votou a Constituição, entre o sistema parlamentar e o sistema presidencial. Qual deles o mais consentaneo com as tradições e as necessidades do país? Consentaneo com as nossas tradições não era o parlamentarismo. Tivémo-lo sómente "in nomine", durante o segundo Imperio. Confessam-no todos quantos têm estudado a evolução política da nacionalidade. "O imperador impera, governa e administra", proclama-o da tribuna do Senado, em 1869, o visconde de Itaboraí, presidente do Conselho. Basta dizer que em 1853 a pasta da Guerra é confiada a Belegarde, sem assento em nenhuma das Camaras, para mostrar o que foi entre nós a comedia parlamentarista. O sistema parlamentar não era consentaneo, de outra parte, com as nossas necessidades. São os proprios Oliveira Viana e Alberto Torres que o confessam, quando reclamam o fortalecimento do poder central.

Estais vendo, meus queridos amigos, por essa amostra, quanto é oportuno, em momentos de confusão como êste, a consulta ao passado. Tem toda a razão Emilio Faguet, quando escreve que o radicalismo ou extremismo é a molestia dos políticos que não sabem história.

Ainda bem que, pelo órgão do vosso orador, demonstrais compreensão exata da gravidade do momento e dos remedios que reclama.

As suas palavras, que traduzem o sentimento de toda a turma, nos enchem de orgulho e de esperança.

Perguntaram certa vez a Lafayette o que tinha feito ele pelo triunfo de suas convicções liberais durante o govêrno despotico do primeiro Napoleão. Aquele, a quem Montalembert chamou o mais cavalheiresco dos revolucionarios, aquele que nos dois mundos verteu sangue pela liberdade, respondeu simplesmente: "Conservei-me de pé".

Quando um dia vos perguntarem o que fez esta Faculdade durante a noite que pesa sôbre a nossa terra, podeis responder que ela, toda ela, mestres e alunos, se mantiveram coesos, de pé, de cabeça erguida, com os olhos voltados para Deus, confiantes na redenção, pelo direito, de São Paulo e do Brasil.

ALCANTARA MACHADO

O socialismo e Saverio Nitti

Alguns jornais sul-americanos, não confiando nos intelectualistas indigenas, deram em contratar a colaboração de homens afamados da Europa do Ocidente, que fracassaram ou se acham em vesperas de aposentadoria. E esses homens afamados, nababescamente pagos pelos aludidos jornais, cumprem a sua missão com tal desprêzo pela inteligencia dos habitantes das nações latino-americanas, que não se pejam em subscrever as maiores enormidades em materia de economia e tambem em materia de sociologia. No meio em que vivem, eles não teriam a coragem, quero crer, de repetir amiudadamente, como o fazem em bojudos artigos, sofismas escandalosamente ineptos, que já foram pulverizados, ha algumas dezenas de anos, por publicistas da propria burguesia.

Poincaré, Lloyd George, Mussolini e tantos outros, que figuram na lista dos colaboradores das empresas jornalisticas de Buenos Aires, Rio de Janeiro e S. Paulo, têm ludibriado, já não direi os leitores, mas os pequenos capitalistas, que neste continente exploram a indústria da publicidade. Não lhes faço a injustiça de supô-los inteiramente ignorantes ou imbecis. Vivendo em lugares de mais cultura, e sobretudo de mais necessidade — que é a fonte das belas intuições, — evidentemente que devem conhecer, ao menos pela rama, as teorias revolucionárias que tanto agitam a Europa. Mas, nas suas fraudulentas e melifluas arengas para exportação, timbram em embaralhar doutrinas e taticas dos partidos avançados, e com tama-

nha desfaçatez que se tem a impressão dêles nos julgarem tão sómente uns indios ou negros broncos, incapazes de qualquer raciocinio, e portanto impossibilitados, por deficiencia mental, de apreender idéas e conclusões.

Entre os tais colaboradores, que defendem as delícias da burguesia — isto é, as delícias do desemprêgo, da ambição desenfreada e das guerras-negocios, destinadas a exterminar as massas produtivas, que se tornaram revolucionárias, — entre tais colaboradores está o sr. Francisco Saverio Nitti, apontado como economista e como político de visão supreendente. Foi presidente do conselho de ministros na Italia, e faz questão fechada de colocar, por baixo do seu nome, a designação do alto cargo que exerceu. Como se a designação fosse assim uma especie de marca de fábrica, muito acreditada nas praças e bolsas... da opinião pública!

Compreende-se. Julga o velho liberal-democrata que, dêsse modo, fica a coberto de quaisquer críticas por parte dos botocudos dêstes Brasis, que ajudam a engordar os financeiros das duas "citys", Nova York e Londres. Mas não é possivel silenciar ante o acervo de sofismas que ele pacientemente engendra durante uma semana, para depois atirá-lo de chofre sôbre as colunas impassiveis dos jornais de pêso.

Um dos seus ultimos artigos, inserido a 6 de março dêste ano no "Estado de S. Paulo", intitula-se "O bolchevismo russo e a sua propaganda internacional". Nunca vi tantas inverdades, tantos erros e tantos paralogismos, como nas quatro colunas e pico em que Saverio Nitti tentou explicar, a uns bobos alegres que de S. Paulo lhe escreveram, os resultados da experiencia socialista na Russia. Cada periodo dêsse artigo daria margem, a qualquer neofito do marxismo, a uma dissertação cabal e esmagadora.

Não me proponho a dissertar sôbre todos os periodos, porque, além de ocupar espaço demasiado nesta revista, descambaria para uma estafante enunciação de principios socialistas, conhecidos atualmente por quasi todos os operarios e pequenos

burgueses esclarecidos. Mesmo operarios e pequenos burgueses dêste pobre continente, cujos habitantes são ridicularizados pelos arrogantes "civilizados". Limitar-me-ei a apanhar alguns periodos mais positivos, ou mais dogmaticos, em que não haja dúvidas quanto ás afirmações neles contidas.

Bolchevismo e Socialismo

Comecemos por êste trecho de Nitti: "Antes do mais, deve-se considerar que o "bolchevismo" russo é a negação total do socialismo, que não é o comunismo, mas apenas um *imenso capitalismo de Estado,* e o Estado não é expressão de uma livre vontade dos cidadãos, mas de uma minoria irresponsavel".

Onde leu, o insigne economista, que "bolchevismo" é sinonimo de socialismo ou de comunismo? Em que obra de Lenin, de Stalin ou de Trotsky, se faz essa deplorabilissima confusão? Basta estudar a origem das duas palavras para se verificar a diferença entre uma e outra. Apenas uma simples questão de lexicologia, e não de economia ou política. Bolchevismo significa — quantas vezes será necessario repetí-lo? — programa maximo, e teve a sua voga quando se deu a cisão, em 1903, no Partido Operario Social Democrata da Russia. Os que não concordaram com o condutor Lenin e a maioria do partido, formaram a minoria, os "manchevistas", com Plekhanof, Martof e outros. O Partido Operario Social Democrata da Russia, pela sua maioria (bolchevista), desde então teve por escopo derrubar o cezarismo, e construir ao depois por etapas (consta isto do "Manifesto Comunista" de Marx) o socialismo ou comunismo, que é a essencia daquele. Não se pode confundir o "meio" — o bolchevismo em ação revolucionária — com o "fim" — a realização do socialismo integral.

Ainda hoje os discipulos dos primeiros bolchevistas têm o cuidado de acentuar que não se está em presença do regime ideal. "Em marcha para o socialismo", isto, sim, é o que se tem escrito, com frequencia, em livros, manifestos e relatorios

dos construtores de uma nova ordem de coisas em todo o Universo. Para preparar o advento da Renascença, foram precisos quatro seculos; e o advento da Revolução Francêsa, três; e o do socialismo... provavelmente um seculo, ao menos. E a revolução proletaria começou sómente ha treze anos!

Que na Russia não existe o "comunismo", porém um imenso "capitalismo do Estado"... E quem o contestou? Todos os leais teoricos do marxismo reconhecem que, de feito, se implantou na Russia o "capitalismo de Estado". Mas ha dois "capitalismos de Estado", fundamentalmente antagonicos.

No seu opusculo "Tatica do P. R. C.", Illich Ulianof explica qual é esse antagonismo, quando se refere á criação da NEP. Diz ele: "O imposto em nature implica, na verdade, a "liberdade do comércio". Esta liberdade implica, por sua vez, a "liberdade do capitalismo". Nós o afirmamos com franqueza e o sublinhamos. Não temos interesse em escondê-lo. A liberdade do comércio implica a liberdade do capitalismo sob uma nova forma — a do capitalismo do Estado. Mas o capitalismo de Estado, numa sociedade em que o poder pertence ao capital, e o capitalismo de Estado proletario, são duas coisas bem diferentes. No Estado capitalista, o capitalismo de Estado é reconhecido no interesse da burguesia, em detrimento do proletariado. No capitalismo de Estado proletario, ele é reconhecido e controlado pelo Estado, mas em proveito das classes trabalhadoras".

A esta incisiva e clara explanação de Lenin ainda se podem ajuntar as considerações de um escritor de talento, o peruano Cesar Vellejo: "A Russia tem um capitalismo, porque o capital está nas mãos do Estado, que o administra, em nome do operariado. Esse papel de capitalista é, por enquanto (quer dizer, durante o periodo em que a Russia estiver em marcha para o socialismo) absolutamente necessario e inevitavel e seguirá sendo enquanto exista o Estado, e enquanto o processo de socialização de relações de produção, no campo ou na oficina, não seja completo e não tenha acabado, com ele, o último vestigio

do sistema capitalista. Ao passo que, em regime individualista, o *capitalismo de Estado* é unicamente patronal e burguês. O *capitalismo de Estado,* neste caso, não faz mais do que retirar, aos patrões dispersos, o privilegio das atividades economicas do país, assumindo a gerencia e a propriedade delas, porém deixando intacto o regime da produção capitalista".

"...e o Estado, na Russia — pondera Nitti — não é a expressão de *uma livre vontade de cidadãos*". Tambem se sabe isso. Mas, qual será a concepção *nittiana* do Estado? O Estado é o produto de antagonismo entre classes que se degladiam. Uma classe apodera-se dos meios coercitivos para explorar a a classe rival. No sistema capitalista, os possuidores ilegitimos da propriedade, da indústria e dos transportes, tratam de oprimir e rebaixar os homens que trabalham. No Estado comunista, ou melhor, sovietico, a classe antes oprimida, por intermedio dos seus representantes, cuida de destruir a resistencia dos antigos possuidores, exigindo-lhes obediencia e trabalho. O Estado na Russia é transitorio, pois, lutando contra a burguesia, interna e externa, tende a suprimir as classes — objetivo supremo do socialismo.

As profecias de Marx

Continua o estadista italiano, no seu arrazoado: "A concepção de Carlos Marx era de que o comunismo final devia ser a consequencia da extrema concentração do capital, do capitalismo elevado, pelos progressos da tecnica, ao seu maximo desenvolvimento. Previa Marx (e verificou-se perfeitamente o contrário) a diminuição gradual das classes medias por efeito da concentração da riqueza e da penuria, sempre crescente, dos trabalhadores. A sua concepção determinista, que dava a luta de classes como alavanca da História, fazia-lhe supôr a derrocada do capitalismo, justamente no apice do seu desenvolvimento".

Ora, não me consta que Carlos Marx, em alguma das suas obras, aprazasse a queda irremediavel do capitalismo para um determinado ano, mês ou dia. Nem a podia aprazar, porque o grande pensador teutonico não era um insensato. A decadencia de um regime ou sistema político-social tambem se processa por intervalos, mais ou menos longos. Tambem se processa por fluxos e refluxos. Se se fizer um apanhado dos principais fatos históricos, desde que se conhece a humanidade, observar-se-á que as decadencias são, por via de regra, a princípio lentas e só depois precipitadas. E mesmo após a catastrofe, ainda ficam vestigios do regime ou sistema destruido, por efeito da vitória daquilo, a que Hegel, com a sua dialetica, dava o nome de "Idea logica". O Imperio Romano, por exemplo, teve uma agonia prolongada. A invasão dos barbaros do norte foi como que a *obstétrica da História,* segundo uma velha imagem socialista. E ainda hoje restam vestigios daquela civilização caduca. O que é a organização externa da Igreja Catolica Romana senão uma reminiscencia da faustosa época imperial dos cesares?

Apenas para argumentar, comparemos a queda do Imperio Romano com o que tem ocorrido com o capitalismo moderno. E examinando-se os fatos em seu conjunto, ter-se-á que admitir a capacidade de previsão do autor do "Capital". Só a cegueira ou a má fé poderão assegurar que o capitalismo não se vai debatendo, ha mais de cincoenta anos, numa crise agudissima e cada vez mais insoluvel. Marx não precisou as várias modalidades dessa imensa crise. No tempo em que viveu, não poderia imaginar que o capitalismo, por instinto de conservação, operasse várias manobras de recuo, algumas realizadas com exito na Inglaterra, Alemanha e França. Manobras de recuo, que se efetivaram por meio de concessões minimas ás classes oprimidas, que perderam, por isso mesmo, o impulso revolucionario para cumprir a sua missão histórica.

Mas, mesmo com as manobras de recúo, consumou-se a concentração anarquica da riqueza. Primeiro na Inglaterra, e,

quando ela ameaçava deslocar-se para a Alemanha, rebentou a grande guerra de 1914. A qual, por sua vez, provocou a deslocação da riqueza para os Estados Unidos. Aqui, porém, o vaticinio de Marx foi completo. No país de Hoover, ha cinco anos pouco se falava no Comunismo, que é o "ensino das condições necessarias para a libertação do proletariado". E porquê não se falava? Porque o proletariado, em virtude de fatores conhecidos, se aburguesara lamentavelmente.

E era natural que se aburguesasse. Os operarios de outras nações dependentes, como as da America do Sul, pagavam e ainda pagam "a mais valia", usufruida pelos gigantes das finanças e seus comparsas. Eis que, de repente, em 1929, estala a formidavel organização economico-financeira do Estado capitalista-tipo, considerado exemplo, padrão ou modêlo. O "crack" da bolsa de Nova York e a quebra de inumeros bancos, provocados pela super-produção, deixam rapidamente na miseria doze milhões de operarios. Só operarios? Ainda mais: a classe média foi atingida pela inedita e pavorosa derrocada. Engenheiros, medicos e empregados andam hoje pelas ruas das grandes capitais, ombro a ombro com os homens de blusa, mendigando pão ou trabalho, consoante as suas energias ou a sua conformação moral.

E' irritantemente capciosa a alegação de que a Russia, sendo um "país de economia primitiva, em que o capitalismo estava ainda nos seus primordios", não podia adotar o comunismo. Carlos Marx não afirmou que da concentração da riqueza, NESTE OU NAQUELE LUGAR, resultaria a vitória das classes trabalhadoras. O capitalismo é um fenomeno internacional e os seus efeitos daninhos se fazem sentir em toda parte onde ele impera, por meio de agentes diretos ou indiretos. A Russia, antes de outubro de 1917, estava atrasadissima nos processos da exploração da sua indústria e agricultura. Entretanto, adotava o mesmo sistema capitalista das potencias do ocidente, que a financiavam para contar com a sua enorme população no mo-

mento em que houvessem de desvencilhar-se de embaraços e contradições.

Para o exito de uma revolução de grande vulto, como a que se destina a derrubar um sistema, fortemente assentado em alicerces lançados por tantas gerações, não se ha de começar justamente no centro, onde esse sistema tem maiores elementos de defesa. Foi por essa razão que fracassou a Comuna de Paris. A revolução proletaria começou na Russia, como poderia ter começado em qualquer outro continente de "agricultura ou indústria atrasadissimas", que porventura sofresse a influência desastrada do capitalismo.

"O Fenomeno Russo"

O interessante é que, no mesmo artigo, Saverio Nitti — não fosse ele da patria de Antonio Labriola — tem rebates de conciencia, reconhecendo algumas vantagens materiais da experiencia socialista na vasta nação slava. "Mas o comunismo — resalva logo, para não desagradar os seus fregueses — é apenas um fenomeno russo, para seu uso proprio, e não serve para outros povos".

Tal o seu estribilho, no referido artigo. Em cada parágrafo das suas macissas quatro colunas, faz aquela patetica resalva. "Mas a tentativa socialista de Moscou é um fenomeno russo..." A pobreza de argumentos não é patrimonio dos imbecilizados; infelizmente, os chamados homens cultos da burguesia, porém insinceros, caem nessas aberrações do espirito.

Sómente "fenomeno russo" — porque? Porque a ditadura do proletariado recorreu á violencia para esmagar os representantes da classe capitalista? Porque o *cesarismo* está na massa do sangue dos slavos? Mas o proprio *cesarismo,* como a palavra o indica, não é fenomeno russo. Deve sabê-lo Nitti, mais do que qualquer outro publicista, pois nasceu na Italia, em cuja capital, a "Roma eterna", se forjou o *cesarismo*. A civilização do Lacio, estendendo-se para Oeste e para o Norte da

Europa, no couce da sua bagagem levou os exemplos dos imperadores, que fizeram a grandeza e a decadencia de Roma. O *cesarismo* foi fenomeno que se manifestou em terras de Espanha, na França, na Inglaterra, na Alemanha e finalmente na Russia. Fez a trajetoria, de que arrojadamente nos dá notícia Oswald Spengler, no seu livro "A decadencia do Ocidente".

Pedro, o Grande, da Russia, foi um *cesarista,* influenciado pelo ocidente europeu e não pelo oriente slavo ou asiatico. Como ninguem ignora, esse désposta, rompendo com as tradições e costumes da sua gente, tentou europeizá-la. Será que, para *europeizar,* ou melhor, para estabelecer metodos de um sistema social em visivel declinio, as ditaduras são legítimas, normais, consequentes? Saverio Nitti assim o julga. Num trabalho seu de ha um ano, publicado no mesmo "Estado de S. Paulo", o preclaro estadista faz um enternecidissimo elogio de Mustafá Kemal Pachá.

Palavras suas, que transcrevo na íntegra: "Mustafá-Kemal-Pachá, na Turquia, realisou uma obra grandiosa, cujos efeitos se farão sentir em todo o mundo. Onde existia um povo em dissolução, criou uma nação; onde existia um povo primitivo e ignorante, criou um Estado moderno, e tentou, ao mesmo tempo, *europeizar* a Turquia. O mais importante é que feriu de morte o velho clericalismo do Islam, e criou, entre as nações mussulmanas, uma corrente de vida que as impele para a civilização ocidental."

Admiravel êste homem de Estado, que se arvorou em jornalista! Como Mustafá-Kemal-Pachá implantou o carcomido liberalismo? Usando de toda a violencia para os que compro-metiam a sua obra. Prendeu, deportou, fuzilou os elementos, que julgava inuteis e perigosos por se conservarem fieis aos costumes e á rotina tradicionais. O turco de Angorá, para realizar o liberalismo, mostrou-se um discipulo consumado de Jorge Sorel e um emulo de Benito Mussolini. Semelhante contradição significa que Saverio Nitti admite o "cesarismo libe-

ral", mas não tolera o "cesarismo socialista", que é, tirante a impropriedade da expressão, o avanço, o progresso do genero humano...

Não e não. Se a classe possuidora, a capitalista, tem o seu "cesarismo", é justo que a classe "despossuida", vítima historica daquela, tenha tambem o seu "cesarismo"... Fóra daí não ha fugir. Pouco valem, para o caso, as formas, os artificios e as artimanhas com que se engrinalda uma civilização em ruinas.

Liberalismo, presidencialismo, parlamentarismo... A proposito de parlamentarismo, mais um exemplo para terminar estas observações e contraditas. Onde nasceu o parlamentarismo, essa forma burguesa de govêrno? Nasceu na Inglaterra. Quando esta estava no seu apogeu economico, os demais povos trataram de a imitar em tudo. E destarte, o parlamentarismo, *fenomeno exclusivamente britanico,* se propagou bem depressa por todo o Ocidente europeu, pelas colonias da Africa e da Oceania e pelos paises coloniais da America. Quem aplica o criterio marxista a êstes fatos, não estranhará o sucedido. A Inglaterra tinha o monopolio dos metodos capitalistas, então considerados os melhores, e imperava em todo o mundo. Os outros povos não fizeram mais do que ir na sua esteira, afagando a esperança de lograrem o mesmo poderio.

O sistema socialista, aos poucos, vai demonstrando a sua superioridade sôbre o sistema capitalista, como o reconhecem os mais notaveis economistas burgueses. E não será de estranhar que o "fenomeno russo", o fenomeno sovietico, o fenomeno "cesarista" da classe oprimida — se espalhe inevitavel e fatalmente por todo os paises do globo, onde perdura a opressora "exploração do homem pelo homem".

ANTONIO FIGUEIREDO

Luiz Aranha
ou
A Poesia Preparatoriana

Fazem dez anos que se realizou em São Paulo a Semana de Arte Moderna. Ninguem celebrou essa data e não era mesmo possivel celebrá-la. Os que tomaram parte nela, que querem bem ela como em geral a gente ama os fatos dignos de sua vida passada, êsses terão sempre que sentir um certo pudor em falar na Semana de Arte Moderna.

Demonstração, tão inconcebivel em nosso meio culto, de falta de seriedade academica, de coragem intelectual e confiança no presente, de coletivismo condescendente mas liberrimo, de processos americanos de anunciar, meio que parece vanglória a gente se rever nessas grandezas. Porquê só muito pouca gente poderá aceitar como grandezas essas qualidades. São sim. Quem considere a historia de nosso passado artistico, ha-de perceber o que representa como conquista creio que habituada agora á vida brasileira, êsse fenomeno espantoso. Foram a falta de seriedade academica, a confiança no presente, a coragem intelectual, e o coletivismo que conquistaram pela primeira vez em Arte ao brasileiro, a virgindade. Já não falo apenas dêsse direito, afirmado pela Semana de Arte Moderna, de pesquisa dentro do atual e do novo, do direito de errar enfim, que só exatamente a virgindade pode ter. Falo mas é dessa falta de, dessa falta de malandragem intelectual, essa inocencia gran-

de que nos identifica com a vida, tornando esta um viver-se esportivamente, e não um meio que nos dará a vitória no fim do jôgo. Um bocado precariamente pra me fazer mais entendido: o malandro economiza e quer ganhar o jôgo; o virgem desperdiça e o que quer é jogar. As figuras de Ronald de Carvalho e de Graça Aranha ilustram perfeitamente êsses dois tipos. Ronald de Carvalho, por tudo o que tem sido a sua atuação e obra literaria, é o tipo do que joga no certo; talvez mesmo êle seja um prototipo exageradamente perfeito do malandro intelectual. Graça Aranha, exatamente o contrário: passando de "subjetivismo dinamico" a "objetivismo dinamico"; pregando "liberdade absoluta" e se condoendo dos que o trairam no caso da *Viagem Maravilhosa;* amoral e exigente de moralidade; fingindo acreditar na Academia e brigando serio com a Academia; certo de si mesmo, vaidoso, ambicioso, rúim sem nunca ser perverso; cuidadoso em não se prejudicar mas se prejudicando a todo instante, por uma generosidade intelectual irregular mas insopitavel: Graça Aranha é o tipo, não exagerado, do virgem. Talvez ele tenha um bocado exageradamente permanecido na volupia de desvirginar-se, no direito de errar... Mas é um rio. Ronald de Carvalho é uma camelia branca.

Tenho medo, está claro, de insistir nesta antitese, que reconheço precaria, mas a virgindade que a Semana de Arte Moderna doou ao artista brasileiro como habitat da sua imaginação criadora é importante demais. Decorrem dessa virgindade os aspetos que me parecem mais essenciais da nossa literatura contemporanea: atualismo, universalismo pragmatico, realismo psicologico. Me explico: Toda virgindade está prêsa á realidade, consequencia direta da lição do corpo. Creio que não terá ninguem no mundo que negue á contemporaneidade artistica brasileira essa submissão á realidade que nos tornou imediatamente atuais. Pouco importa que os meios de transporte nos tornem presentes os livros e tendencias aparecidos hoje no mundo. Olavo Bilac ia prá Europa, em pleno seculo vinte, e voltava reparnasianizado. Nosso atualismo é consequencia di-

reta da observação da realidade contemporanea. Amor do jôgo e não do ganho. Ainda a observação da realidade nos permitiu afinal conceber o que temos de ser, brasileiros e americanos, pra contribuirmos de alguma forma ao enriquecimento da humanidade. Daí o universalismo pragmatico, a pesquisa (de primeiro forçada...) do nacional, ao mesmo tempo que nos libertavamos da tendencia estreitamente regional; a relativa descentralização da arte no país; e, milhor que tudo isso, a procura das tradições, que obumbra Marajó e favorece o Aleijadinho, ignora o Indianismo e revitaliza o amerindio, desdenha o "porquê me ufano" e busca fixar a ressonancia historica da nossa tristeza. Sei que tem exemplos dêsse atualismo e dêsse universalismo (porém não pragmatico) em nosso passado, Gregorio de Matos, Manuel Antonio de Almeida, Visconde de Taunay, Alexandre Levy... Mas são raros e inconcientes quasi todos os fenomenos que representam. E ah! que malandros todos êsses Anchietas, Rocha Pitas, Durões e Gonzagas, José Mauricios e Carlos Gomes, Franco Velascos e Valentins, Magalhães e Gonçalves Dias — artes mais ou menos bonitas que gozaram e gozam com justiça, as galas e regalias da prostituição.

Quanto ao realismo psicologico, isso nos conduz ao caso do poeta Luiz Aranha Pereira. O que importa aqui não é apenas verificar que a submissão á realidade contribuiu pro excesso de personalismo e a multiplicação de teorizações esteticas. O fenomeno realmente importante e decisivo do nosso realismo psicologico, foi a fixação conciente do conceito do *intelectual*. (Está claro que êste, como os outros, não são fenomenos peculiares ao Brasil. Apenas se tornaram nossos tambem). Nós hoje nos debatemos sofridamente ante os problemas do homem e da sociedade, com uma conciencia, com um desejo de se solucionar, de conquistar finalidade, com um desespêro pela posição de fóra-da-lei inerente ao intelectual de verdade, que jamais os artistas do passado brasileiro não tiveram. Basta conceber, por tudo o que nos deixaram de obras,

de confissões, de vida, como foram faceis de adaptabilidade, inconcientes de seus problemas individuais e humanos, um poeta social pragmatizado como Castro Alves, ou um "au dessus de la melée" tão irredutivel como Machado de Assis, pra verificar que o problema do intelectual só veiu perturbar a criação do artista brasileiro na epoca atual. Hoje estamos preocupados em voltar ás nascentes de nós mesmos e da arte. Surgem os traidores dissolutos, convictamente injustos, socializados, revertendo tudo á sua fé catolica ou á sua fé comunista. Surgiu o pragmatismo estetico que nem um Silvio Romero foi capaz de ter. Em arte surgem os diversos primitivismos, os cubismos, os sobrerrealismos, etc. Outros, menos capazes da heroicidade dessas traições, vivem num dualismo acomodaticio, buscando seccionar a obra em partes nitidas, uma autoritaria e utilitaria, outra livre e pessoal, como António de Alcântara Machado, eu, e o caso curioso de Paulo Prado, cuja parte livre não se realiza em obras impressas mas na sua atuação nos meios artisticos de São Paulo e do Rio. Outros aceitam a insolubilidade do intelectual com uma ferocia irredutivel, como Manuel Bandeira, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade. Êstes ainda são poetas, fazem poesias, suas obras derivam de seus amores, criam amor; porêm os que fazem a prosa dos ensaios e aspiram conservar a insolubilidade do intelectual e permanecer "au dessus de la melée", êsses irritantemente confrangem as *suas verdades* a uma discreção invertebrada, que nem sempre consegue ocultar o que pensam e aspiram. Serão talvez os que sofrem mais, por isso mesmo que mais irresolutos em sofrer. E na certa que se enxergam enormemente confundidos com o atualmente impossivel diletantismo. Enfim todos nós estamos concientes da nossa amarga posição de intelectuais, e movidos pelos fantasmas que nascem dêsse medo. Uma situação maldita.

Com Luiz Aranha se deu um fenomeno comunissimo: mandou a arte á fava e se fez burguês mansinho. Coisa que sucede com todos os estudantes de Direito no geral... O

caso de Luiz Aranha é porêm notavel não apenas pelas qualidades excepcionais do poeta, como pelas causas que o levaram a emudecer. Si todos os moços poetas, pintores, musicos, abandonam a arte devorados pela vida prática, Luiz Aranha largou a arte pra que ela não o devorasse. Dominado por um realismo psicologico, facil de demonstrar na evolução das suas poesias, não teve a coragem de Blaise Cendrars que ao chegar ás soluções esteticas extremas de lirismo psicologico dos *Poèmes Élastiques,* abriu outro caminho com o *Formose* e com *L'Or,* escrevendo como se falava, contando o que era a humana e social verdade. Luiz Aranha preferiu abandonar os seus fantasmas. Não sei si pra sempre, pois que se conserva ainda numa vida interior de perfeito intelectual. Hoje êle realiza a comoda posição do intelectual fóra de classe. Porêm mesmo que recomece um dia, lhe será impossivel retomar os aspetos da poesia que realizou. Fazem justo dez anos que emudeceu. E estudando-o agora, numa obra que embora pequena, é completa em si, ao mesmo tempo que nos culpa do esquecimento em que o deixâmos, tenho a sensação exata de estudar um poeta que acabou.

Realmente eu conheci Luiz Aranha depois que êle já passara pela estação dos sonetos. Enquanto esta passava, parece que cheia de estrofes, rimas e necessario aprendizado tecnico, eu era amigo dos dois irmãos mais velhos dêle. Nossas familias moravam a quarteirão e meio de distáncia. Se frequentavam. Apesar disso eu não via o meninote de ginasio, magro, pequeno de corpo e bastante inexistente. Mas veio o escandalo de meados de 1921, quando a publicação em jornal de algumas poesias de *Paulicea Desvairada,* me transformou num átimo, de puro espirito invisivel a bobo mór da intelectualidade... urbana de São Paulo. Não aconselho a ninguem essa posição. A mais imediata desgraça que causa é um subito desconforto espiritual, uma falta de assistencia, deserto tamanho em que a repulsa de todos, explicavel e tão humana, aparece apenas como

vasta ingratidão. E pra quem se entrega em toda a generosidade, não tem nada que puna mais que a ingratidão.

Foi quando Luiz Aranha se deu a conhecer. Então, não apenas o fisico e psicologia consequente, o tornavam retraido, mas tambem os versos que trazia na mão. Estava já poeta que extravagava muito da ambiencia cultural brasileira, fazendo poemas que ás mais das vezes nasciam sob o signo de Whitman e de Verhaeren. Eram dêste genero as poesias que mais praticava.

O Vento

Não gosto do vento da cidade,
Que parece um velhinho,
Tropego e cansado, com as barbas brancas,
A caminhar devagarinho
Pelas calçadas,
Batendo ás portas de mansinho.

Tem um gemido a cada passo
O vento reumatico no espaço,
O vento sem orgulho e sem maldade,
Da cidade.

Sou moço e forte, adoro a fôrça e o valor,
Abomino o temor,
Amo o orgulho hostil e a maldade bravia
Quando provêm da rebeldia.

Amo o vento selvagem da campina,
Rapido e rebelde
Como um corcel raivoso que se empina
Sacudindo a crina.
E' um bando de centauros em guerra e em furia
Sorvendo o ar com fôrça e com luxuria,

O ar que queima os seus pulmões sadios,
Ferreos, heroicos e bravios.
Galopam doudos com o chefe á frente
Os centauros frementes.
Rodopios...
Ouço os relinchos
Dos guerreiros equipedes aos pinchos.
Curvam-se as flores a tremer e a dansar
Liturgicamente
Ante os herois que vão no chão a galopar
Brandindo lanças na guerreira dansa
Ou aos pinotes pelo ar...
Sobe a poeira do chão em turbilhão...

Gritos de dôr, lamentos de vencidos,
Longos gemidos,
Relinchos, tropel e alarido...

Amo-te, oh vento da campina,
Que és o galope de centauros rebeldes, de centauros bravios,
Desfraldando no ar as bandeiras da crina
Na cavalgada, e em arrancos
Cabelos brancos pelos flancos,
Fremindo, carpindo, nitrindo, rugindo
Hinos de guerra
Na marcha imensa que nos aterra!
Quando farto dos combates,
Dos inimigos que abates
Tu te retiras na tua gruta,
Fatigado da luta,
Deixas pender dos muros da caverna
Os trofeus que tu trazes da vitoria
No teu orgulho imenso da conquista,
Vento visivel á minha vista!

Muito fraco, doentio, se compreende êsse aspeto de violencia que será uma das caracteristicas da sua poesia. Criava assim uma obra medicinal, sadia, inspiradora de confiança, em que se curava das doencinhas perigosas, do fisico, e harmoniosa timidez. Os temas preferidos dessa fase seguem a terapeutica de Verhaeren, o poeta avança animado por ilusões metalicas, escrevendo sobre *O Tunel, A Ponte, O Trem*:

Trem, tu que corres nos trilhos,
Imensos braços de aço
Sobre o leito com brilhos
De calhaus e vidrilhos,
Tu és mais livre que meu pensamento
Entorpecido e lento.

Oh trem!
Nada no espaço te detem!
Si vejo a tua corrida brava
Meu pensamento
Tem um surto violento
Para seguir teu impeto de guerra
Até os confins da terra.

(O Trem)

No primeiro em data dos seus tres poemas longos, a *Drogaria de Eter e de Sombra,* escrito em fins de 1921, são numerosos os traços dessa poesia corretiva. "A Iliada do meu coração exaltado!", "Minha sinceridade de guerreiro franco", exclama na incapacidade de sopesar uma espada. Noutro passo do poema, o que vê duma fábrica sonhada, não são as lutas financeiras nem os beneficios humanos. Apenas a forçura das aparencias:

Laboratorio quimico
Cadinhos retortas balões vidros copos termometros tubos

Vasos e alambiques
Grande fábrica de produtos quimicos sobre o rio Tietê
Grandes conduções de agua com reservatorios e tanques especiais

Pontes que se fecham e se abrem
Elevadores e chaminés
Volantes roldanas caldeiras carretilhas
Vagonetes turbinas canos maquinas e aparelhos eletricos
Chave especial de uma estrada de ferro
Trens internos para uso exclusivo da industria
Os fios telefonicos e eletricos são uma rede sôbre a fabrica.
O mundo é estreito para minha instalação industrial!...

No mesmo poema, nesta página esplendida pela tempestade das imagens, o poeta se revê nos seus demonios:

Sou Poeta!
E todos os barulhos não valem a resonancia do meu craneo!

A multidão arrastando-se na cidade
O tripudiar de um piquete de cavalaria
Bondes desabalando frenesis de velocidades
Um milhão de máquinas de escrever batendo frenetica simultaneamente todas as suas teclas
Letras se suspendendo em pontas de tentaculos
Villes Tentaculaires!
Morrer como Verhaeren esmagado por um trem!
Um expresso internacional do Alaska á Terra de Fogo espalhando pela America os viajantes da drogaria
Vidros que partem no cimento com risos de mulher histerica

Os telefones desabaladamente as campainhas
A raiva do que pede ligação pela quinta vez!
Os carros de bombeiros rolando paralelepipedos

Apitos vozaria e alaridos
O atropelo dos automoveis depois de um grande match
de foot-ball
Buzinas rouquidões motores algazarras
O vento correndo sobre pneumaticos
Rugindo pelo espaço
Porque ele é um automovel que buzina
Uma partitura de Stravinski
Executada por quinhentos homens numa estação ao partir
de trens
Silvos de vapor como rojões fugindo pelo espaço
As rodas guinchando sobre os trilhos
Pistões zabumbas pratos e timbales
Portas batendo apitos campainhas
Sinos cambalhotando nas locomotivas como nas maquinas
da Sorocabana e da Central
E o trem que estruge pela gare a fóra
Oh! a loucura dos meus auriculares!

¡Enfim vejamos a página final dessa *Drogaria,* cheia toda ela de passos admiraveis E' um dos momentos felizes da poesia de Luiz Aranha:

De tarde
A luz andava
No vale verde do Anhangabaú...
Oh! o seu canto louro e triunfal
Seu exaltado canto de agonia!
No horizonte
O fogo líquido fervia
Em vasos de ouro ambar e marfim
E transbordava pelos bordos claros
Por sôbre os tetos de malacacheta...
As janelas sangravam
E as casas fugindo á luz do poente
Em tropel entravam pelo vale...

Eu cantava:
Amo a tarde de carnes incendidas
Que me penetra e que lateja em mim!
Bebo com labios que sussurram
Êste vinho de luz que jorra pelo espaço
Até sentir a embriaguez da luz...
Estes rios de sons que golfam do ocaso
Incendiados de clarins
Penetram na minha alma resequida
Com tanto impeto e com tal ardor
Que sinto em mim resplandecer a vida!...
Ardo na exaltação que os passos me conduz
E não sinto meu pêso sobre a terra
Porquê meu corpo é um jacto de luz!...

Nesse 1921 o poeta completara apenas os vinte anos! Já por duas vezes nestas citações se pôde perceber o poeta nos seus amores confessados. Amor ao vento da campina, numa estrofe final que é um primor de ritmo e amor á tarde violenta que o embriaga. Os fenomenos violentos são os que mais ama:

Amo-te ponte de ferro e de madeira
Rasgada pelo trem numa carreira...

(A Ponte)

E bem caracteristicamente, acaba *O Tunel* dêste jeito:

Eu, que admiro tudo
Que vejo pela Terra e pelos céus,
Amo tua fauce tetrica e parada
Em que o trem penetra
Como um punhal de luz no coração da treva...
Amo tambem o que tu simbolizas:
A sombra hiante da morte,
Tunel de minha vida...

A passagem me parece muito fraca. Citei-a pelo em que caracteriza o poeta. Mesmo dentro dessa poesia medicinal, vem sempre escolhida a versão caotica e devastadora das violencias pra que o poeta se retrate em sua inferioridade fisica. Ama a ponte *rasgada* pelo trem; o ar bom *queima* os pulmões sadios do vento; o tunel da vida do poeta é a sombra hiante da morte; a tarde *o vence* e lateja dentro dêle, a luz o *embriaga,* os sons o *penetram com impeto e ardor;* e quando se confessa poeta é numa visão cataclismica, devastando-se duma vez.

Junto dêsse aspeto procurado e por isso mesmo mais caracteristico de Luiz Aranha como ser, a verdade do rapaz fazia miniaturas delicadas. Verhaeren desaparecia, e com frequencia o brasileiro, muito lido prá idade, se recordava dos poetas conhecidos da Asia. Eis uma passagem gosada em que na *Drogaria* por meio duma possivel associação de imagens, funde a sua japonesice de emprestimo a uma aspereza quimica de perfeita ausencia de sensualidade:

...Teus belos olhos pardos de avelã estavam "rasgados
á feição de amendoa"...
Não me viste
Viraste o rosto ao passar
No Brasil, no Japão eras a mais bela das desdenhosas!
Mas quando passavas por mim subia do meu coração á
minha boca um hino de palavras brancas...

Minha musmê!...
Minha flor de cerejeira
Glicinia roxa que pende na minha alma
Flor do lotus vermelha
Na margem do meu lago da ilusão
Vem á minha morada e serás a flor mais bela do meu
jardim encantado de sonhos!
Virás toda vestida branco!

Quando deixares o teu lar se acenderão os fogos de purificação!

Amo-te como amo a primavera
As cerejeiras de rosa e de neve
O espêlho corrente do regato
A flor do cacto
O aroma verde dos matos
Carbonato
Fosfato
Citrato
Azotato
Acetato
Nitrato
Sulfato
Clorato
Tartrato
Silicato
E o poder colossal de um sindicato
De drogas!...

Adora os haicais. Na propria *Drogaria* nos dará dois primorosos:

Pardas gotas de mel
Voando em torno duma rosa
Abelhas.

Jogaste tua ventarola para o céu
Ela ficou prêsa no azul
Convertida em Lua.

Eis outras miudezas:

Vagalume

Vês uma pedra azul
Que baixa e que se eleva?
E' da pulseira
Dos braços de ebano da treva...

Estelario

...o céu...
Porquê o olhas tanto tempo
Com os teus olhos castanhos
Como duas gotas de mel
Atravessadas de luz?

Pois não vês?
As estrêlas são abelhas
Para a colmea da Lua...

Aqui o poeta bota olhando o céu um amor de olhos castanhos que lhe atravessa toda a obra. Porém na verdade quem olha e está obsecado pelo céu é ele. O proprio estelario, ele o explica mais graciosamente neste

Epigrama á Lua

Odalisca,
Nos coxins de paina do céu...
Olá
Tu deixaste romper o teu colar de perolas...

Mais tarde, todo o *Poema Pitagoras* versará sobre uma visão mirabolantemente geometrica do céu. A Lua concorre frequentemente ao lirismo do poeta e está entendida assim na *Canção de Louco*:

Em uma noite de melancolia
Perguntei eu á Lua nova que brilhava:
— Quem és tu e que fazes pelo céu?
Ela me respondeu:
— Sou uma concha da balança
Em que se lança
O sofrimento humano...
— E a concha do prazer? perguntei eu.
— Era tão leve que sumiu no céu!...

Alêm da frequencia dos metros normais e das rimas, esse lado conceituoso, facil dos outros gostarem, era o que Luiz Aranha trazia da sua fase sonetistica. Mas, resultado duma alheia experiencia, puramente intelectual, o poeta facilmente o abandonará. Logo não fará mais dessas coisas pouco liricas, pra sujeitar a sua qualidade poetica aos impulsos da exclusiva experiencia pessoal. Si perde muito quanto a ideas e se torna duma pobreza quasi indigente de inteligencia, si pueriliza a qualidade intelectual da sua poesia, saberá descobrir um lirismo inedito, e nos dará experiencias e sentimentos vividos, deliciosos como aquela descrição do prazer da enfermidade, no *Poema Giratorio,* ou o maravilhoso verso do *Poema Pitagoras,* que terei milhor ocasião de citar

Esse foi o poeta que me apareceu no desconfôrto. Esse, mas ainda sem a *Drogaria de Eter e de Sombra.* Nos ligamos logo em perfeita amizade intelectual que naqueles tempos se auxiliava duma presença constante. Me envaideço mesmo de ter de alguma forma provocado o aparecimento do Luiz Aranha original. O maltratava com uma crítica exasperada que não perdoava senões e blagueava, desprezando, sobre o excesso de "uns" e possessivos galicos nos versos dêle. Depois o levava de viagem pelas minhas inquietações sobre o conceito de Poesia como arte e sobre a natureza psicologica do lirismo. Os livros de Blaise Cendrars, de Max Jacob, de Apollinaire, de Cocteau que então estavam me chegando, muitas vezes era

Luiz Aranha quem os devorava primeiro — o que não deixava secretamente de me despeitar. Até hoje não me sinto em condições de perdoar pra êle, o ter afirmado antes de mim, a excelencia do *Du Monde Entier*. Blaise Cendrars explodiu de madrugada em nós. Pra Luiz Aranha então foi decisivo, pois dum passo do *Du Monde Entier,* em que o poeta se entrega sem mais contrôle intelectual nenhum á associação de imagens, Luiz Aranha faz agora o princípio basico da sua poetica.

Surgiram cronologicamente a *Drogaria de Eter e de Sombra* e nos primeiros seis meses de 1922: o *Poema Giratorio* e o *Poema Pitagoras*. Nestes dois o poeta levava ás últimas consequencias o associacionismo de imagens. Prá natureza do poeta, e prá carencia natural nos 21 anos de dados vividos pessoalmente, em quem tendia pra assuntos sociais, êsse associacionismo subconciente era uma salvação. Já estava livre da poesia sonetisticamente conceituosa. O esfôrço de relacionar as ideas ou de observar os fenomenos comesinhos da vida quotidiana; o desprêzo pelos temas já feitos, em quem não se dispunha a cantar tematicamente os seus amores e as paisagens que o cercavam, mas, embora duma forma muito infantil, só queria saber de catastrofes, de engenharias, de roubos e guerras: tinham que fatigar uma vibratilidade intensa, abalada inda mais pela falsa grandeza da mocidade. Luiz Aranha se entrega ao associacionismo, limitando ao minimo a construção dos poemas. Esse minimo consiste em não esquecer nunca a idea geratriz.

Agarrado a essa idea de mera função estrutural, deixa a subconciencia agir livre, pelo menos o quanto lhe permitem os sequestros do rapaz timido, de boa familia, bem educadinho. E as associações de imagens, os delirios, os sonhos, irrompem numa disparada de estouro maluco, num sobrerrealismo avant-la-lettre algumas vezes, nos dando o íntimo do poeta. Estava então malferido ainda pelas inquietações dos preparatorios, exames dolorosos, como serão sempre os do poeta, perdendo neles os tres quartos do que sabe. Luiz Aranha inventa a poesia preparatoriana. Essa é a sua grande originalidade.

Note-se: não estou dizendo que ele cantou a poesia dos exames de preparatorios. Isso não seria de grande proveito, apenas um tema poetico a mais. A originalidade, a contribuição curiosissima de Luiz Aranha está em ter realizado o estado lirico da psicologia preparatoriana. Luiz Aranha é o poeta ginasial por excelencia, o unico poeta ginasial que conheço. A poesia dele cheira a ginasio. Ha nêle uma sofreguidão de ajuntar noções aprendiveis de-cór que nos dá a imagem palpavel dos fins de ano letivo. Se observe êste passo do *Poema Pitagoras*:

Ir ao Egito
Como Pitagoras
Filósofo e geometra
Astronomo
Talvez achasse o teorema das hipotenusas e a tabela da
multiplicação

Não lembro mais
Preciso voltar á escola
O céu é um grande quadro negro
Para crianças e para poetas
Circunferencia
O circulo da lua
De Venus traço junto a ela uma tangente luminosa que
vai tocar algum planeta ignorado
Uma linha reta
Depois uma perpendicular
E outra reta
Uma secante
Um sector
Um segmento
Como a Terra que é redonda e a lua circunferencia ha de
haver planetas poliedros planetas conicos planetas ovoidais
Correndo em parabelas não se encontram nunca
Trapezios de fogo
Astros descrevem no céu circulos elipses e parabolas

Os redondos encostam-se uns aos outros e giram como
rodas dentadas de maquinas
Sou o centro
Ao redor de mim giram as estrêlas e volteiam os celestes
Todos os mundos são balões de borracha coloridos que
tenho presos por cordeis em minhas mãos
Tenho em minhas mãos o sistema planetario
E como as estrelas cadentes mudo de lugar frequente-
mente
A lua por aureola
Estou crucificado no Cruzeiro
No coração
O amor universal

(Se observe ainda no *Giratorio* o passo que abre com "Delirio da febre...")

Nem é tanto a avidez de saber o que distingue êsse ginasialismo, porém o estado pernostico do rapaz que aprende e gosta logo de praticar o que aprendeu.

A poesia dêle se torna um popurrí de noções livrescas, colhidas em livros de estudo, livros de leitura ginasiana, obras classicas, romances célebres, poetas preferidos. Se observe a importante petulancia dêste *Poema Eletrico,* dirigido á amada, na *Drogaria de Eter e de Sombra*:

Poema Eletrico

Querida
Quando estamos juntos
Vem do teu corpo para o meu um jacto de desejo
Que o corre como eletricidade...

Meu corpo é o polo positivo que pede
Teu corpo é o polo negativo que recusa...
Se um dia eles se unissem
A corrente se estabeleceria

E nas fagulhas desprendidas
Eu queimaria todo o prazer do homem que espera...

O que caracteriza o ginasialismo do poeta nessa página mais curiosa que boa, é que a eletricidade não serve só de metafora prá criação, antes vem exposta didaticamente. Porquê o rapazelho gosta de mostrar o que aprendeu. Num poema que citarei depois, *Minha Amada,* se observará ainda a que ponto chega a exposição didatica das noções aprendidas, com a imagem do disco de Newton. Mas vem disso mesmo um encanto subtil: é que da propria puerilidade das noções emana o perfume especifico de Luiz Aranha, pois caracteriza o ginasialismo dêle.

E' uma delícia a gente surpreender no *Poema Pitagoras,* o poeta comparando o céu da noite a um "grande quadro negro". Outra delícia milhor, surpreender a comoção do poeta ante bibliotecas:

...quando a biblioteca de Alexandria era uma fogueira
iluminando o mundo **(Poema Pitagoras);**

Incêndio na minha biblioteca de Alexandrinos! **(Drogaria);**

E vi arder a fogueira em que o imperador Huang-Ti man-
dou queimar os livros sagrados **(Drogaria)...**

E mais esta ventura de reação ginasiana ante um iletrado vendedor de drogaria:

Meu companheiro
Tu me pedias sempre uma história amorosa que me tives-
se abalado a vida
Mas nunca me davas tempo para a minha
Porque dizias logo um segrêdo teu
História de hontem

História do ano anterior
Ou da tua adolecencia...
Eu acreditava como acreditava na existencia de Homero...
Muitas mulheres iam visitar-te na drogaria
Recebias cartas de amor
Preciosidades
Excitação!...
Elas eram tua unica biblioteca...
Lias o catalogo da casa sem saber de Whitman Dante
¡Shakespeare e Homero
A mulher te bastava.
Tinha uma Odisséa teu coração ingenuo
E eras feliz...

(Drogaria de Eter e de Sombra)

As associações o levam a puerilidades de indiscreta erudição juvenil como a sucessão Galileu-Josué-Hebreus-Mar Vermelho, a lembrança de Jean Valgean, ou nos ensinar que "foi o franciscano José de la Roche Daillon" quem descobriu Niágara (*Poema Giratorio*). Surgem as citações de livros (*Villes Tentaculaires; Paulicea Desvairada*), de nomes de artistas (Stravinski, Whitman, Verhaeren), de versos ("Les chats d'ebène et d'or ont traversé le soir"; "E as mãis que o som terrivel escutaram, aos peitos os filhinhos apertaram"; "rasgados á feição de amendoa", (*Drogaria*), de palavras fóra de uso em quem não tinha nada de pedante ("axorcas", "quem me quitaria")... Parafraseia trechos célebres:

Canta Musa a colera de Aquiles
Filho de Peleu
Colera desastrosa para os Aqueus
Que precipitou numa drogaria um moço poeta
Dando sua carne em pasto aos cãis e ás aves carniceiras!

(Drogaria de Eter e de Sombra)

E toda essa informação não é apenas pueril pelas noções adquiridas em livros de estudo: é ainda encantadoramente ba-

rata, colhida em jornais, eu-sei-tudos, cinemas. Deixo ao leitor descobrir essas coisas no *Poema Giratorio*, que por ser a evocação do tempo de ginasio, é tambem a obra-prima do preparatoriano. Vejamos a *Drogaria*:

Mas não ha China nem Japão
Perdi **o jornal** *que estava lendo* exclama a horas tantas.

Logo de início vem esta informação barata:

No centro da cidade
Triangulo de ouro e Sol,
A drogaria era uma gruta de sombra...
Como na Italia
A Gruta do Cão
Cheia de acido carbonico,
Na drogaria o eter tomava conta da atmosfera...
Não obstante
Minha pituitaria se habituou a êle,
Como a vista se habitua á sombra...

E mais tipicamente:

Eu lia um jornal:
Todos os telegramas todos os artigos todos os anuncios
Acontecimentos universais
Campanha da Polícia contra a toxicomania...
Eu droguista não podia vender cocaina morfina e opio
Mas poeta queria provar o suco da papaveracea como
Quincey e Coleridge!

Caracteristica ainda é a comoção ante a eficacia pública do jornal, o menino descobriu o que vale o jornal, "No dia seguinte notícia em todos os jornais!", a preocupação das entrevistas, frases-feitas jornalisticas, que tudo está visivel no *Poema Giratorio*.

Mas não apenas os temas, as noções, as tendencias colhidos na obra de Luiz Aranha, lhe demonstram o ginasialismo. Muito mais subtil e importante é verificar que da idade do rapaz ginasiano é que deriva a tecnica dêle. A passividade extrema que lhe permite realizar um associacionismo ininterrupto de imagens e de noções aprendidas de-cór (que não é propriamente a associação de ideas, formando juizos, tirando de tudo uma filosofia *derivada* da experiencia pessoal...), essa passividade que lhe permitiu fazer da associação de imagens a base quasi que unica da sua tecnica, é possivel apenas ao rapaz. E especialmente ao rapaz preparatoriano, a quem os exames, as lições, os estudos obrigam durante dois lustros, a uma atitude psicologica... catecismal, de perguntas e respostas, passiva. O rapaz não ginasiano, ajudante de pedreiro, empregado de drogaria, agregado de fazenda, já não pode adquirir essa atitude porquê a premencia da vida e a sua aventura economica o obrigam a uma reação contínua, a uma atividade intelectual defensiva, a um se esconder sob uma floresta de andaimes morais. Muito embora êstes andaimes sejam simplistas, não passem de proverbios, refrãos, morais de fabula, decretos ideologicos imediatos: sempre implicam uma atitude intelectual ativa, uma associação de ideas enfim, um funcionamento prático da experiencia e da conciencia que ajude a vencer na luta pela vida. O preparatoriano é o sêr perguntado que não responde o que sabe, mas... o que lhe ensinam. A sua atitude psicologica é passiva. Luiz Aranha aceitando um associacionismo descontrolado de imagens, caracterizou assim definitivamente a personalidade ginasiana, e não sei de quem tenha alcançado a virtuosidade dêle na associação de imagens. E' a associação expluindo em puras sucessões de palavras, de movimentos ritmicos, de sensações visuais, auditivas, olfativas, de noções decoradas. E de pequenas paisagens ou dramas telegraficos, a que o descontrole intelectual do poeta permite uma intensidade lirica, efusiva, barulhentamente juvenil, e, si não convincente, sempre incontestavel. Um dos seus ultimos poe-

mas, do livrinho *Cocktails,* foi êste *Poema Pneumatico* por muitas razões interessante, e que demonstra bem a virtuosidade do poeta na associação de imagens. O delirio associativo do poeta o leva não apenas a substituir a entrada em assunto pelas associações dêsse assunto em toda a primeira estrofe, como, em toda a segunda estrofe, realiza uma paisagem derivada das sensações de automovel em viagem, provocada pela associação com a panne indesejavel. Mas esta viagem associada termina com uma *panne,* o que reconduz o moto lirico ao assunto da poesia. Porquê como inteligencia do assunto do poema, êste só começa na terceira estrofe! Este processo, costumeiro no poeta, de não se perder na associação, mas fazer com que ela o reconduza ao assunto do poema é aceitavel como mecanismo psicologico do subconciente e já o expliquei na *Escrava que não era Isaura.* Neste mesmo *Poema Pneumatico,* desde o verso "A vitrine é um palco", toda a parte final que é uma tempestade de associações de toda a casta, usa o mesmo processo. Com habil elasticidade a noção "drama (de adulterio)" leva a espetaculo, a povo espectador, e reconduz ao assunto inicial, pois tem gente espiando o concêrto do automovel.

Poema Pneumatico

O bolchevismo na sargeta
Todas as explosões são revolucionarias
Triangulo
E uma bomba de vidro faz parar
Explosão
Sincope
Não creio no pneuma dos stoicos
Mas os pneumaticos arrebentam
Que aborrecimento!
Não ha mais 75 cavalos
Nem velocidade cor de vidro
Os roncos do motor

O vento se estortega
E desmancha meu cabelo seus dedos
Na colmeia dos pulmões o enxame do ar zumbe
Bandeira de pó agitada quando passo
Os patos voam
E meu sangue termometro subindo
Rapidez
Panne

Oh! a curiosidade popular!
Noite
O sorriso feliz dos transeuntes
Letreiros luminosos
Anuncios luminosos
Broadway faz angulo com a Quinta-Avenida
Arranha-céus
Vista pela lente da lua São Paulo é Nova-York
A vitrina é um palco
Num cartaz o retrato da prima-dona
Uma india
Neste cenario não pode ser o Guarany
Nem o Guaraná
O bonde na curva berra uma fôrça indomita
Não ha mais orquestra
A vitrina é um palco
Drama de adulterio
Uma dama em camisa perto do leito
Divan almofada abat-jour
O povo se aglomera
Meu automovel chama a atenção
Sou um espectador a quem se pede e que esqueceu o bilhete-posse de sua frisa

Todos me olham
Vexado
Coberto de pó

Vindo de Santos
A bomba na mão do chauffeur
A febre intermitente do motor
A camara de ar se enche de um orgulho burguês
Escrevo este poema concerta o pneumatico furado
Domingo
8 ¼ na Casa Michel

Dedução natural ainda da passividade intelectual e do associacionismo de imagens, é a rapidez. A rapidez em Luiz Aranha não é uma adopção de moda modernista. Tecnicamente é uma consequencia fatal dos seus processos de poetar. E psicologicamente é uma sublimação terapeutica surgida desde as primeiras manifestações da sua poesia e atravessando ela inteira. O poeta ama as manifestações acalorantes, curativas de rapidez. Sua tematica se enriquece de assuntos viatorios (o *Tunel,* a *Ponte,* o *Trem*), confessa adoração pelo vento, não o vento reumatico da praça, mas o galopante das campinas; se inspirará em telegramas anunciando viagem, e sofrimentos duma parada como nêsse *Poema Pneumatico.* Quanto á velocidade tecnica não careço exemplificar. O *Poema Giratorio* é um gasto voluptuario de velocidade, e uma das mais notaveis criações dinamicas que conheço. O leitor observe como apressa gradativamente a leitura e se esbofa numa disparada formidavel ao findar.

O pernosticismo, a amorosidade execravel do ginasiano que nos enche os ouvidos de noções sabidas, a extrema puerilidade dessas noções, tudo isso Luiz Aranha converte numa florada lirica faiscante, estontecedora pela rapidez. Veja-se êste final do *Pitagoras*:

Meu cerebro e coração pilhas eletricas
Arcos voltaicos
Estalos
Combinações de idéas e reações de sentimentos

O céu é uma vasta sala de quimica com retortas cadinhos
tubos provetes e todos os vasos necessarios
Quem me quitaria de acreditar que os astros são balões
de vidro
Cheios de gazes leves que fugiram pelas janelas dos la-
boratorios
Todos os quimicos são idiotas
Não descobriram nem o elixir da longa vida nem a pedra
filosofal
Só os pirotecnicos são inteligentes
São mais inteligentes do que os poetas pois encheram o
céu de planetas novos
Multicores
Astros arrebentam como granadas
Os nucleos caem
Outros sobem da Terra e tem uma vida efemera
Asteroides asteriscos
Bolhas de sabão!

Os telescopicos apontam o céu
Canhões gigantes
De perto
Vejo a lua
Acidentes da crosta resfriada
O anel de Anaxagoras
O anel de Pitagoras
Vulcões extintos
Perto dela
Uma piramide fosforecente
Piramide do Egito que subiu ao céu
Hoje está incluida no sistema planetario
Luminosa
Com a rota determinada por todos os observatorios
Subiu quando a biblioteca de Alexandria era uma foguei-
ra iluminando o mundo

Os craneos antigos estalam nos pergaminhos que se queimam

Pitagoras a viu ainda em terra
Viajou no Egito
Viu o rio Nilo os crocodilos os papiros e as embarcações de sandalo
Viu a esfinge os obeliscos a sala de Karnak e o boi Apis
Viu a lua dentro do tanque onde estava o rei Amenemat
Mas não viu a biblioteca de Alexandria nem as galeras de Cleopatra nem a dominação dos inglêses
Maspero acha mumias
E eu não vejo mais nada
As nuvens apagaram minha geometria celeste
No quadro negro
Não vejo mais a sua nem minha pirotecnica planetaria
Rojões de lagrimas
Cometas se desfazem
Fim da existencia
Outros estouram como demonios da Idade Media e feiticeiras do Sabbath
Fogos de antimonio fogos de Bengala
Eu tambem me desfarei em lagrimas coloridas no meu dia final
Meu coração vagará pelo céu estrela cadente ou bolido apagado como agora erra inflamado pela terra
Estrela inteligente estrela averroísta
Vertiginosamente

Enrolando-o na fieira da Via-Lactea
Joguei o pião da Terra
E êle ronca
No movimento perpetuo
Vejo tudo
Faixas de cores
Mares
Montanhas

Florestas
Numa velocidade prodigiosa
Todas as cores sobrepostas
Estou só
Tiritante
De pé sobre a crosta resfriada
Não ha mais vegetação
Nem animais
Como os antigos creio que a Terra é o centro
A Terra é uma grande esponja que se embebe das tristezas do universo
Meu coração é uma esponja que absorve toda a tristeza da Terra

Uma grande palpebra azul treme no céu e pisca
Corisco arisco risca no céu
O barometro anuncia chuva
Todos os observatorios se comunicam pela telegrafia sem fio
Não penso mais porquê a escuridão da noite tempestuosa penetra em mim
Não posso matematizar o universo como os pitagoricos
Estou só
Tenho frio
Não posso escrever os versos aureos de Pitagoras!...

Página genial, dum sôpro epico raro conseguido em poesia brasileira. Na secura exterior esconde uma tristeza, uma furia pessoal que range as suas impossibilidades, e um amor humano verdadeiro que forneceu ao poeta a imagem do coração-esponja absorvendo a tristeza da Terra. O maior dos seus versos.

Sem ser propriamente um poeta precoce, pois tem 21 anos, Luiz Aranha consegue realizar nos tres poemas longos um verdadeiro caso de menino-prodigio. Domina a materia lirica e a plasma com uma segurança mascula que não deixa de ser bas-

tante tragica. De fato a gente percebe que ela se confunde muito com aquele mimetismo irracional, aquela fatalidade... zoologica que torna o menino-prodigio tão desumano e impiedoso. Os processos e temas de Whitman e Verhaeren, versos enumerativos, assuntos denunciadores de civilização, tudo isso vira de repente função necessaria, invenção direta, fatalidade realistica do ser ginasiano que pela primeira vez criava uma poesia preparatoriana. Sem que êle mesmo se apercebesse do que estava fazendo. Com o fiat aprioristico dum Mozart de 4 anos, um poldro, um girasol. E observem: Com a atualidade os nossos rapazes liricos e mesmo poetas feitos cairam no tema das primeiras idades da infancia. Mas por não poderem se converter mais nessas idades afastadas, fizeram obras de recordação e evocação. Luiz Aranha, em vez de voltar á infancia, volta apenas á primeira esquina, á idade do ginasiano em preparatorios, que por proxima êle pode viver em vez de recordar, ressentir em vez de evocar, cantar em vez de contar.

Considerando esteticamente, se verifica por isso a lição admiravel que encerra o caso dele. Luiz Aranha, que vinha dê Whitman e de Verhaeren, tão "impuros" na sua estetica, tão socializados e pragmatizados, conserva na fase dos poemas longos, uma qualidade lirica eminentemente fiel a si mesma. Apesar de longos, o que já por si é antilirico e contrariante do mecanismo psicologico do lirismo. Isso proveio dos seus processos de poetar nessa fase. Proveio do total abandono, ou quasi, da associação de ideas e substituição dela por todas as especies possiveis de associações de imagens; do abandono muito amoral dos interesses intelectuais do individuo; proveio principalmente da evocação *inventada,* em substituição de evocação *contada* duma realidade transacta, esta última servindo só de ponto-de-partida.

Verifico milhor esta última afirmativa: Não revivendo coisas duma idade afastada, mas do seu proximissimo periodo preparatoriano, Luiz Aranha não está preso a nenhuma me-

moria fixa, a nenhum quadro de parede (que é como o passado se conserva em nós...) mas a uma memoria comovida, em formação ainda, movel, transformavel, alargavel e livre. O passado em nós é fixo, pobre de dados, rico de elementos essenciais. O passado proximo, que ainda nos interessa diretamente, de que dependemos imediatamente, é transitorio, excessivamente rico de dados, sem planos ainda pra distinguir nestes dados os elementos essenciais. Eis porquê a evocação (que geralmente só se compreende dum passado fixo; o poeta convertendo sempre o passado proximo ao presente, dizendo-o como quem vive e não como quem evoca...) eis porquê a evocação, sendo preliminarmente lirica pois brota duma precisão imediata do ser: se torna antilirica quando convertida a assunto do poema. O poeta é levado a descrever e está prêso intelectualmente a uma paisagem interior. Por mais livre que seja na escolha dos elementos dessa paisagem, por mais que os ajunte sem princípio, meio e fim: êle de fato deixa a impulsão lirica, abandona o ato imediato de criação pela descrição imediata duma verdade já fixa. Imutavel. Luiz Aranha, revivendo um passado presentissimo, não descreve, interpreta. Interpreta não no sentido prosistico de verificar ou adquirir conceitos, mas no sentido subconciente de se recomover — que é de resto a maneira universal dos poetas interpretarem em poesia o passado proximo. Porém não parou nisso a fidelidade lirica de Luiz Aranha, mas na propria escolha dos elementos por descrever, *que em geral nunca são duma realidade vivida por êle,* mas duma realidade *sonhada* por êle. O *Poema Giratorio* exemplifica bastante o que falo e me basta ajuntar que a *Drogaria de Eter e de Sombra,* e o *Poema Pitagoras,* se sujeitam á mesma escolha de elementos por descrever. Partindo dum possivel caso que sucedeu (emprêgo numa drogaria; febre escarlatina; estudo de Pitagoras), Luiz Aranha imediatamente se transporta pros sonhos, delirios, alucinações que teve, derivados dessas realidades. Se compreende: si o poeta descrevesse um sonho longinquo de que lhe ficou memoria, estaria prêso a uma verdade tão verdadeira como a realidade objetiva. Tive

um sonho que foi assim: e nos dava um quadro de parede. Si o enfeitasse, si o modificasse com dados novos (o que em primeira análise é absurdo conceber diante do realismo psicologico da poesia contemporanea...) poderia fazer uma coisa mais bela, não discuto. Mas nem a beleza é atualmente uma finalidade em poesia, nem estou me preocupando agora em salientar belezas da poesia de Luiz Aranha. Estou mas é estudando o seu caso estetico. Ora, pela proximidade dos sonhos que está revivendo, se percebe com que liberdade e admiravel fidelidade lirica, êle não está descrevendo sonhos, alucinações, delirios, fobias que teve, mas que está tendo. Em suma: não descreve sonhos sonhados, mas sonhos se sonhando, sonhos que estão em via de serem sonhados. A riqueza dos dados, a falta de planos separando desses dados os elementos essenciais, lhe permite isso. Qualquer das inumeras e deliciosas pequenas paisagens da *Drogaria de Eter e de Sombra* ou do *Poema Giratorio,* a pirotecnica de pesadelo do *Poema Pitagoras,* são frutos ocasionais dum mato virgem, e não as mangas de quem tem a certeza de possuir mangueiras no pomar. São frutos adventicios de estudos e leituras. E por isso falei atrás que, mais que convincentes, elas eram incontestaveis. A gente poderá contestar a "camisa aberta ao peito" de Casimiro de Abreu. Jamais contestará esta China ato reflexo. Sem originalidade, não convincente, mas inventadissima:

China.
Eu era discipulo de Confucio.
Queimava-lhe rolos de cera perfumada.
Auxiliei a construção da grande muralha
E vi arder a fogueira em que o imperador Huang-Ti mandou queimar os livros sagrados...
Ele perseguiu os poetas e letrados...
Poeta
Fui obrigado a fugir
Ocultei-me como pescador com corvos marinhos no rio de Cantão

Depois fiz-me droguista numa rua estreita e suja
Tapetes lanternas e letreiros
Taboletas sarapintadas de vermelho e preto...
Vendia opio sem receio da Polícia...

(Drogaria de Eter e de Sombra)

Se percebe que nada disto é a realidade. Nada disto é a alucinação sofrida, mas uma renovação de estado de fobias anteriores, criando uma paisagem sem identidade, liberrima, cujos elementos não estão presos a nenhuma fixidez. A propria exabundancia de dados em certos passos, como todo o roubo dos bancos e o cataclisma final do *Poema Giratorio,* provam, além da falsa generosidade juvenil, a esplendida fidelidade lirica que o poeta conseguiu.

Mas essa fidelidade ao lirismo se transformava agora em estado de conciencia, e já não podia mais satisfazer ao devotamento que o poeta queria lhe dar. Era sempre relativa. Havia a construção poematica, que principalmente, no *Poema Giratorio* com a gradação dos graus da febre, dando tão logico princípio, meio e fim ao poema, o tornava construido, firme nos seus planos, e obra-de-arte rijamente intelectual. O "Boletim Médico" dêsse poema, embora legítimo achado de lirismo, tinha um desenvolvimento intelectual, a que a reação defensiva da comicidade inda tornava mais infiel. Mais lirismo! mais pureza, mais dedicação!

Essa ambição da verdade, êsse realismo psicologico, essas angustias esteticas estragavam o ente virginal, e agora nós vamos assistir á morte do poeta em Luiz Aranha. De repente não me trouxe versos mais. As paixões estavam ruminando por dentro. A dolorosa lição dos *19 Poèmes Élastiques* de Blaise Cendrars se avolumava dentro de nós dois, como incontestavel. Provocava em mim as anotações liricas desprovidas da "intenção de poema" que estão no *Losango Cáqui.* Mas a minha sensualidade me conservava sempre capaz de aceitar acomodações terrestres... Em Luiz Aranha, muito mais

um "intelectual", mais inadaptavel, mais perfeito em suas coragens, o estrago era maior. Se debatia já nas vascas dúa morte que mesmo êle estava longe de imaginar. Errava confundindo estilos e tendencias esteticas. Fazia versos todo descaminhado, se esperdiçando em simbologias faceis, voltando pra trás, porquê o vicio do associacionismo lhe deixara a boca torta; urgindo pela secura definitiva das anotações realisticas. De tudo isso está impregnado êste monstrinho que um dia me trouxe:

Passeio

A' noite
Asfalto branco da rua
Meu amigo catedral perto de minha cabana
Garôa
Salto de luz sobre os trilhos da treva
O vento varre meu pensamento
Uma aranha de um metro desce do ar
E o meu guarda-chuva sob o lampião aceso

Somos nós dois no passeio diario: minha altura catedralesca junto da pequenez fisica do amigo. Ha que notar a perfeição realistica das anotações. O guarda-chuva aberto que se integra na escureza, só adquirindo perceptibilidade sensorial quando debaixo dos lampiões. A surpreza da luz refletida de sopetão num polido de trilho, evidenciando êste. A suavidade do vento que varre o pensamento quando na companhia dum amigo íntimo, a gente se vai por aí, sem precisão de sustentar conversa, e aos poucos deixa mesmo de pensar em nada, vivendo só no confôrto maravilhoso de ser em mais de um. A aranha leva pra um detalhe curioso do poeta ginasial. Luiz não gosta muito de se chamar Aranha. Um nome dêstes se presta aos brinquedinhos bêstas de colegio. Causa sempre minusculas fobias. Não tem moço nenhum que não se preocupe com os trocados possiveis, originaveis do seu nome de familia. Ape-

sar duma produção poetica que não atingirá mil versos, Luiz Aranha quatro vezes se refere a aranhas. Duas vezes no *Poema Giratorio,* numa delas fazendo da Lua uma *grande* aranha de prata *galgando o céu.* Neste Passeio percebemos a aranha *aumentada* pelo seu fio, uma aranha enorme, dum metro! E ainda na *Drogaria,* êle se reconhece feliz entre as drogas...

Castelãs que fiaveis
Nos vossos fusos silenciosos
O bordado setineo das teias de aranha!

Enfim já no acabar dêsse ano de 1922, o poeta me aparecia com um livro a que, pelos cacoetes da epoca, dera o nome de *Cocktails.* Era o desastre definitivo. Uma hesitação mãi, em que as coisas bonitas ou dignas de interesse não eram mais suficientes pra justificar a existencia das poesias. Estas eram sêcas, avidas duma verdade que se convertia muito a simples dados da realidade objetiva. Seriam uns dez poemas talvez, e nas suas idas e vindas entre mim e Luiz Aranha, apenas me sobraram quatro. Os caracteres, as qualidades do poeta se suicidavam no turtuveio, na obediencia a lições estranhas, e sobretudo no apêgo a uma estesia preestabelecida. Se veja por exemplo, êste poema, em que a Laura do poeta surge pela última vez:

Minha Amada

Ha muito tempo que não penso em ti
A última vez que vi dansavas tango
O Jazz-Band se contorce
Passos de valsa Boston
Olhos castanhos
Gotas de mel cheias de luz
Tuas pupilas iam e vinham

Como gotas de ar em nivel de alcool
Muitas cores
Teu rosto era a palheta de um pintor
Teu cabelo um amontoado de pinceis
Prismatizante
Todas as luzes convergem sobre ti
Havia um cristal de interferencia
Um disco gira
Teu rosto é um disco de gramofone que se repete cem vezes mil vezes e que acaba por aborrecer
Cores primitivas
Compostas
Todas as cores se misturam
Tudo é branco
Teu rosto é um disco de Newton
E tu te confundes no tom geral

A última vez que te vi
Numa folha de parra
Eu comia um pedaço do polo
Teu coração
Ele se degelava em minha mão
Eu era um bussola
Teu rosto um quadrante
Uma roda
Uma helice
Um ventilador
Fui um discobolo
Meu disco
Agora tu és a Lua
De tempo em tempo desapareces
Sumiste
Não estás aqui
Nem em parte alguma

E como não te amo mais
Vou incluir este poema no meu livro COCKTAILS

Cito ainda o *Telegrama,* notavel pela viagem anterior que o poeta faz, entrando no telégrafo na vespera de viajar:

TELEGRAMA

Vim telegrafar
Devo partir
O telégrafo bate
Na estação
Dentro das grades do elevador o empregado é prisioneiro
na sua cela

Manobras

S P R
163

A campainha manda um som tremido
E o chefe sacode a bandeirola
Apito
Os ferros gritos
Choques de vagões
Locomotiva Moloch
Na ponte lindo manto de peles
Tu não morreste por ter tocado o zaimph de Tanit como
Salambô
WILLIAM - FOX - FOX-TROT-Wiliam--fox-fox-trot-
William-fox-fox-box
Locomotiva Carpentier jogando box pelo espaço
Só dás uppercuts
Com tuas luvas de ferro
As campainhas das estações marcam os rounds
Teu ring é o mundo
Xuixixixixixx
Poeta
Sofro a vaia da locomotiva como no Teatro Municipal

Diz-se impropriamente que sou futurista
Impressões
Erros da geometria euclideana
Os trilhos não são paralelas e se encontram antes do infinito

Na porteira todos esperam
Lavadeira a mulher de Atlas suspende o mundo ás costas
Pede-se trazer o dinheiro certo para facilitar o troco
Vim telegrafar
Parto pelo ultimo trem
Espere-me na estação
Luiz Aranha

Não deixei de chamar a atenção de Luiz Aranha prás imitações de outros poetas, que agora vinham brotar lucidamente nos versos dêle. Mas pelas proprias consequencias esteticas a que chegara e o livro denunciava, a excessiva passividade ante as associações e os dados percebidos sensorialmente, êle não podia recusar mais essas imitações, elas eram logicas! E, pelo esteticismo escancarado dêstes dois poemas, se vê o quanto o poeta se tornara conciente dos problemas da Poesia. Ou pelo menos do lirismo. Já não era mais o menino-prodigio; e a conciencia de si mesmo, dos problemas de arte, da função social do individuo, tornavam os versos dêle repudiaveis, sinão repugnantes, pro proprio Luiz Aranha. "A's vezes ainda sinto vontade de escrever umas coisas que me vêm, mas depois penso: praquê?", êle me dirá mais tarde. Tambem já teve o desejo de romances compridos, sem ação, análises psicologicas que desvendem o ser. Mas não tenta mais nada, não está fazendo nada em arte. Evidentemente êle terá êsses providenciais motivos de ocasião, que são as justificativas decisorias encobrindo a razão mais profunda que leva o individuo a artefazer. Mas pelas conversas já agora raras que tenho com o ex-poeta, a sua incapacidade de articulação dentro da vida, noto uma indecisão vasta em resolver de maneira impura, vital, o seu problema da Poesia.

Que aliás é nosso tambem... Os poetas contemporaneos, os concientes pelo menos, chegaram a êsse estado defeituoso de idealismo em que, purificando cada vez mais a Poesia, verificando cada vez mais o seu conceito e a sua realidade psicologica, ela se tornou mais bela que as poesias. Ainda muitissimos escrevemos poesias, mas estamos sempre convencidos que elas são inferiores á Poesia. Todo ato poematico em nós não é apenas um desvirtuamento do nosso idealismo: é uma concessão. E a quem se sentir de deveras poeta, essa concessão aflige como um vício. Mas Luiz Aranha é o tipo do puro. Não sabe trair. Não sabe aceitar. Julgo descobrir na mudez dêle uma saciedade radical. Não da Poesia. Das poesias.

MARIO DE ANDRADE

Populações paulistas (VI) (*)

8. O Italiano (conclusão).

Havendo estudado o imigrante italiano do ponto de vista psiquico e fisico e da sua temperatura de fusão com o nacional, vamos agora encará-lo sob o aspeto fisiologico. E ainda aí, ao nosso ver, é favoravel a análise a que o estamos submetendo.

De acôrdo com o Recenseamento Federal de 1920, a mortalidade do italiano em São Paulo é mesmo inferior á do nacional, o que se explica tendo-se em conta o fato dêste último englobar um contingente de certa importancia de negros e mulatos, que entram com proporções realmente espantosas no quadro da mortalidade do Estado. Mas os dados do Recenseamento Federal, infelizmente, não podem servir de base a qualquer cálculo nesse sentido, pois não são dignos de fé no que se refere á repartição da população por nacionalidades. Os questionarios eram respondidos pelos chefes de familia que davam nacionalidade errada a seus filhos, recenseados como estrangeiros (o italiano só compreende o *jus sanguinis*), embora nascidos no Brasil. Com esse criterio defeituoso (outro aliás não poderia ter sido adotado, convenhamos) o número de italianos foi muito majorado pelo Recenseamento, não correspondendo á realidade. Assim, a proporção tirada dêsse número

---

(*) V. ns. 1, 2, 4, 5 e 6.

majorado com o da mortalidade, teria certamente de ser mais baixa do que a referente ao nacional.

Isso, porém, não me impede a crença de que o italiano, no que diz respeito á mortalidade, nada perde em confronto com o branco paulista, apesar das diferenças organicas, deficiencias de uma e outra estirpe, que convem apurar e consignar.

O quadro da mortalidade geral na Capital acusa as seguintes proporções:

Mortalidade geral na capital . . .	10.4 % de italianos
Pelos disturbios do aparelho digestivo	10.7 %
Pelos disturbios do aparelho respiratorio	4.2 %
Pelo aparelho circulatorio. . . .	30.0 %
Pelo sistema nervoso	20.6 %
Pela tuberculose	3.6 %
Por doenças endemicas, epidemicas, sifilis, etc.	7.1 %

Esse quadro comparativo demonstra o funcionamento regular do aparelho digestivo do italiano, pois, figurando na mortalidade geral com 10.4%, na causada por disturbios dêsse aparelho figura com 10.7%. Quanto ao respiratorio, é ele magnifico. Justamente onde seria de esperar fosse o italiano mais vitimado, o contrário é que se verifica. De esperar, porque se trata de uma transplantação, em massa, de gente habituada a viver no nivel do mar para um planalto de 500 a 900 metros de altitude. E gente, principalmente a do Norte da Italia, extraordinariamente linfatica. Nem sempre, porém, as conclusões ditadas pela teoria apressada dos gabinetes encontra confirmação na prática. Entrando os elementos italianos, como já vimos, com a porcentagem de 10.4% para a mortalidade geral, na causada por afecções do aparelho respiratorio figuram apenas com 4.2%. E ainda no que se refere ás endemias e epidemias, como a malaria, o tifo, o sarampo, a escar-

latina, etc., apresentam eles excelente porcentagem, em confronto com a dos demais elementos.

Seria imposivel, entretanto, que a gente italica não tivesse pontos fracos em sua fisiologia. Eles residem, de fato, no seu aparelho circulatorio e no seu sistema nervoso, por cujas afecções é dizimada impiedosamente. Será isso devido á intensidade da luta pela vida, á ansia com que os italianos procuram sair da pobreza em que chegaram? Ou ao alcoolismo, á ingestão demasiada de bebidas, mais do que permite o nosso clima? Na Italia, de clima muito mais frio, o uso do alcool pode ser até uma necessidade organica. Mas, entre nós, se ingerido nas mesmas proporções, causa um aumento exagerado da pressão arterial. A luta pela vida, igualmente, deve afetar seriamente o sistema nervoso do italiano, que, em razão das nossas alternancias bruscas de temperatura, é obrigado a uma atividade bastante penosa, com más consequencias fisiologicas para uma gente ainda não perfeitamente adaptada.

E' o que confirmam, aliás, as estatisticas referentes aos suicidios na Capital, onde os italianos figuram na proporção de 16.0%, porcentagem elevadissima, mas previsivel, já que não difere da relativa aos internados nos hospicios e aos réus de processos crimes.

Quanto á reprodução da especie, á fecundidade, consegui apurar as seguintes médias, relativas ao Interior do Estado:

Em casais brasileiros . .	**4.2 filhos por casal**
Em casais estrangeiros . .	**2.1 filhos por casal**

Se no Interior do Estado se verifica maior fecundidade do nacional em relação ao estrangeiro, que talvez haja sentido a diferença do meio fisico, nas cidades grandes é o contrário que se observa. Assim, consegui estabelecer as seguintes médias, com referencia ao ano de 1927:

	Capital	*Santos*	*Campinas*
Casais brasileiros . . .	3.2	4.1	4.0
Casais de brasileiros e estrangeiros	3.1	3.6	7.5
Casais estrangeiros . . .	5.7	7.1	—

Daí se verifica que os cruzamentos são menos fecundos do que as uniões por amixia, quer entre brasileiros, quer entre estrangeiros. O que é confirmado por êste quadro, relativo á fecundidade na Capital, de 1923 a 1927:

		Média de filhos por casal
1923	Brasileiros com brasileiros (amixia) .	2.9
	Brasileiros com estrangeiros (exogamia)	2.8
	Estrangeiros com estrangeiros . . .	7.6
1924	Brasileiros com brasileiros	3.0
	Brasileiros com estrangeiros	2.8
	Estrangeiros com estrangeiros . . .	7.2
1925	Brasileiros com brasileiros	3.1
	Brasileiros com estrangeiros	2.8
	Estrangeiros com estrangeiros . . .	5.8
1926	Brasileiros com brasileiros	3.0
	Brasileiros com estrangeiros	2.9
	Estrangeiros com estrangeiros . . .	5.8
1927	Brasileiros com brasileiros	3.2
	Brasileiros com estrangeiros	3.1
	Estrangeiros com estrangeiros . . .	5.7

Discriminando as nacionalidades, temos o seguinte quadro, referente á fecundidade dos casais estrangeiros e de estrangeiros com brasileiros:

ME'DIA DE FILHOS POR CASAL

	Capital	*Santos*
Casais italianos	12.9	10.2
Casais de italianos e brasileiros. . .	4.1	3.4
Casais espanhois	7.0	10.0
Casais de espanhois e brasileiros . .	3.1	4.7
Casais portugueses	6.3	5.8
Casais de portugueses e brasileiros .	2.8	3.3
Casais sirios	5.3	—
Casais de sirios e brasileiros . . .	2.8	—

O quadro acima, não só vem confirmar a maior fecundidade entre os conacionais por amixia, como ainda demonstra a formidavel fecundidade do elemento italiano, que se destaca extraordinariamente nesse particular em confronto com os outros.

Aliás, para quem conhece as médias registradas pelos observadores norte-americanos e reproduzidas por Siegfried no seu tão citado livro sôbre os Estados Unidos, não são de espantar as que apurámos entre nós. Na America do Norte, igualmente, os russos, os polacos e sobretudo os italianos patenteiam sob esse aspeto uma superioridade que alarma os adeptos da chamada *great race* dos Gobineau, Lapouge e Madison Grant. A nós paulistas, porém, não nos preocupa a admiravel fecundidade italiana: é ela uma virtude que se encorpora ao nosso ativo, muito embora seja licito perguntar se não cai na geração seguinte. O paulista de outrora possuia tambem elevada fecundidade, conforme demonstrei em meu trabalho *Raça de Gigantes,* não atingindo porém as médias registradas atualmente com relação ao italiano de São Paulo, que, nesse ponto, se mostra mesmo superior ao da Europa. E é sabido que a fecundidade da população italiana é maior do que todas as demais europeas.

9. O Espanhol.

O elemento espanhol, que tambem fortemente concorreu para a formação atual das populações paulistas, sob muitos aspetos se assemelha ao italiano. Embora já tivesse ele grandemente contribuido para o caldeamento primitivo, de que resultou o paulista das éras priscas, só modernamente, com a extinção da escravidão, se iniciou em massa a sua imigração para São Paulo. Mais ou menos, portanto, na mesma epoca em que teve início a imigração italiana. Começada em 1891, a onda ispanica sofreu em 1898 um declinio acentuado, para se reerguer em 1905, mantendo-se elevada até 1914, quando pela deficiencia de transporte, causada pela guerra europea, caiu novamente, conservando-se até hoje numa média inferior a dez mil imigrantes anuais.

Nos fins do seculo passado, o italiano acorria em numerosissimos contingentes para os Estados Unidos. E ainda entrava na Argentina, então tornado tambem país de imigração, em maiores proporções do que no Brasil. O espanhol, entretanto, não emigrou para a America do Norte, preferindo o continente sulino, de origens ibericas, de tradições filiadas á Peninsula. Assim, veiu em grandes massas para a Argentina e em menores caudais para São Paulo.

No nosso planalto, como o elemento italiano chegado concomitantemente, o espanhol se dirigiu para a lavoura de café. A sua imigração tinha portanto, na quantidade e na qualidade, de se condicionar ás exigencias dessa cultura. Assim, recebemos gente de extração rural, que aqui desembarcava em grupos familiares já constituidos. Até hoje, nas fazendas que compõem os latifundios paulistas, o pessoal que cultiva diretamente os cafeeiros é contado por familias, mais ou menos numerosas, e não por cabeça. Devemos, assim, á lavoura de café a morfologia das imigrações espanhola e italiana.

O *Recenseamento Federal* de 1920 consigna da seguinte maneira a composição das várias correntes imigratorias de acôrdo com o sexo:

	Homens	*Mulheres*
Italianos . .	214.468 individuos	184.329 individuos
	53.8 %	46.2 %
Espanhois .	92.446	78.847
	53.9 %	46.1 %
Japoneses. .	14.167	10.268
	57.9 %	42.1 %
Portugueses .	101.915	65.283
	61.0 %	39.0 %
Sirios . . .	25.575	12.375
	67.3 %	32.7 %

Por aí se vê quanto o espanhol se assemelha ao italiano, sob o ponto de vista da forma de imigração. As porcentagens de homens e mulheres são praticamente iguais e denunciam numerosos laços de familia. No polo oposto figuram o português e o sirio. Êstes imigram solteiros para São Paulo e aqui só se ligam com seus patricios. De maneira que, havendo já uma diferença acentuada entre os individuos imigrados de cada sexo, ocorre ainda a circunstancia de virem muitas mulheres em estado de solteiras para aqui se casarem com seus conacionais.

Gente de indole rural, tanto o espanhol como o italiano não podiam deixar de se fixar de preferencia no nosso ambiente agricola. O seguinte quadro, por mim organizado, demonstra a atual repartição dêsses elementos e do português no Interior e na Capital de São Paulo:

	Existencia total no Estado	*Localizados no Interior*	*Localizados na Capital*
Italianos	399.000	295.000	104.000
Espanhois	137.000	100.000	37.000
Portugueses	167.000	110.000	57.000

Quanto á mentalidade, entretanto, é profunda a diferença entre o espanhol e o italiano. No início das grandes correntes imigratorias, o italiano trazia, como já vimos, uma fragilima conciencia de nacionalidade, ao contrário do espanhol, portador de um espirito de pátria bem marcado. A Espanha, país constituido desde seculos pela união das monarquias de Castela e Aragão, formado de gente endurecida na conquista da terra ao sarraceno, havia cunhado na alma de sua população o emblema indelevel de nacionalidade, engrandecida por vitórias assinaladas, políticas e economicas, no taboleiro europeu. Junte-se a isso a natural arrogancia do espanhol, em flagrante contraste com a submissão do italiano por aquela epoca. Altivo, palavroso e altaneiro, ainda quando abolutamente plebeu e extremamente pobre, havia de ser menos ductil e mais impermeavel á assimilação, do que êste ultimo, apesar da maior similitude de idioma e costumes com o nacional. E' o que demonstra o quadro abaixo, em comparação ao relativo ao elemento italiano, dado anteriormente:

CASAMENTOS EM 1927

	Entre espanhois	*De espanhois com brasileiros*	*De espanhois com individuos de outra nacionalidade estrangeira*
Capital	37.2 %	43.9 %	18.8 %
Santos	35.3 %	46.1 %	18.6 %
Campinas . . .	28.4 %	56.8 %	14.8 %
Ribeirão Preto .	21.0 %	65.7 %	13.3 %
São Carlos . . .	——	94.4 %	5.6 %
Botucatú . . .	5.8 %	70.5 %	23.7 %
Interior do Estado	35.6 %	57.1 %	7.3 %
Total do Estado .	35.0 %	54.7 %	10.3 %

Resultados otimos, portanto, já que os espanhois cruzam, menos entre eles por endogamia ou amixia, do que com os

nacionais. Mas, apesar disso, inferiores aos registrados no quadro referente aos casamentos dos italianos.

O mesmo se depreende do relativo á filiação, embora seja êste menos preciso, pois se reporta naturalmente a uma situação mais remota:

	Filhos de espanhois	*Filhos de espanhois e brasileiros*	*Filhos de espanhois cruzados com individuos de outra nacionalidade estrangeira*
Capital. . .	55.1 %	29.4 %	15.5 %
Santos . . .	48.7 %	29.5 %	22.7 %
Campinas . .	34.0 %	49.0 %	17.0 %
Ribeirão Preto	50.0 %	32.7 %	17.3 %
São Carlos. .	48.9 %	37.0 %	11.0 %
Botucatú . .	40.0 %	45.0 %	15.0 %

Apesar de mais refratario ao cruzamento fora de sua estirpe, o espanhol é bem menos instruido do que o italiano. Sob esse ponto de vista, sua inferioridade é mesmo patente em confronto com todos os demais elementos imigratorios localizados em São Paulo. De acôrdo com a estatistica do *Relatorio da Secretaria da Agricultura* de 1928, já por nós reproduzida, a porcentagem de analfabetos entre os imigrantes espanhois sobe, com efeito, a nada menos de 53.71%.

Vejamos agora o que interessa á fisiologia da gente espanhola, depois de transplantada para o nosso territorio, de latitude e longitude geograficas tão diversas das da Peninsula Iberica.

O funcionamento do aparelho digestivo do espanhol, como o do italiano, parece regular. Aliás, nesse ponto, as estatisticas nem sempre correspondem á verdade. Em razão da formidavel mortalidade infantil entre nós, a porcentagem de nacionais mortos por afecções do aparelho digestivo é aumentada pelo fato de serem consideradas nacionais as crianças de pais estrangeiros aqui nascidas. Mas, ainda tendo isso em conta, não ha deixar de reconhecer a normalidade do aparelho

digestivo do espanhol. Assim, figurando na mortalidade geral da Capital com a porcentagem de 3.6%, nas resultantes de molestias do aparelho digestivo aparece com 4.1%. Sendo que essas afecções vitimam anualmente na Capital 730 nacionais de mais de dois anos, 96 italianos e 30 espanhois.

Quanto aos disturbios do aparelho circulatorio, o espanhol se mostra mais resistente do que o italiano. Dos vitimados pelas arterio-escleroses, embolias, tromboses, etc., 8.1% são espanhois, porcentagem bastante elevada deante da concernente á mortalidade geral.

Na mortalidade causada pelas molestias do sistema nervoso, figura o espanhol com a porcentagem de 5.4%, proporcionalmente inferior á do italiano, mas bem superior á do nacional. E a estatistica dos suicidios na Capital revela ser de 5.2% a porcentagem de espanhois, tres vezes menor do que a dos italianos. Finalmente, no que se refere á mortalidade pelas endemias, epidemias, sifilis, etc., de cujas vítimas apenas 2.6% são espanhois, êstes se mostram tão resistentes quanto os italianos.

10. O Português.

O português veiu para São Paulo de modo diverso do italiano ou espanhol. Nós já eramos de extração lusitana, já tinhamos um contingente muito forte de sangue português nas veias, quando a libertação do negro, obrigando-nos a buscar gente para cuidar das lavouras, engrossou extraordinariamente a corrente imigratoria de Portugal, que seguiu a curva das de outras procedencias até 1920, quando passou a tomar grande ascendencia.

O português não nos procurou em grupos familiares já constituidos, como o italiano e o espanhol. Só excepcionalmente isso se deu. Já não era ele mais o patriarca de outras éras, o velho colonizador dos primeiros tempos. Passara a ser o imigrante aventureiro, desembarcando solteiro, isolado, e por isso mesmo, como já ficou dito, de tipo menos rural do que o ita-

liano e o espanhol, fixando-se de preferencia nos grandes centros, como o Rio de Janeiro, cuja população até hoje conserva 14 a 15% de portugueses (*Recenseamento Federal* de 1920), como Santos, onde a sua porcentagem é de 11.9% do total, e como São Paulo, onde avulta com quasi 6.0% da população, ao passo que no Interior ela é apenas de 2.2%. Sendo tão citadino, mas sem tradições de indústrias, ficou nas grandes aglomerações exercendo o comércio, os misteres varios de serviçais, carroceiros, motoristas, empregados das companhias de transportes, calceteiros ou então chacareiros, localizados nas periferias dos perimetros urbanos.

Gente vinda de uma patria multisecular, de espirito nacional rigido, tendo outrora resistido por mais de 60 anos á assimilação castelhana, é natural que ofereça maior resistencia, do que o dutilissimo italiano, ao processo absortorio. A identidade de idioma e de nomes, além da extrema semelhança das psicologias entre portugueses e nacionais, faz com que aqueles, sobretudo na segunda geração, com êstes se confundam. Mas em materia de cruzamento pelo vínculo legal, o português não é dos mais plasticos. Prefere, de ordinario, casar com a patricia, que em grande número vem tambem solteira, quando não se liga á negra ou mulata, coisa que mais comumente se verifica no Rio de Janeiro.

No quadro dos cruzamentos, figura o português em posição inferior ao italiano e superior á do espanhol:

CASAMENTOS EM 1927

	De portugueses por amixia	*De portugueses com brasileiros*	*De portugueses com individuos de outra nacionalidade estrangeira*
Capital . . .	42.0 %	47.3 %	10.7 %
Santos . . .	43.8 %	50.5 %	5.7 %
Interior . . .	18.2 %	72.0 %	9.8 %
Total do Estado	29.5 %	60.4 %	10.1 %

Esse quadro é confirmado pelo das filiações, embora seja êste o reflexo de uma situação mais ou menos remota, como já mais de uma vez frizámos:

	Filhos de portugueses	*Filhos de portugueses e brasileiros*	*Filhos de portugueses e individuos de outra nacionalidade estrangeira*
Capital . . .	60.3 %	30.3 %	9.4 %
Santos . . .	56.0 %	36.7 %	7.3 %
Campinas . .	29.2 %	61.5 %	9.3 %
Ribeirão Preto	30.5 %	54.6 %	14.9 %
São Carlos . .	32.9 %	45.1 %	22.0 %
Botucatú . .	34.3 %	53.7 %	12.0 %

Assim, embora menos maleavel que o italiano, o português sofre em larga escala o processo de assimilação, e seus filhos, brasileiros natos, nem no apelido se diferenciam dos de geração.

Sob o ponto de vista intelectual, o imigrante português é atrasadissimo, como já vimos, apresentando uma porcentagem de analfabetos só superada pela do espanhol. Esse estado de inferioridade intelectual concorre certamente para matar qualquer sentimento de orgulho ou de prosapia, ainda nos enriquecidos por longo e persistente trabalho, e facilita a assimilação, sobretudo num ambiente democratico, despido de preconceitos, como é o paulista.

Quanto á fisiologia, figura o português na mortalidade geral da Capital com a porcentagem de 5.7%. Dos vitimados pelos disturbios do aparelho digestivo, 6.5% são portugueses, e pelos do respiratorio, 4.7%. Mais elevadas são as porcentagens nos obitos pelas afecções do aparelho circulatorio: 13.7%; nos causados pelas molestias do sistema nervoso: 7.0%; e, fi-

nalmente, pelas endemias e epidemias: 10.9%. Essas proporções colocam o português proximo ao italiano: aparelho digestivo regular, respiratorio resistente, circulatorio e sistema nervoso bastante fracos.

(*continúa*)

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)

Circo de coelhinhos

Isabel, Beatriz dos olhos côr de mel, e Loló e Silvino, na farandula infantil dos meus amores, dansaram com Dodô e dois coelhos.

Sim, dois coelhos. Chegaram numa cesta de tampa em certo domingo morno de Novembro, quando na casa de tia Bizuca, onde eu morava e que era no Andaraí, apontavam nos ramos do pomar os primeiros sapotis inchados.

— São de raça, disse seu Manuel, chacareiro, valorizando o presente que me trazia. Angorás legitimos — mostrava, suspendendo-os pelas orelhas, que ao meu protesto por tamanha barbaridade foi explicado ser o processo usual e correto de se pegar coelhos.

Angorás, ou não, jamais houve coelhos tão queridos, lindos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas roseas — dois amores!

Minha vida até aí era um suceder de brinquedos e mais brinquedos, pique, cabra-cega, traquinadas na chacara que subia até ao morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitavel, nem eu podia acreditar que outra fosse a finalidade das crianças. Foram eles, aqueles alvissimos pompons, que me fizeram ver, alêm do mundo despreocupado dos folguedos, um outro mundo maior, que o colegio desvendava aos outros meninos — o das obrigações. E' que a escola para mim fôra suave. Longas as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto dos menores, que assistia quando bem queria. Nas mãos in-

teligentes de d. Judite, maternal, paciente, os metodos modernos dulcificavam asperezas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de titia, que "não puxassem" por mim. Foram eles, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas, longe de me rebelar contra elas, com que amor e alegria a elas me entreguei! "Está na hora de botar água para os coelhos" — e cataclisma nenhum teria a fôrça de me impedir. Penteava-os, catava-os, levava-os a passear no jardim, roseiras, só roseiras, que no reino das flores era a paixão de titia; recusava ao Taninho passeios dominicais no automovel do seu pai, uma Benz, ficava com eles, moveis fontes dos meus meticulosos cuidados. Um escravo, um escravo, confesso, fiquei das suas necessidades, pequeninos tiranos inocentes.

Não só de tiranos, tambem de sabios aventurarei chamá-los aqui (adivinhe-se lá sob tanta brancura quantos segredos traziam), tanto assim que não deixaram parar no mundo das obrigações a série de revelações que a mim, naturalmente, se propuseram, e trouxeram-me o amor.

Amei-os com a ternura dum namorado. Enfartava-os de carícias. Aos meus sofregos abraços desabava a chuva de protestos de titia: "Você, um dia, acaba matando êstes bichos de tanto os espremer!" Cobria-os de beijos, deixava-me nos cantos solitarios da casa, ignorante das horas, em interminaveis conversas com eles, respondendo-lhes cousas como se m'as perguntassem. Perdi a realidade, deixei de distinguí-los, fundia-os num unico coelho, um coelho maior que todos os coelhos jamais vistos, quasi do meu tamanho, vivendo como gente, falando e rindo como gente, vestindo-se á marinheira como eu.

Veiu com o amor o séquito das suas dôres. Que de torturadas horas da minha meninice, vocês, adorados bicharocos, foram a causa! Amava-os demais para não sofrer com o meu amor. O ciume fez a sua estrea no meu coração e, fero, me consumia. Tambem não era para menos: tinha um rival, e de que fôrça, anjos do céu! — um rival terrivel, Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que tia Bizuca tomara para

criar, com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fielmente lhe servindo, gastara sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha o prestígio do sangue, ele mantinha o do tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a criadagem. "Isso se deu antes do sr. ter vindo pra cá, diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. O Silvino é que sabe tudo direitinho". Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombeteiro que mal se percebia, contava, tim-tim por tim-tim, detalhado, superfluo, pois não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antigo, era, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se do intruso, afinal, o intruso que era eu, finorio e humanissimo Silvino.

Terrivel rival, astuto como possam sê-lo os mais, rival das oportunidades esquivas, como me lembro dele, agora, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, a carapinha muito rente, a esperteza dos trejeitos gaiatos, a dentadura soberba de fortaleza e alvura.

Doeu-lhe o presente do chacareiro. Porque não ganhara tambem? Que fizera eu para merecê-lo? Ele, sim, teria direito. Ajudava o Manuel na chacara, carregando estrume no carrinho de mão, varrendo a estufa das begonias, levando-lhe a comida, regando-lhes as plantas, auxiliando-o na podação sistématica do ficus benjamin, tapume verde e compacto que defendia o terreno dos olhos devassadores da vizinhança. Era justo. E fôra eu que recebera o presente, eu, grande patife o Manuel, miseravel chaleira, "quando tinha raiva de português não era atôa!". Só porque eu era o sobrinho, só. Ah! não ganhara? Que importa?! Saberia disputar a mim o afeto dos bichos. Saberia e soube. Se, por exemplo, eu lhes dava alface, ele a substituia logo pela que corria a buscar, pois que sómente ele conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que vicejavam as folhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido: eram meus, não eram? Pois então, tome, bacurau beiçola, e trazia-os ao colo,

dia e noite, não consentindo que ele lhes tocasse com um dedo. "Visse com os olhos!" Afagava-os na sua frente para lhe fazer pirraça: "Meus anjinhos". Que ele sofria, sofria, mas não se dava por achado e sorria-me: "Dia virá", pensava. A paciencia foi premiada e o dia veiu, negro dia em que tive de ir para o colegio, um colegio diferente, serio, rigoroso, com horarios a que não podia fugir, pois, como dizia tia Bizuca, já estava um marmanjão, era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente na vida.

Como padeci, Deus o sabe. Interminaveis aulas de seu Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente, numa lição o que iria tomar na outra. Gramática, geografia, que me importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou era quadrado, que me importava, se o meu mundo era os meus coelhos! Seu Silva falava alto, eu, porêm, não o ouvia; meu pensamento mergulhava-se na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos? Devorava com os olhos impacientes o implacavel relogio do corredor, infinito corredor sonoro, com dez janelas para o recreio, pista da astucia onde os bedeis se exercitavam, surgindo inesperadamente, na porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estará fazendo? E os ponteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjeturas: estará carinhando-os, coçando-os, levando-os para pastar no quintal?... Das problemáticas suposições, seu Silva me despertava: "De que é que estou tratando, seu Antonio?" Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em titia, e corria a vê-los. A brancura dos pelos não guardava a marca das pretas mãos odiadas. Os olhos vermelhos nada denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso. Amedrontavam-se, queriam fugir, orelhas caidas, eu os abraçava, quasi chorando, com loucura.

No serão da sala de jantar, titia tricotando, eu prêso aos deveres passados para fazer em casa, era ele, o bandido, que

puxava o assunto para me ferir:

— Eu hoje — sabe, seu Antonio? — fui com os seus coelhos até á padaria.

Eu me mordia:

— E'?...

Silvino via que a chaga estava aberta, sangrando, e remexia-a mais, deliciando-se com a minha agonia:

— Tá bom, vou até l'embaixo ver se eles estão direitinho — e saia devagar, empurrando as mãos nos bolsos, um esgar de vingança satisfeita no canto da bôca.

Meu desespêro chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta na mão nervosa fazia uma letra mil vezes peor do que verdadeiramente era; pulava palavras na cópia do "Coração", trinta e nove menos quinze davam doze no problema das laranjas.

Maio placido, ameno, Maio das sinetas tocando para a benção, pelo tombar das tardes, na capela do Asilo, Maio trouxe, na casa de titia, alêm da muda dos canarios, algumas tangerinas temporãs e um infausto acontecimento: a morte de Silvino, atropelado pelo caminhão do gêlo, quando fôra á praça botar uma carta no Correio.

Não morreu logo. Veiu berrando lancinantemente nos braços de transeuntes solícitos, o caixeiro da venda á frente, abrindo caminho, gesticulando, explicando o acidente.

A' noite delirou e o delirio fê-lo autor confesso duma infinidade de malandragens miudas, tijolos de goiabada furtados da dispensa, carreteis de linha que voavam da cesta de costura, colherinhas de prata enterradas no terreiro. Mais ainda, fez aclarar o grande misterio das rosas. E' que, durante meses, diariamente aparecia juncado de pétalas o chão do roseiral, sem que nenhum vento noturno tivesse soprado, destruidor. Como o roseiral era fechado por altos muros, a repetição quotidiana do fato preocupava bastante tia Bizuca, que já aceitava a suposição de d. Marócas Silveira, espirita, que fosse obra de algum espirito gaiato e mistificador. E era ele, Silvino, o van-

dalo das flores, que possuido de não sei que estranha volupia, ia, na calada das madrugadas, pois acordava com os galos, ocultamente desfolhá-las, sem que ninguem o apanhasse.

Titia chegou a rir com a inesperada descoberta:

— Ah, gibi sonso, então era você, hein, seu pandego?... Deixe ficar bom que vai ver só... — ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Soube-a no outro dia, pela manhã, quando o raio X confirmou o diagnóstico do sêco dr. Gouveia, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possivel fazer, alêm do que está feito. Só um milagre — fratura da bacia, interessando seriamente a espinha... — só um milagre! — repetia com um nítido acento materialista.

— Mas, doutor...

Ele atalhou, piedoso:

— Vou lhe dar morfina para que sofra menos.

Titia, então, dedicou-se-lhe toda. Incansavel, extremosa, dum lado para o outro, vê isto, vê aquilo, o dia inteiro, velou-o quatro noites, sem pregar ôlho.

Na quinta noite, seria onze horas, a lampada envôlta com um papel pardo, porque ele não suportava a luz, Silvino despertou da pesada letargia que lhe provocara a última injeção.

— Madrinha, sussurrou.

— Que é? Estou aqui — e titia, rapida, saiu da sombra, donde, encolhida num banquinho, ficara, insone, vigiando-o.

— Sei. Me dá a sua mão.

Deu-lhe e ele levou-a, dificilmente, aos labios. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos que foram tão redondos e espertos e se mostravam naquele instante tão esbugalhados e baços.

— Bênção.

Titia adivinhou qualquer cousa:

— Que tolice, meu filho, dorme.

Filho? Silvino fez um esfôrço, procurou a bôca que se confessava maternal e repetiu:

— Bênção. Estou cansado de sofrer, madrinha.

Apertou-lhe a mão com mais fôrça, apertou-lhe, largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Antonio! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela!

Todos correram. Titia já se encontrava ajoelhada. Caimos de joelhos, tambem, rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão criola do pequenino morto. Titia soluçava alto.

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido preto, nada poupou para o entêrro. "Pobre Silvino!" — chorava pelos cantos, entre os abraços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquinas, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompanhei-o até ao Inhaúma, no primeiro taxi após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas em que os homens se descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei coberto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de titia ofereceu naquele dia, rosas brancas irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti unico no amor dos meus coelhos. Pouco, porêm, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrencia me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer, certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás, já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta, onde quisessem, livres, se emporcalhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Antonio está ficando um moço. Não quer saber

mais de coelhos — e piscava o ôlho com sobrancelhas carregadas.

— E', é — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dele ás leguas.

Morreram, um dia, cegos, os olhos como contas vistosas perderam a côr, se cobriram de um véu opaco. Morreram, um dia, cheios de calombos na barriga, que amedrontavam titia: "Será bubonica, Virgem Santissima?!" Não, era velhice, explicou o Manuel que, ao que parece, tudo sabia a respeito de semelhantes animais. Morreram. Titia, penalizada, esperou que tambem me entristecesse. Como, porêm, não sentisse tristeza alguma, procurei esconder-lhe êste indício de perigosa insensibilidade: "Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto". Titia se afastou: "Tem razão, meu filho. Foi melhor assim". No íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha idea fixa. Jogava de "back", jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

MARQUES REBELLO

Cronicas

Perspetivas

O valor da liberdade

Em artigo cuja divulgação precedeu de poucos dias o seu falecimento, o prof. Charles Gide narrando o seu recente encontro com o mahatma Gandhi, na unica noite que êste passára em Paris, formulou publicamente as observações que teria feito em particular ao indiano, caso tivesse com ele a necessaria liberdade. Como é natural, versavam elas especialmente sôbre a India e sua situação, com ou sem os inglêses, e caracterizavam-se pelo tom de procurado realismo que convém ao discurso de um economista. Embora endereçadas a certo povo, essas palavras, que foram das últimas do professor notavel, encerram alguns conceitos e, principalmente, são dominadas por um espirito a que nenhum outro povo saberia ser indiferente, qualquer que fosse a sua propria situação.

Para o prof. Gide, a ação social de Gandhi confunde-se com um convite á inação, pelo que contém de puramente ideal. Si o povo indú, seguindo o exemplo do seu grande chefe nacionalista, decidir-se a empregar o tempo em abstrações, não será de recear que o país cáia no estado de anarquia, de fome, de guerra em que se debate a China, sem ter quem possa provêr ás necessidades da população? Não seria preferivel que o mahatma em vez da "não-cooperação", fomentasse justamente a cooperação dos nacionais de diferentes seitas e castas entre si, bem como entre eles e os inglêses? No dia em que a Inglaterra retirasse de lá a sua autoridade e as

suas tropas, a India seria a prêsa de uma centena de principes despoticos, os unicos que então poderiam dispôr da fôrça e do dinheiro. Nem se compreende como pode a declaração dos Direitos do Homem aplicar-se a um país onde 70 milhões de individuos são tidos como *imponderaveis*.

Tudo bem considerado, segundo esse douto, a Inglaterra vem assegurando á India, alêm da ordem e do progresso, o bem-estar e a liberdade. Gandhi e os que com ele pleiteiam a independencia do seu povo, são idealistas que não percebem a iminencia de certos ocultos perigos, a que desavisadamente expõem a sua patria, fazendo sem querer o jôgo dos cem tiranos de atalaia, contra os quais a melhor defesa ainda é a que oferecem os soldados do vice-rei. Tambem, si o prof. Charles Gide fosse rei de Inglaterra e imperador das Indias, já teria atendido a Gandhi, só de mau. Abandonava as Indias ao seu povo, certo de que êste, dentro de poucos anos, o mandaria chamar novamente para obter ao menos o privilegio de um protetoradozinho.

Uma apreciação dessa ordem repõe mais uma vez em fóco todo o velho debate entre o Oriente e o Ocidente. Fixando a desvalia da abstração, da vida interior, do idealismo como fator de riqueza, o professor de Paris atirou uma casca de banana no caminho de uma filosofia. Digo mal: essa casca lá estava e o professor, como bom amigo nada mais fez do que prevenir. Ninguem negará por certo, o bem fundado dos seus argumentos. Todas as vezes que D. Quixote divergiu do seu escudeiro, era afinal com êste que estava a razão.

As palavras do prof. Charles Gide agitam, entretanto, uma outra questão, não menos interessante: a de se saber quando vale a pena ser livre. Quanto a esse assunto, parece, que não chegaram a acôrdo a economia e a fábula. Esta celebrizara o diálogo que a respeito entretiveram, si bem me recordo, o cachorro e o lobo e cuja conclusão esposava, contra toda evidência, o ponto de vista de D. Quixote, que no caso era o lobo. Entretanto os argumentos em favor da tese contrária, brilhantemente defendida pelo cachorro, eram de muito pêso. Não diferiam, mesmo, em essencia, daquêles que o prof. Charles Gide teria objetado a Gandhi, caso não fossem tão cerimoniosas as suas relações com esse lobo das Indias. A coincidencia da sua tese com a de um cientista especializado que lhe é de dois séculos posterior, diz bem do merecimento e da cultura do cachorro citado.

Nada, porêm, teve a fôrça de convencer o seu adversario de ocasião. Na verdade os eruditos bichos não imaginavam estar simplesmente assumindo a seu turno os lugares vagos de um e de outro lado de um dêsses debates eternos. Poderiamos dizer outro tanto da atual discussão, si esta não nos apresentasse uma situação diferente, que ainda mais favorece a posição que já coube ao cachorro e a Sancho Pança: é que hoje, enquanto o lobo uiva, acorrentado, o cachorro percorre livremente os campos e as estradas, de árvore em árvore e de lampeão a lampeão. A cada um dos contendores distribuiu a Providência o destino contrário ás suas ideas, submetendo-os, pela fôrça, á experiencia a que naquele diálogo haviam preferido escusar-se. A prova em nada alterou as suas respetivas convicções, tão arraigadas eram; o lobo continúa ardente partidario da liberdade que lhe tiraram, e o cachorro hoje é tanto mais a favor da coleira quanto sente que ela se transfere para pescoço alheio.

O cachorro tornou-se assim visivelmente isento. Entre as acusações que lhe possam ser feitas não figura mais a de argumentar "pro domo sua". O bem-estar que ele louva já não é o de que ele proprio desfruta. Devemos pois considerá-lo absolutamente sincero quando proclama a perfeita felicidade do lobo acorrentado. Um cetico poderia suspeitar nessa atitude desinteressada uma consequencia do principio da galinha do vizinho. Os precedentes historicos demonstram que não teria razão, uma vez que as galinhas foram simplesmente trocadas e que cada um dos interessados conhece perfeitamente as duas. Aliás, não é rigorosamente exato que a galinha do vizinho sempre nos pareça mais gorda do que a nossa. Semelhante juizo resultaria de uma comparação que nem sempre estamos dispostos a proceder. A verdade mais geral e menos nitidamente relativa, é apenas que a galinha do vizinho sempre nos parece suficientemente gorda.

PEDRO DANTAS

LEOPOLDO FROES

O processo do ator teatral é bom e até indispensavel fazer logo porque pano descido nada mais subsiste de concreto. O ator morre com o espetaculo. O cinema é que veiu dar ao intérprete um meio de duração como o fonógrafo ao cantor e ao virtuose. Daqui a um século é de se prever que criti-

cos pacientes percam horas deante de um filme como *City Lights*. E com o concurso do tempo façam o julgamento definitivo. O ator teatral, esse, perdura durante alguns anos na tradição oral. Depois some para sempre nos livros de erudição. Destino de guarda-roupa. A personagem veste o ator para aparecer em público. A indumentaria se inutiliza, sai da moda, é substituida, quem se lembra das camisas que já teve e principalmente das que os outros já tiveram?

A quem quiser apurar amanhã a razão do sucesso luso-brasileiro de Leopoldo Froes só restará como peça autentica de convicção o filme em que ele figurou pouco antes de morrer. E esse celuloide toma uma importancia de simbolo ou coisa parecida: quem nunca foi senão ator teatral recorreu perto da morte ao cinema para deixar de si uma impressão menos fugidia.

Antes de tudo é preciso reconhecer que Froes beneficiará (como beneficiou em vida) da absoluta miserabilidade do teatro brasileiro. Num país onde não existe literatura dramatica o ator ganha uma importancia excessiva. Quero dizer: fica importante por exclusão. João Caetano é um exemplo. Falar em teatro brasileiro é falar nele. Porquê? Porque a nossa história literaria não registra um só autor (Antonio José da Silva é escritor português), uma só criação dramatica, já não digo elogiaveis, mas simplesmente apresentaveis. Natural que num teatro que nem o francês Dumas Filho e sua *Dama das camelias* sejam incomparavelmente mais celebres que madama Doche, criadora do papel. A peça é que lembra para uma desprezivel minoria quem a interpretou. Porêm no Brasil o ator menos vulgar fica forçosamente valendo mais que os autores vulgarissimos e as obras idem que interpreta. Não é preciso ser bom: basta ser menos pessimo. Representando as tragedias dêsse incrivel Domingos José Gonçalves de Magalhães, João Caetano acabava sózinho. O autor, a peça, a propria figura que encarnava, tudo desaparecia: restava ele com seus rugidos. Construindo sua glória sôbre esses ruins destroços melodramaticos. Se foi de fato grande, ficou com certeza grandissimo por causa da pequenhez do resto.

Aí está porque a história do teatro brasileiro costuma ser reduzida a uma citação de atores: de João Caetano a Leopoldo Froes. Ou até: João Caetano e Leopoldo Froes. Os sucessos do teatro resumidos nos de dois intérpretes com mais de meio seculo de intervalo. A verdade é que só um erudito no assun-

to seria capaz de alinhar desde Martins Pena os autores ocasionais de algum exito. E só um muito erudito levaria a façanha ao ponto de nomear as peças de menor desvalia. Muito mais facil indicar os atores: João Caetano, Estela Sezefredo (exclusivamente por ter sido mulher de João), os dois Vasques, Xisto Baía, Eugenia Camara (unicamente por seus amores com Castro Alves), Cinira Polonio e assim por deante. O que se explica pela predominancia entre nós (e desde cincoenta anos pelo menos) do teatro de revista onde o ator é quasi tudo. Quando se especializa na interpretação de um tipo nacional principalmente, com ele se identifica até certo ponto aos olhos e na memoria do público. Assim, em São Paulo, Sebastião Arruda e o caipira. Assim, no Rio, Alfredo Silva e o malandro capadocio. Dois exemplos vivos entrando já para o dominio da tradição.

Entre os dois fluminenses, entre João Caetano e Leopoldo Froes, se desenrola a deploravel história do teatro brasileiro de prosa, do horroroso melodrama á pifia comedia ligeira. E é quasi certo ou até bem certo que Froes não seja senão um marco acidental, de relativa importancia só para seus contemporaneos, citado apenas para efeito cronologico, logo substituido por outro, sem nenhuma significação futura. Não assinala um progresso ou mesmo regresso. Nada.

Seu triunfo no palco nacional ele deveu antes de mais nada á sua origem e ao seu título de bacharel. Acabou com a tradição do ator pobre diabo, vindo não se sabe de onde, vivendo não se sabe como. Era o doutor Leopoldo Froes membro de uma familia conhecida. Distinguivel de longe entre os zé-ninguem do teatro brasileiro. Com o prestigio (então imenso no meio) de quem toma banho e usa boas roupas. Nesse sentido pode-se dizer que repetiu o João Caetano dos derradeiros anos. O seu automovel fazia as vezes das três carruagens do homem da *Última gargalhada*.

Depois, o senso comercial apuradissimo. Deante dele a ganancia dos empresarios entregava os pontos logo de início Froes sabia ganhar e o que ganhava guardava. Para maior garantia fez-se empresario ou socio de empresarios. Tendo a habilidade de não empregar no teatro o capital que formou com os lucros que o palco lhe deu. Essa aspiração de todo ator e diretor de companhia (João Caetano a satisfez) de possuir o seu teatro, Froes nunca teve. Nunca teve porque nele o ar-

tista é que servia o homem de negocios. E êste sabia onde aplicar melhor o que o trabalho daquele rendia.

Foi muito possivelmente o faro comercial de Leopoldo Froes que o levou a mudar de genero, passando da opereta para a comedia, quando certa vez chegou ao Brasil, vindo de Portugal. Presumo que sem o intuito de se fixar aqui definitivamente. Sua carreira de ator ele a iniciou em Portugal, ao lado de José Ricardo se não me engano. De Lisboa guardou para o resto da vida o sotaque, a boa colocação dos pronomes, a maneira de se vestir e a nostalgia. Era mais ator português que brasileiro. Veiu assim em excursão para voltar logo. Mas no Brasil verificou a vantagem que lhe advinha de sua qualidade de homem bem nascido, bem alimentado e bem vestido num meio de pobres coitados. E aproveitou-se da oportunidade que lhe oferecia a inexistencia de uma companhia brasileira de comedias. O teatro de prosa vivia ás expensas de Portugal para o grosso público e de Paris para um nucleozinho endinheirado. Representações esporadicas ao sabor das temporadas. Fora disso, raras tentativas indigenas nascidas sem vida. Froes lançou então um conjunto na realidade luso-brasileiro mas rotulado de nacional. E escolheu um repertorio quasi todo de bobagenzinhas parisienses. Venceu logo, como era de esperar. Satisfazendo seus proprios pendores, satisfez os do público oferecendo-lhe por preço modico uma série de comedias de desenvolvimento mais ou menos picante e desenlace bem sentimental. Essa mentalidade chamada de normalista, entre nós predominante, regalou-se e Froes virou idolo.

Movendo-se no palco senão com elegancia ao menos com inegavel desenvoltura, tendo boa gesticulação e excelente dicção, uma maneira incisiva de falar que destacava e valorizava sua réplica no diálogo, o ídolo possuia ainda o fisico e os indefiniveis quês do galã popular: o *it* necessario para justificar aos olhos da platea as paixões que desencadeava em cena. Era o cinico amavel, o estroina de excelente coração, o filho prodigo dos bons sentimentos, pronto a reentrar no seio da familia e da moral por intermedio de um casamento de amor. Mais brilhante que inteligente, se comprazia na interpretação dêsse tipo de macho sedutor, fazedor de frases de espirito, meio cético, desejado para amante e requestado para marido, sonhado assim pelas depravadas como pelas virgens.

Da sua realeza de caôlho num meio de cegos lhe veiu uma imensa, intratavel vaidade. Já não falando da comum a todos os atores, "que se poderia chamar de insolencia", como já vem dito no *Paradoxo sôbre o comediante*. Sua semi-cultura de bacharel viajado não admitia de quem quer que fosse a menor objeção. Julgava-se autorizado a proferir a última palavra em tudo quanto se referisse a teatro. E o fato é que, sem nenhuma ou só com relativa autoridade, Froes foi sempre um autoritario. Sobretudo a sua sem-cerimonia deante dos autores era pasmosa. Colaborava no diálogo e (o que é peor) alterava o entrecho como bem entendia.

O hábito de encaixar frases, até réplicas inteiras, na fala das personagens, podia ser atribuida, não só ao seu estagio na opereta, onde o ator improvisa e enxerta á vontade, como á preocupação de agradar um público ineducado que nem o nosso, mesmo com sacrificio da peça.

Coisa sem importancia deante da liberdade que tomava com os entrechos. Basta um exemplo: *O coração dispõe* de Francis de Croisset. Nessa comedia tinha Leopoldo Froes um dos papeis que melhor serviam as suas preferencias de intérprete. Pois bem. Durante algum tempo o intérprete e diretor de companhia respeitou o original. A peça terminava no Brasil como o seu mediocre autor escreveu na França. Roberto Levaltier, secretário do milionario Miran-Charville, amava a filha dêste. E Elena tambem o amava. Mas isso se esclarece no último ato. Nos dois primeiros Elena e Roberto só mostram odio mutuo, como convém. E' quando Miran-Charville resolve por qualquer motivo pôr o empregado no ôlho na rua que a bomba estoura. Mas á francesa, sem muito estrondo. Primeiro, Elena procura inutilmente impedir a saida de Roberto. Depois, ficam os dois sózinhos em cena. E' a despedida. Adeus, adeus, explicações, ternuras, apertam a mão, que adeus nada, apertam a bôca. Naturalissimamente Miran-Charville entra nesse instante. Roberto muito digno pede Elena em casamento. O patrão muito duro responde: Rua! Mas Elena fala: Até breve, Roberto. E êste promete já na porta: Eu voltarei. Miran-Charville se espanta: Como é isso? Volta? Aí (dando sinal para o pano cair) um tal Faloise proclama a moral da fabula: O coração dispõe.

Froes resolveu modificar esse final. Ou porque não fosse de seu proprio gôsto ou porque o achasse por demais subtil para a sua platea (Voltará mesmo? Coitadinha da Elena!

Em que aflição vai ficar! etc.) ou por isto e aquilo juntos entendeu de botar logo a coisa em pratos limpos. Roberto fala: Voltarei. E Miran-Charville: Pensando melhor, não vá não, fique. Regozijo unanime no palco e na sala.

Esse é um exemplo. Outros poderia apontar mais ou menos eloquentes, como a mania que se apossou de Froes (depois do sucesso da inconcebivel *Mimosa*) de empurrar sempre uma canção no meio das peças. Uma canção bem sentimental, bem besta, que ele cantava á meia-voz, terminando num murmúrio apenas perceptivel e que fazia a platea delirar. O atraso do teatro brasileiro justifica perfeitamente truques como esse, deshonestidades tolas. Aliás, Froes dominava de tal forma o público desta terra que o fez aceitar sem estranhesa o seu legítimo sotaque lisboeta. Representava os produtos do ruim teatro parisiense através de traduções feitas por portuguêses. De forma que podia com visivel delícia chamar a ingenua de menina Fulana e dar ao pai da ingenua o tratamento de Vossa Excelencia. Os conjuntos que organizou eram constituidos de mais lusos que brasileiros. E ele, lusitanissimo, formava galhardamente na ala portuguêsa.

O curioso é que, tendo gasto sua carreira de ator encarnando galãs de sedução fulminante, as três melhores criações dele foram de caracterização: o Brito do *Genro de muitas sogras* de Artur Azevedo e Moreira Sampaio, o heroi do *Simpatico Jeremias* de Gastão Tojeiro e o do *Quebranto* de Coelho Neto. Quer isso dizer que (para satisfação sua e do público) enveredou por caminho errado. Na realidade possuia todas as qualidades de um excelente fantasista e creio que seria capaz de passar com facilidade do comico para o dramatico. Ou então tirar do comico aquela porção dramatica que lhe é substancial. E isso o obrigaria a estudar melhor os papeis, a viver interiormente as personagens, num esforço honesto em que daria forçosamente toda a medida de seu incontestavel talento de comediante. Ao passo que a criação sistematica dos galãs estandardizados acabou por lhe tirar o estímulo que vem das dificuldades a superar, de acôrdo com uma lição que a gente recebe desde o jardim da infancia. Não interpretava: interpretava-se. Cultivou o vício do heroi simpatico: ele proprio Leopoldo Froes provisoria e sucessivamente chamado Pedro, Paulo, Joaquim. Caiu no virtuosismo facil, de efeito rapido, certo e sabido. De suas viagens a Paris costumava trazer algumas novidades. Emprestadas ao repertorio de um Rosem-

berg ou de um Boucher. Detestaveis, portanto. E note-se que mesmo no chamado genero ligeiro ele encontraria coisa menos ruim: duas ou três criações de Max Dearly e Signoret, por exemplo. Insignificantissimas, não tem dúvida nenhuma. Mas divertidas, bem mais assistiveis que as borracheiras piegas ou não que mandava traduzir. Não é só: aproveitando utilmente essas estadas na Europa, Froes poderia muito bem revelar ao público brasileiro o teatro de após-guerra. E eu penso sinceramente que ele seria capaz de apresentar aqui sem deshonra algumas criações de Jouvet, como *Knok* e *A Cintilante*.

Mas não. O que lhe agradava cada vez mais era o sedutor de palco, desabusado e elegante, cabelo grisalho nas temporas, veterano no amor, etc. etc., em suma uma das inumeras variações internacionais do padrão francês, lançado em 1895, com o Vétheuil dos *Amants* de Donnay. Quando ao galã imberbe e ingenuo sucedeu o quarentão sabido. Froes (nos ultimos tempos sobretudo) não criava outro tipo de heroi amoroso.

Estou me lembrando de uma comedia de L. Drichstein, *O eterno d. Juan*. O protagonista é um baritono decadente. Isso quanto á voz. Quanto ao resto, é um cantor. Isto é: vaidoso, bobo, falso, cabotino, mal educado, supersticioso, mulherengo e desfrutavel. Não sei se disse tudo. Froes interpretou-o aplicando a receita: de um cantor-d. Juan fez um d. Juan-cantor. Tempos depois representava ele no Apolo de São Paulo quando o espanhol Ernesto Vilches (agora trabalhando no cinema americano) levou á cena no Sant'Ana a mesmissima peça. Mas parecia outra. Porque Vilches acentuou bem o ridiculo notoriamente inerente a todo cantor (1). Froes (aqui é que eu queria chegar) caiu das nuvens. Não concebia um d. Juan ridiculo. Sujeito desfrutavel (me disse ele) não conquista mulheres. Tal era sua penetração psicologica ou que outro nome tenha.

A passagem dele pelo teatro não fica marcada por qualquer coisa aproveitavel. A' literatura dramatica estrangeira emprestou o que ela tem de peor. O vôo mais alto que desferiu foi nas purpureas vestes de um dos cardeais da *Ceia* nefelibatica de Julio Dantas. Morreu em 1932 absolutamente alheio ao teatro novo que a guerra formou. Nunca demonstrou perceber a função essencialmente socializante do teatro.

---

(1) Não conheço a adaptação cinematografica em que d. Juan é Adolfo Menjou. Mas sei que êste tratou o tipo do mesmo modo que Vilches.

E pelo nacional que é que fez? Incentivou toda uma série de peçazinhas sem nenhuma importancia, tipo *Flores de sombra* e *Longe dos olhos*. E, embora involuntariamente, foi causa da proliferação atual de mambembes nacionais. Qualquer ator de sucesso menos mediocre se julga hoje habilitado a fundar uma companhia: a companhia brasileira de comedias Fulano, da qual faz parte a atriz Cicrana. Ou vice-versa. De forma que elementos apenas suficientes para a formação de um elemento regular metem-se a diretores de elencos inqualificaveis. Querendo seguir em tudo o modêlo, sem os mesmos titulos que Leopoldo Froes apesar dos pesares possuia, não se resumem nisso: imitam-o tambem na escolha do repertorio. Vão buscá-lo em regra no mais infame teatro europeu. Quando a salvação pelo popular é o que se pode tentar no teatro brasileiro. Que venham a farsa grosseira, a comédia de costumes, os galãs de pé no chão, as ingenuas de suburbio, o folclore, o samba, o carnaval, a feitiçaria, o vernáculo estropiado, os dramas do sertão, flores de papel nos lustres, carapinhas, dentes de ouro, a fauna e o ambiente, graças e desgraças da descivilização brasileira.

Resta lembrar que Leopoldo Froes pisou pela última vez os palcos de sua patria ao lado de Chabi Pinheiro. E que sua derradeira aparição foi numa fita lusitana. Acabou como começou: português.

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Etnografia

Lingua Nacional (IV) (*)

B

BATER — Acertar, chegar na hora combinada.

BATUTA — O mestre, o chefe, o que manda tudo.

BERIMBELO — Penduricalho.

BICHO — Homem valente, excepcional em resoluções fortes: "Êste Manoca é o bicho, bicho cacau da folha miúda" (Carlos D. Fernandes, **Vindicta**), quer dizer, extraordinario.

BISCA — Indivíduo estradeiro, mentiroso, de compostura duvidosa.

BOTAR BUCHO — Encher-se de vantagens.

BO'ZO' — Jôgo de dados.

BRIVANA — Egua, besta. (Usa-se no Piauí).

BROCHAR — Pegar pelos babados, segurar na abertura da camisa para **dar um ensino.**

BURUNDANGA — Sortimento de miudesas, objetos de armarinho, vendidos por turcos, outrora por italianos, pelas ruas da cidade. Coisas complicadas. (E' de Portugal).

C

CABELO NA VENTA — (Plebeismo) — "Não lhe tirar um cabelo da venta": não lhe ofender em nada, apesar de o merecer.

Ter cabelo na venta: Diz-se da mulhor que se zanga por tudo. Arrogante.

CABELO NO CORAÇÁO — (Modismo) — Ter coragem, boa disposição para enfrentar o inimigo, para sofrer.

Arrípiar os cabelos: — Blasfemia de arripiar os cabelos, palavradas, injúrias.

CABOCLO ou CABÔCO — Gentio, descendente do aborigente. De **caaboc:** procedente do mato. Caboclo já é termo culto. Cabôco é forma chula:

> "Cabôco não vai pro céu,
> Nem que seja rezadô;
> Que tem o cabelo duro,
> Espeta Nosso Sinhô".
>
> **(Cancioneiro do Norte)**

CABOCLO: Amigo, íntimo. CABOCLO-VELHO: Camarada, colega. RÔLA-CABOCLA: A rôla cascavel, rolinha do sertão. CHITA-CABOCLA: A mulata chama chita-cabocla ao padrão marron.

CABUNGO — O mesmo que pinico.

CAÇOADA — Brincadeira.

CAGA-FOGO — Vagalume. Lôgro, engano de pouca monta.

(*) V. ns. 2, 3 e 6.

CAIÇARA — Casa de palha nas praias do Nordeste. E' do tupí: cêrca, trincheira de folhagens. Affonso de E. Taunay dá como termo imoral em S. Paulo.

CAIPIRA — Homem do campo, o roceiro, o matuto. Do tupí cai, queima. Com a particula apassivadora **pira**, tem-se o vocabulo queimada, ficando assim caipira significando o homem das queimadas (Teodoro Sampaio).

CAIPORISMO — Conjunto de infelicidades: "Nas coisas dêste mundo, não é tão livre o homem, como supõe; uma cousa a que uns chamam mau fado, por outro concurso de circunstâncias, nós batizamos com o genuino nome brasileiro de caiporismo" (Machado de Assis, Helena).

CAIR NAGUA — Perder-se: "Ia respondendo bem, depois caiu nagua", isto é, não soube a materia do exame.

CALÇADA — O mesmo que passeio.

CAMA DE GATO — Abundancia.

CAMBICA — Especie de sopa feita de leite e gerimun. No Ceará, faz-se a cambica de muricí com o leite de côco. E' palavra indigena: **cambi**, leite, e **ca**, forma adverbial que exprime "ser equivalente" (Montoia e Batista Caetano).

CAMBITEIRO — O cargueiro, o almocreve dos cambitos.

CAMBITO — Golpe dado com o pé no adversario. Forquilha aparelhada para, sôbre a cangalha, suportar a carga de madeira, cana de assucar, saquinhos de carvão, etc.:

"Cambiteiro, cambiteiro,
Que levas a cambitar?
Cambito cana caiana
Lá para o engenho centrá..."
(Cancioneiro do Norte)

Engenho central é a usina de fabricar assucar. E' palavra do italiano: gambito, como se usa em Portugal.

CAMELO — Estupido, de dificil compreensão.

CAMELORIO — Quasi camelo, meio burro, pesado.

CANGACEIRO — Que se dedica á vida do cangaço. Salteador, jagunço, malfazejo. E' o flagelo dos sertões nordestinos, em materia de ordem pública. Em 1874 apareceu na Paraíba do Norte o **Quebra-Quilo**: era a figura do atual cangaceiro. Houve depois a sinistra de Jesuino Brilhante; e sobrevieram Antonio Silvino e Lampeão. Nos sertões da Baía, em 1896, houve os jagunços de Canudos. Todos esses são, em resumo, o protótipo do cangaceiro, o bandoleiro, assaltante das fazendas, richoso e assalariado do crime. E' um produto do meio, dos flagelos climatericos, e um tanto ancestral. A crónica do seculo 17 está cheia de episodios sangrentos dos indios da região do Nordeste: potiguares e tabajaras, ora contra si, ora contra os civilizados. Fenomeno produzido pelo meio, afinal. O cantador Nicandro Nunes do Nascimento, poeta popular dos sertões do Teixeira (Paraiba do Norte), assim descreve a sorte do cangaceiro:

"Que é feito do cangaceiro
Que dominava o Teixeira?
Deu-lhe a fome uma carreira;
Foram esbarrar no lameiro.
Que-dê homens de dinheiro
Que ralhavam no sertão?
Que é feito do valentão
Que cevava o **guarda-costa**?
Vive tudo de mão posta,
dizendo: Deus, dai-nos pão!"
(col. de Pedro Batista, Paraíba do Norte).

Além dos já citados, são celebres os cangaceiros Meia-Noite, Preto Limão, Pilão Deitado, Pedro Brasilino, Cocada, Balisa, Lua Branca, Jararaca, Cobra-Verde, Mangunzá, Pinta Manta.

CANGAÇO — O mesmo que troços, trens de uso doméstico. Muitas armas. "Estar no cangaço", "entrar no cangaço": assumir a atitude de desordeiro no sertão.

CANTANDO SERENA ESTRÊLA — Modismo — Andar desocupado, sem vintem. Deriva-se de uma certa modinha portuguesa: "Serena estrêla, que no céu não brilha".

CAPÃO DE MATO — Pequeno bosque em meio de um descampado. Especie de ilha de verdura. E' do tupí ca-pãu, (ilha de mato). Escreve Teodoro Sampaio (O Tupí na Geografia Nacional): "Algumas vezes se diz tambem **capuão**; mas já derivado do vocabulo tupí caa-apoan, mato redondo, e podendo significar um oasis".

CAPICHABA — Os naturais do Estado do Espirito-Santo. E' do tupí **capichaba**, que trata da roça, roceiro, agricultor.

CAPISCAR — Entender algumas palavras de um idioma estranho.

CAPOEIRA — Mato ralo, quasi sempre onde se botou roçado. E' o mato que se renova sôbre o que foi derribado. Do tupí caa-p-oera, mato extinto.

CAPOEIRÃO — Quasi mata, mato grosso.

CARA'-CARA' — Especie de milhafre.

CARA-ÔLHO — Vesgo, zarolho ou, conforme o povo chama, zanolho.

CARAPANÃ — Mosquito, moriçoca.

CARGAS DAGUA — (Plebeismo) — Motivo: "Não sei por que cargas dagua Fulano fez isto".

CARIOCA — Natural da cidade do Rio de Janeiro. Segundo T. Sampaio, êste vocabulo vem de cariyoc ou cariboc, procedente de europeu, filho de europeu. **Carary** significa homem branco, e dêsse nome se desdobram **cariba** ou **caraiba**, forte, santo, superior. Eis a história do carioca, representante maximo da nossa civilização etnologica.

CARNAÚBA — Palmeira do Nordeste que produz a cera (**Copernicia cerifica**). Rica pela cera, pela maleabilidade da palha, que se presta a diversos artefatos. No Ceará constitúi uma das riquezas dos campos. Da palha se faz chapéu; da cera se faz dinheiro; produz a polvora; da raiz se extrai um depurativo; do lenho se fazem construções de casas; o palmito é comestivel; da semente se faz café. A carnaúba é, no Ceará, considerada a **vaca vegetal.**

CARNE DE COBRA — Indivíduo de pessimos costumes.

CARNE DO CÔCO — Diz-se da parte branca do côco, contida no endocarpio.

CARNE E OSSO — Usa-se na expressão: **Estar em carne e osso**, ser magrissimo.

CARNE DE PA' — Usa-se na expressão: **Vou assim como carne de pá**, nem bem nem mal.

CARNE SENTIDA — A que começa a se deteriorar.

CARNE DO SERTÃO — Carne sêca ao sol. E' preparada no Nordeste imitando o charque.

CARRAPATO. Vide **Semente de carrapato.** Mamona.

CARRAPETÁO — Mentira improvisada.

CASCO — Embarcação pequena, usada no Maranhão (cf. Viriato Corrêa, **Contos do Sertão**).

CATERÊTÊ — Dança popular em que duas figuras se afastam e se aproximam, gingando sôbre os calcanhares. E' palavra tupí, formada do adjetivo cãtá, meneiado, e do sufixo **rêté**, que corresponde ao **mente** português, ou seja, meneiadamente (Sympson, **Gramatica da Lingua Brasileira**).

CATRAPOÇO — Pedaço de pau que o almocreve põe sôbre a cangalha, para emparelhar ou fazer carga com outro volume.

CATUCAR, CATOCAR ou CUTUCAR — Tocar com o cotovelo em alguem, chamando-lhe a atenção. Por esten-

são, já se diz **catucar com uma vara**, para tirar uma fruta da árvore. **Catucar alguem na axila para rir:** fazer cocegas. Catucar o cavalo na espora: esporá-lo de subito. Catucar o diabo com vara curta: insultar ao mais poderoso. Beaurepaire Rohan colheu o vocabulo como sendo cutucar, declarando-o de origem tupí, sinonimo de cotovelar. Parece haver engano: si côto é a porção de braço que resta depois de amputada uma parte, é intuitivo que cotocar é chamar a atenção de alguem, tocando-lhe com o côto ou com o cotovelo.

CAVALA — Canga. Usa-se no Maranhão (cf. V. Corrêa, **Contos do Sertão**).

CE'LE' — (Adjetivo) — Absorto, que não dá atenção em tôrno de si: "Viu a namorada e ficou célé". E' linguajar do Nordeste.

CHAMAR A TERREIRO — Insultar, provocar.

CHARIVARI — Grande assuada.

CHARQUE — Carne salgada e sêca ao vento, preparada nos salgueiros do Rio da Prata e Rio Grande do Sul. Tambem se chama **carne do Ceará**. No Amazonas, é **jabá**. Diz Seguier que é palavra quichua. Parece mais ser do arabe xarraca, que quer dizer retalhar e pôr a secar a carne das rezes.

CHEGA — Usa-se na locução **dar um chega:** alertar alguem para fazer certo negócio. Tentar ainda uma vez. Tambem significa surrar.

CHEIRO — A matuta diz "um frasco de cheiro", quer dizer, um vidro de perfume.

CHUPAR UMA BARATA — (Plebeismo) — Zangar-se, ficar amuado.

CINTEIRO — O mesmo que cinto.

CIRANDA — Dança de raparigas e rapazes, em roda, ao luar:

> "Ciranda, cirandinha,
> Vamos todos cirandar;
> Vamos dar a meia volta,
> Meia volta vamos dar".
>
> (Canção popular)

> "Cirandinha, cirandinha,
> Vamos todos cirandar...
> Cirandinha feiticeira
> Das cirandas ao luar".
>
> (Alvaro Martins, **Pescadores do Taíba**, Ceará)

COBRA DE DUAS CABEÇAS — Especie de minhoca (**Amphisbaenidae**, R. von Ihering).

COMPRA-FIADO — Rodeio.

CONTA — Usa-se na expressão **formar de conta**, pretender:

> "Eu sempre formei de conta,
> No fim de meu testamento,
> De deixar uma lembrança
> A Manuel do Nascimento".
>
> ("Boi-Vitor", no **Cancioneiro do Norte**).

CONTA DE ROSARIO — A bolinha de louça ou metal, furada ao centro, por onde passa o cordão do rosario. "Não é de seu rosario" ou "não é de sua conta" importa dizer: "Que tem você com isto? que lhe importa?"

COPIAR — (Substantivo) — Sala da frente nas casas de campo do Nordeste. E' do tupí **copiara**, alpendre.

CORPO — Vulto: "Aquela senhora é jeitosa, mas não tem corpo, é sem figura", isto é, magra. **Dar corpo ao mel:** engrossá-lo. **Encorpar** uma fazenda: gomá-la á máquina. **Dar de corpo:** defecar. **Fechar o corpo:** dispô-lo por processos cabalisticos a não sofrer feitiços ou outros males. Nas sessões de catimbó, fecha-se o corpo ao freguês com benzeduras, beberagens embriagantes como a jurema, e sob exorcismo com um galhinho de pinhão de purga. A jurema branca e o pinhão roxo têm a virtude da mandragora medieval.

CORTIÇA — Rolha de garrafa.

CORTIÇO — Colmeia. Habitação coletiva.

COSTADO — Emprega-se para designar a responsabilidade de algum delito praticado: "Ele já tem no costado tantos crimes..."

COTÔCO — Pequeno apendice em lugar de cauda, como tem a lebre. Na Paraiba do Norte ha uma lenda: de que, sendo os paraibanos descendentes de judeus, são dotados de cotôco, isto é, são de mau genio. Isto é uma tradição anedotica provinda dos tempos inquisitoriais, desde o suplício de Branca Dias.

COVA — Usa-se na expressão **mijar na cova** de alguem: desejar que alguem morra primeiro. E' plebeismo.

COVINHAS DO ROSTO — Drepressãozinha graciosa que certas pessoas descrevem insensivelmente nas maçãs do rosto quando sorriem:

"São duas flores unidas,
Unidas bem como os prantos,
Como o suspiro e o desgôsto,
Como as covinhas do rosto".
(Castro Alves, **Espumas Flutuantes**).

COXIA — No Ceará chama-se coxia ao que em outros Estados se chama de valeta: rêgo, escoadouro, entre o passeio e o calçamento.

CUBA — Vaso de despejo, nas prisões.

CURINGA — Nos baralhos antigos o curinga era o dois-de-paus, que tinha o valor de 1, 2, 10 pontos. Quem tinha o curinga no jôgo do trinta-e-um, estava com o melhor jôgo. Nos baralhos do pocker, o curinga foi substituido pelo mélé.

CURRICAR — Andar pelas casas dos vizinhos.

CURURÚ — Sapo grande. Vem do tupí **acôrôrô**, roncar.

CURUVIANA — Vento frio da bôca-da-noite. Terral.

CUTUBA — O mesmo que baita. Chefe, turuna, bicho, bichão, cabra danado.

(continúa)

RODRIGUES DE CARVALHO

Superstições de Tanabí

Recebemos do sr. Sebastião Almeida Oliveira (de Tanabí, Estado de S. Paulo) as superstições e vocabulos que publicamos aqui. E' evidente que nem tudo da coleção ajuntada é peculiar á zona do nosso colaborador, mas terá sempre seu interesse saber que tais ou quais superstições, tais significados translatos de vocabulos tradicionais, ou certos brasileirismos já arrolados noutras partes do país, são tambem usuais em Tanabí.

1. Para que as plantações de cereais não criem ferrugem, a qual emperra o crescimento vegetativo, costumam os roceiros colocar á altura de um metro, ferramentas velhas e bastante enferrujadas, as quais atraem para si toda a ferrugem que atrasa as plantações de cereais.

2. Contra o quebranto e máu olhado colocam nos rosarios das crianças, figas bentas e amuletos de varias formas.

3. E' crença entre os roceiros que o casal possuindo sete filhos ou sete filhas deve convidar um dos mais velhos para padrinho do ultimo re-

bento, do contrario êste se transformará em lobishomem.

4. A mulher gravida deve abster-se de olhar para cavalo malhado; fazendo-o, seu filho nascerá com o corpo manchado; tambem lhe é defeso comer frutas duplas, visto que isso acarretará um parto duplo.

5. Deve-se evitar que as crianças andem para trás, porque isso provoca a morte de seu pai.

6. Para se conhecer o segredo de uma pessoa, basta beber-se o resto que a mesma deixou em um copo.

7. Para incontinencia de urina usam dependurar um guizo de cascavel na perna do paciente; tambem dão a este de beber, chá de cabelo de milho.

8. Quando um quasi moribundo apresenta milhoras subitas é isso tido como sinal de sua morte proxima.

9. Acreditam os roceiros que o gato possui sete folegos ou sete vidas, razão pela qual custa a morrer.

10. Para curar lombrigas nas crianças usam dar raspagem de chifre de boi, torrada e posta em infusão ou chá; tambem dão sementes de abobora e usam ainda dar uma colher de oleo de Santa Maria três sexta-feiras seguidas.

11. Quando cai uma estrela deve-se pensar três vezes a cousa que se deseja ver realizada e isso acontecerá.

12. A moça solteira, que se veste de freira, jamais se casará.

13. Quantas malhas contiver o couro de onça, tantas serão as infelicidades do seu possuidor.

14. Dizem os caboclos que si o carro de boi não cantar, os bois não puxam com gôsto, isto é, com fôrça.

15. Entre os roceiros, o Diabo é conhecido por "Capéta" — "Demo" — "Tinhoso" — "Cabuloso".

16. Não se deve atirar ao cisco pedaços de pão, visto que com isso se perde a graça de Deus e se dá um pontapé na fortuna.

17. Crêem os caboclos que nos terrenos onde ao amanhecer aparecem fumaças, existem minas de ouro; assim tambem onde parecem pousar os fogos de Santelmo, conhecidos como "Mãi douro" ou "Mãi dagua" acreditam que os terrenos onde existem minas são assombrados.

18. Cortar as unhas dos recemnascidos antes de seu batismo, faz com que os mesmos se transformem mais tarde em lobishomem.

19. Si destruirmos as caixas de marimbondos de nossas habitações, destruimos a nossa felicidade; tambem pelo mesmo motivo não devemos destruir as teias de aranha.

20. Não se deve possuir em casa mesa com três pés porque provoca a vinda de maus espiritos.

21. Para perderem o medo do defunto beijam-lhes os pés; êste ao ser conduzido para o cemiterio deve ter os pés para a frente; deve-se jogar somente três punhados de terra na cova ou sepultura.

22. Não se deve possuir ou criar pombos; quanto mais êstes aumentam, maior é a ruina de seu possuidor.

23. Não se deve mudar em mês de agosto; viajar em sexta-feira, porque isso dá azar.

24. Gafanhotos verdes ou louva-deus trazem felicidades; ninhos de Beija-flor em casa, idem.

25. Para se salvar uma pessoa de engasgo bate-se com as mãos nas costas pronunciando o nome de São Braz três vezes.

TERMOS E VOCABULOS USADOS TAMBEM EM TANABÍ

ABANCAR — gozar algo.
ABRACAR — o mesmo que abraçar.
ADEMÃO OU AJUTORIO — ajuntamento de pessoas trabalhando gratuitamente para outra.
AMARRAR-SE — casar-se.
AREAR CAÇAMBA — adular, agradar para obter algo.

ARTEIRO — fazedor de artes, pandegas, maleficios.
ATARANTADO — confuso.
BACURÍ — filhote de porco.
BAITA — avantajado, grande.
BIBOCA OU PIRAMBEIRA — grota, barroca.
BOLO — grupo de coisas.
BOQUINHA OU BOCOTA — beijo.
BRONHA — engano.
BUCHA — lôgro.
CAÇAMBA — estribo de sola.
CAIR NO MANGUE — fugir.
CARRASCAL — quissaça. Existem outros correlatos: malva, saroba, samambaia, gravenha, etc.
CHATER — cair, tombar.
CHUCHAR — empurrar.
CHUE' — coisa desenxabida, sem graça (v. C. de Figueiredo).
COLEADO — combinado, unido.
CURIOSO — sujeito que sabe fazer pequenos trabalhos que demandam inteligencia e paciencia.
DESENGONÇADO — pessoa desajeitada (v. C. de Figueiredo e Teschauer).
DESCABEÇADO — pessoa sem juizo.
EMBICAR — encaminhar.
ENTUCHAR — encher, abarrotar.
ESBODEGADO — estragado.
ESCACHADO — relaxado.
ESTROPEADO — cansado.
ESTRUMELA — traste sem valor.
FUSQUINHA — desafio.
GIRAU — prateleira.
GRAMAR — arcar com as despesas.
GRAVENHA — espinhadeiros.
GRUDE — comida. Pegar o grude: almoçar.
LACEAR — ceder, abandonar.
LADRÃO — rêgo que tira agua do veio principal.
LAMBANÇA — vagabundagem.
LATIR ATÔA — falar em vão.
MAL-FEITO — feitiço.
MATAR DEFUNTO — contar novidade já sabida.
NEGACEAR — voltar inopinadamente.
OSSO — coisa que não dá lucro.
PINTAIVA — pessoa sem eira nem beira (comp. Pindaíba).
QUERENCIA — lugar habitual onde o gado repousa (R. G. do Sul).
RELANCE — aguentar o relance: aguentar o baque, o repucho.
SAMO'RA — bobo, sem expediente.
SAPARIA — pessoas que vão ás festas sem convite.
SELENTE — vagaroso, quieto.
SEPURTAR — aturar algo.
SURURÚ — briga, chinfrim, conflito.
TA'CA — especie de rabo de tatú ou chicote.
TAPERA — sujeito atrasado, tonto.
TIQUINHO — pouca coisa.
TIRAR LINHA — namorar.
TIRASIO — estensão longa.
TOUPEIRA — sujeito atrasado.
TRA'IA — objeto culinario, moveis, etc.
TRAMELA — taramela.
TREBUZANA — o mesmo que tempestade.
VARADO DE FOME — fomento, faminto.
VER O RUSSO — passar trabalhos.
ZANZAR — andar atôa, vadiar. Tem outros correlatos: sambar, descontar cheque, etc.

SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA

Notas

CARLOS LE'BEIS: **No País dos Quadratins** (Schmidt Editor, Rio, 1932)

Carlos Lébeis estrea nas letras brasileiras com um livro pra crianças. E, o que é milhor: com um livro de criança. O que valoriza especialmente no **País dos Quadratins** é a justa especie infantil a que o autor reverteu a sua imaginação criadora, pra inventar a história contada.

Este processo não é aliás inedito em nossa literatura, e pelo sucesso de livraria, vem logo á lembrança o **Narizinho Arrebitado** de Monteiro Lobato. Mas êste comerciante, si mui habil nas suas intenções, não soube absolutamente qualificar o dito processo estetico, com o seu **Narizinho Arrebitado**; e si êste cria dentro da maneira impubere de criar, vai na varrição pasmosa dos livros de mesmo processo, principalmente alemãis e norteamericanos: é infantil principalmente porquê é precario, extremamente sabido e pobre de invenção. A especie infantil de literatices assim, nasce duma confusão mesquinha muito generalizada: nós chamamos de "infantil", de "pueril" tudo quanto é facil, simplorio, incipiente. Ora justamente não tem nada de mais complicado, de mais dificil, e até de mais subtilmente... moral que a imaginação infantil. O que em grande parte faz com que a imaginação infantil nos pareça simploria e incipiente é a sua falta de sexualidade. Não tem dúvida que muitos brinquedos infantis implicam a sexualidade, mas isso provém exclusivamente de todos os brinquedos serem uma imitação e um aprendizado da vida. Da vida e não da sexualidade. Tanto assim que os brinquedos e as invenções infantis no geral se prendem, não á sexualidade e seus processos de manifestação, mas ás suas consequencias: constituição da familia, cerimonias de familia, distribuição dos trabalhos pelos sexos. Ora pra nós, adultos, agenciados em maxima parte pelas exigencias sexuais, nos parece incipiente e "pueril" a gratuidade aparente em que a criança se move — gratuidade que não é sinão uma consequencia da gratuidade fisiologica.

Ao lado dessa gratuidade sexual insofismavel, creio, da criança, e por causa dela mesmo, a imaginação criadora infantil é liberrima, riquissima. E incontrolavel no seu mecanismo, pois que a maior mentira pode ser pra ela a maior verdade. Si o homem faz nascer Adão do barro ou da geração expontanea da vida sobre a face da Terra, êle é obrigado a processar-se misticamente e a verificar que acredita apesar do absurdo. Prá criança, que o homem tenha nascido de Deus ou dum saldo orçamentario da materia salina, são simplesmente verdades dentro das quais ela se move com a maxima comodidade. E é nisso que a criança é subtilmente "moral", pois tudo pra ela se deduz logicamente das suas necessidades de ser inteligente, ao passo que o

adulto, como ensina a sabedoria da Igreja, por ter comido o fruto da árvore da ciencia, se tornou imoral e indigno dos paraizos.

A criação do país dos Quadratins, o exercito das libelulas, a república dos Pindobinhas, demonstram bem o que é a riqueza da imaginação infantil; e pela sua naturalidade sem esfôrço assim como pelo seu ineditismo sem exagêro, estou que em grande parte serão derivadas de vidas vividas na infancia pelo proprio autor ou pelos companheiros que o cercavam. Faço apenas reservas aos pontos do livro, especialmente ao capítulo "De manhã cedo...", em que o autor foge á especie infantil em que estava criando, pelo que ha de moral fabulistica, de noções aprendiveis de-cór nos conselhos de tia Genoveva. Mas nos demais capitulos do livro, as noções de união, de amor social, de luta pela vida, estão perfeitamente em ação, no ato de se fazerem e de serem induzidas. Não são prédeterminadas, como em certos autores, Amicis, Verne, Ségur, que, embora grandes, criam adultamente os seus livros pna crianças.

Quero salientar ainda, pelo seu curioso valor psicologico, a admiravel invenção do brinquedo dos meninos quadratins, consistindo nestes se atirarem de ponta-cabeça uns contra os outros. O que quebrava a cabeça perdia, ficando por morto no chão. E' uma verdadeira "sublimação" da cabeça, dessa parte importante do ser que, não apenas os nhandús, mas tambem os homens cuidam tanto em defender. Os Quadratins são seres rúins, são filosoficamente imorais, não se amolam de estragar a cabeça, porém João Papinho sofre martirios porquê os meninos quadratins querem jogar cabeça com êle. E' uma invenção deliciosa, quasi tão admiravel como a do moinho das crianças que Gina de Carvalho fez viver nas **Memorias da Casa Grande.**

No País dos Quadratins está dito numa linguagem perfeitamente adaptada ao genero, muito simples, muito natural. O que ainda concorre para a sua qualidade entre os nossos livros pra criança.

M. de A.

OSORIO DE OLIVEIRA — **Geografia Literaria** (Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931).

Osorio de Oliveira é um dos valores mais uteis da moderna literatura portuguesa. Crítico, pula do terreno das ideas para o da ação, divulga, anima, coordena. Nesse sentido é o que se pode chamar (com grande elogio) um perfeito funcionario da literatura.

Geografia Literaria mostra bem o feitio pragmatico de seu espirito. Osorio de Oliveira não cultiva a crítica pela crítica: faz dela um veículo de propaganda e intercambio, um meio de ação eficaz e produtivo, aplicação da inteligencia a objetivos de concreta e geral utilidade. Assim, possuido do demonio do nomadismo (como ele mesmo confessa), cada viagem sua é um serviço social ou nacional prestado. Vem ao Brasil e expõe numa conferência o que julga ser "A verdadeira literatura portuguesa". Volta para Portugal e lá revela "A literatura brasileira contemporanea". Despachado para Cabo Verde com um cargo administrativo, estuda a fundo o dialeto, a literatura e o folclore das ilhas e torna para sua terra levando, além de um plano de desenvolvimento colonial, a revelação de dois grandes poetas: Eugenio Tavares e José Lopes.

Essa nobre preocupação de servir, de ser proveitoso, de realizar para os outros, Osorio de Oliveira satisfaz agora na sua magnifica revista **Descobrimento.** Aí, ao lado dos dois citados

poetas de Cabo Verde e de alguns galegos, ele já apresentou ao público de sua pátria vários nomes da nova literatura brasileira: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Luiz da Camara Cascudo, Helio Viana, Jorge de Lima e Marques Rebelo, entre outros. Sua atividade literaria, portanto, nos interessa íntima e vivamente. E deve ser conhecida aqui para receber a animação que merece.

Os titulos do livro e da publicação exprimem bem o que tem sido a obra do critico, visando sempre a pesquiza, a revelação, a busca de valores desconhecidos, a aproximação, o incentivo, a descoberta. Na literatura de seu proprio país, interessam-lhe sobretudo "os ignorados, os esquecidos, os mal compreendidos", os que ele chama "exilados, á falta de outra palavra que nem despaisados, nem raros, nem estetas podem substituir". E é essa fascinação pelo desconhecido que o leva a estudar de preferencia a literatura de viagem e a colonial, procurando encaminhar os escritores portugueses para esse genero literario em que melhor se podem mostrar uteis. E aponta-lhes um tema soberbo: Africa. No que, como sempre, revela a feição prática de sua inteligencia.

De formação espiritual nitidamente portuguesa, mas (ou talvez por isso mesmo) sofrendo bastante a influência da França, Osorio de Oliveira não é dos críticos que se perdem e desaparecem com seu pensamento dentro dos livros e das ideas. E sim dos que guiam o leitor, abrem janelas e rumos. O minimo que se pode dizer de sua atividade, iniciada com os estudos constantes da **Geografia Literaria** e continuada na revista **Descobrimento**, é que ela é benemerita.

O. G.

ALVARES DE AZEVEDO

A proposito dos estudos publicados no n. 3 desta Revista, comemorativo do primeiro centenario do nascimento do autor do Macario, recebeu o nosso colaborador Vicente de Paulo Vicente de Azevedo a seguinte carta de Carlos Magalhães de Azeredo:

"Roma, 21 de Janeiro de 1932 — Via Po, 32.

Caro Senhor, do meu maior apreço,

Ha muito penso em escrever-lhe, enviando-lhe os meus melhores agradecimentos pelo amavel oferecimento do seu livro sôbre Alvares de Azevedo, que li com atenção, prazer e proveito. Li tambem, mas algumas vezes divergindo fortemente, os interessantes ensaios, de que foi composto o número da "Revista Nova", dedicado á celebração do desventurado poeta.

No seu artigo refletem-se, naturalmente, as mesmas qualidades, que distinguem e recomendam o livro. Ha emoção, real, e, por isso, comunicativa; ha um afeto, quasi direi fraternal, pelo ardente e alucinado sonhador, a quem o Destino não concedeu tempo bastante para revelar plenamente o seu talento e a sua alma. Nenhum exagêro, entretanto; nem de conceito, nem verbal. Nenhum assomo de retórica, e nenhuma extravagancia de exegese. Um criterio lúcido, sereno; um justo juizo, que, creio, não poderá ser infirmado, quaisquer documentos novos por acaso apareçam sôbre Alvares de Azevedo.

Outros escritos, embora lidos com alvorôço, não me persuadem. O de Mario de Andrade, é, sem dúvida, muito original, muito brilhante; mas a tese, "Amor e medo", não se esteia em nenhum argumento serio. Uma pura **gageure**, incitada por aquele gôsto, muito romantico, do paradoxo, que constitúi talvez o principal perigo para a inteligencia, aliás tão simpatica, de Mario de Andrade. Não; não acredito no misoginismo, fosse embora meramente fisico, do jovem poeta estudante; está claro que na sua situação de academico, e na

Paulicéa, ainda pequena, rústica, austera, daquela época, ele só conheceu, para desafogo da sua puberdade, mulheres inferiores, já prostituidas; e arrastou-as para as costumadas orgias, nas quais o ato genésico figurava como um detalhe apenas. E' possivel, tambem, que o abuso do alcool o tornasse fraco amador. Mas tudo isso está muito longe do pretenso terror patológico, que teria quasi feito de Alvares de Azevedo êste monstro: um libertino virgem.

Em varios pontos discordo tambem do meu ilustre amigo Azevedo Amaral. Não entendo por que chama ao poeta da "Lira dos vinte anos" o único romantico brasileiro. Asserção inteiramente gratúita. Tambem, confinar todo o romantismo, ou quasi, na evocação da Idade Média, é uma simplificação arbitrária. O romantismo, antigo na essencia muito mais que no nome, tão antigo quanto o mundo como estado de alma, e muito mais talvez (Lúcifer não terá sido o primeiro dos romanticos?), abrange uma grande variedade de elementos psicológicos, entre os quais, se um predomina, é o individualismo excessivo, tendente á anarquia, que não precisa de localizar-se num periodo qualquer da história. Por outro lado, acho injusta a condenação, em bloco, da escola romantica brasileira apresentada como uma contrafação canhestra e desastrosa. Ela foi notavelmente lógica, mesmo do ponto de vista em que Azevedo Amaral se coloca para examiná-la. Nós não tinhamos Idade Média; buscámos, por tanto, cousa mais ou menos equivalente, nos primeiros episodios do periodo colonial. O contraste, romantico por excelencia, entre a ordem e a liberdade, não faltava ao nosso indianismo, fantasista embora; como não lhe faltava a influência de Rousseau; como não lhe faltava a de Chateabriand e Saint-Pierre na apoteose da natureza americana. Outra cousa que não compreendo é como, sendo Azevedo Amaral filho de uma irmã do poeta, e vivendo a veneranda senhora ainda em 1919, ele não pôde colher sôbre a indole e os habitos do tio as mais amplas informações.

O fato, porém, que mais me impressiona, e me impressiona mal, não só nos dois artigos a que me refiro, mas em outros muitos de várias procedencias, é a docilidade excessiva, incondicional, ás teorias de Freud. Identico fenomeno observei quando surgiu a doutrina da relatividade de Einstein. Entendo que não escaparemos á pecha de gente colonial e subalterna, em quanto sofregamente, e sem discussão, sem discernimento crítico, acolhermos como axiomáticas todas as novidades que forem atravessando as correntes intelectuais do velho mundo. O freudismo é certamente merecedor de estudo, e constitui uma contribuição interessante no dominio da psiquiatria. Mas está longe de ter adquirido foros de cidade no reino da autentica ciencia; e a minha convicção é que, como corpo integral de doutrina, nunca ha de lá figurar.

Basta atentar para a caprichosa fragilidade das suas bases. Na verdade, o subconciente não seria tal, se revelasse facilmente os proprios segredos. Investigá-los pela interpretação dos sonhos, e por associação de ideas colhidas num simbolismo mais ou menos vago, parece-me método menos proprio da genuina ciencia, que de uma arte sempre arriscada a descambar no charlatanismo, como a das cartomantes, e, um pouco, a dos grafólogos. A interrogação direta dos doentes pelos medicos freudistas não oferece garantias seguras de imparcialidade; por que os nevróticos, extremamente sugestionaveis, como são, muitas vezes responderão influenciados pelo pensamento preconcebido dos doutores, e êstes já empreendem os interrogatorios com o intúito, subconciente, de adaptá-los ás proprias teorias. Teorias de que, aliás, não exis-

te prova alguma positiva, na acepção que, em linguagem cientifica, se dá á palavra "prova". Que a energia fisica e psiquica do homem seja toda de origem sexual, é uma afirmação, a meu ver, arbitrária, ou, pelo menos, obscura, equívoca; o qu me parece real é a solidariedade da substância cerebral e medular, que fornece identica energia á atividade sexual, á intelectual, á muscular, de modo que elas se contrabalançam entre si. De resto, o fato assás frequente de velhos, octogenarios, nonagenarios, cuja inteligencia nos assombra pela lucidez, pela agilidade, pelo dinamismo, demonstra indubitavelmente que a vida superior do espirito pode persistir intacta quando de ha longos anos cessou qualquer possibilidade de estímulo sexual.

E o famoso "complexo de Edipo"? por que processo o descobriu e fiscalizou mestre Freud? Não, de certo, pela observação direta, nem pelo exame verbal, inaplicaveis ambos a criancinhas ainda incapazes de exprimir-se com clareza, sobretudo em materia tão... escabrosa. E que adultos, remontando-se pela memoria á idade infantil, se recordam de semelhante "drama"? Esta invenção, tão pouco cientifica, seria ridicula, se não fora o seu caráter cruel e diabólico; se, juntando-se a muitas outras, com que professores de materialismo se empenham em degradar a natureza humana até abaixo da pura animalidade, não revolvesse na lama e na imundicie dois dos mais nobres e sagrados sentimentos humanos: o amor dos pais pelos filhos, e o dêstes por aqueles. Noto, por exemplo, a sugestão que produziu em Mario de Andrade, levando-o no seu artigo, a tratar, de maneira tão irreverente e chocante o terno afeto de Alvares de Azevedo por sua mãe.

São temerarias quaisquer previsões sôbre a solidez e a durabilidade das escolas em um periodo de inquietação e anarquia mental, como o nosso. Mas quem conhece através da história o destino meteórico de tantas doutrinas especiosas, como o Mesmerismo entre outras, não se admira da voga exagerada da psicanálise, nem se admirará da sua mais ou menos próxima decadencia. Na minha opinião, ela tem algum valor como guia para os medicos em determinados casos de molestias nervosas; tambem para os escritores de ficção, e os criticos no estudo das paixões mórbidas. O que ha nela, porêm, de melhor como psicologia, está, em forma explicita ou implicita, nos livros dos teólogos casuistas.

Voltando a Alvares de Azevedo, lhe direi que me tenta um ensaio independente e sereno sôbre a poesia brasileira, desde o começo do seculo XIX até hoje. Nele se explicaria como os nossos romanticos — menos Gonçalves Dias, e, relativamente, Castro Alves — são inferiores, em geral, na "expressão" poética, tomando-se êste termo, não na acepção exterior de linguagem mais ou menos elegante, mas de correspondencia entre o pensamento, ou a emoção, e a fórma. A crítica indigena tem um fraco pela "espontaneidade"; não percebe que muitas vezes a confunde com superficialidade e banalidade. Outro fraco, não só dos criticos, mas do público, é pela eloquencia em poesia. A poesia não exclúi necessariamente a eloquencia; mas é preciso que tal eloquencia seja realmente poética, e não oratoria, como acontece quasi sempre. A reação do parnasianismo, em nome da dignidade literaria, contra o desleixo e a prolixidade prosaica, em que tinham descambado os ultimos romanticos, foi legítima e oportuna; infelizmente, foi tambem extrinseca, toda formalista; não tocou o fundo do problema da "expressão" poética.

"O annel, que tu me deste,
era de vidro, e quebrou.
O amor, que me tiveste,
era pouco, e se acabou".

Esta quadrinha, merecidamente célebre, é um modêlo de perfeita "expressão" poética. Isto prova que para atingí-la não são necessarios acrobatismos de imaginação e de frase; o essencial está em fundir-se a profundeza do sentimento com a limpidez da fórma. E' o que se chama "estilo".

Mas devo terminar esta caceteação escandalosa, que lhe estou impingindo. Afetuosos cumprimentos do seu muito dedicado, (a) **Carlos Magalhães de Azeredo**".

RECEBEMOS:

— Arthur Ramos: "Os horizontes miticos do negro da Baía" (separata dos "Arquivos do Instituto Nina Rodrigues", Baía, 1932).

— Osorio de Oliveira: "Diario Romantico" (Editorial Atica, Lisboa, 1932).

— Max Fleuiss: "Rio-Branco" e "Ouro-Preto" (boletins da "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Rio, 1931).

— "Itapura de Miranda — In Memoriam" (Grafica Paulista, S. Paulo, 1932).

— "GEGHP" (revista do Gabinete de Estudinhos de Geografia e História da Paraiba, João Pessoa), n. 6, de 27-3-932.

— "La Vie Intellectuelle" (Les Éditions du Cerf, Juvisy, França), ns. de 10 de março e 10 de abril.

— "Le Opere e I Giorni" (Genova, Italia), n. de março.

— "Portucale" (Porto, Portugal), n. de janeiro-fevereiro.

— Descobrimento" (Lisboa, Portugal), n. 4.

— "La Vida Literaria" (Buenos Aires, Argentina), n. de 10 de abril.

— "Boletin de la Sociedad Castellonense de Cultura" (Castellon, Espanha), cadernos III e V.

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Luiz Aranha — natural de São Paulo, bacharel em direito, funcionario do Ministerio do Exterior.

Alcantara Machado — diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de "Vida e morte do bandeirante".

Antonio Figueiredo — jornalista em São Paulo, autor de "Individualismo e Comunismo" e "A evolução do Estado no Brasil".

Alfredo Ellis (Junior) — catedratico da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, autor de "Raça de Gigantes".

Marques Rebello — natural do Rio de Janeiro, autor de "Oscarina".

Rodrigues de Carvalho — folclorista paraibano, advogado no Recife.

12 - Os frentenegrinos

"Comunicam-nos da Frente Negra Brasileira:

"O Conselho Soberano da Frente Negra Brasileira, em reunião solene, acaba de restringir os direitos de ação, em seu nome, suprimindo os poderes conferidos a alguns frentenegrinos, cujo mandato, nesse sentido, não veiu ao encontro da expectativa da coletividade. Esses direitos de ação, em nome da "Frente", no entretanto, com essa medida de acerto sábio, não ficaram prejudicados, pois foram enfeixados nas mãos de pessoas cuja atitude e trabalho têm sido cunhados no desprendimento alheiado aos interesses pessoais, colimando exclusivamente proveitos coletivos.

Essa medida, ao envês de retardar os negocios da "Frente", veiu impulsioná-los gigantescamente, consagrando, mais uma vez a verdade contida no bojo do velho brocardo: "Não use as imagens dos deuses nos aneis", isto é, não banalises as coisas sagradas. O simbolo é de Pitagoras".

(do "Diario da Noite", de S. Paulo, n. de 27-4-932).

13 - Congratulações

"Rio, 31 (H.) — Da diretoria da Associação Comercial desta capital, o ministro da Viação recebeu hoje um telegrama de congratulações pelo restabelecimento da hora astronomica durante a estação hibernal".

(do "Estado de S. Paulo", n. de 31-3-932).

14 - Sucesso brasileiro

"A Europa acaba, mais uma vez, de curvar-se ante o Brasil...

Nat Smolin, escultor americano, procurava umas mãos perfeitas para modêlo de sua "Madona Sublime". Poz anúncio. Duzentas mãos se apresentaram e nenhuma agradou ao artista exigente. Os jornais ocuparam-de do caso.

Não haverá em Paris mãos perfeitas? perguntava o **Paris Midi.** Alguem lhe falou das da nossa ilustre patricia Margarida Lopes de Almeida.

Smolin, logo que as viu, não teve a menor dúvida de proclamá-las como sendo "the perfect hands", do que toda a imprensa se ocupou.

Até cirurgiões esteticos foram ao atelier do artista examinar os dedos fusiformes da nossa patricia

..."

(da "Revista da Semana", do Rio, n. de 2-4-932).

15 - O profeta

"RECIFE, 26 ("Estado") — O "Diario de Pernambuco" publicou uma carta autenticada relatando o seguinte fenomeno:

No logar denominado Ingazeiro de Pajeú o fazendeiro Manuel Pinto mandou o vaqueiro Antonio Pessoa pegar um boi para matar. Ao laçar o animal êste falou: "Não me mate antes de dizer cinco palavras".

O vaqueiro voltou assombrado e relatou o fato ao patrão que, não acreditando, reuniu alguns amigos e foi com o vaqueiro ao local onde estava o boi. Aí, todos ouviram o animal dizer as seguintes profecias:

"No ano de 1932, bom tempo; no de 1933, vamos vêr; no de 34, sangue no meio de Pernambuco; no de 35, rei na côrte; no de 36, P. R."

Comentando esse fenomeno em estilo jocoso, o "Diario de Pernambuco" diz que os monarquistas devem ficar contentes quanto á previsão relativa a 1935. Entretanto, ninguem sabe o que significarão as misteriosas iniciais relativas a 1936. Nestes tempos de aparecimento de tantas santas, não é de se admirar que um boi fale".

(do "Estado de S. Paulo", n. de 27-4-932).

16 - Pudor

"RIO, 11 (H.) — D. Ana Waise, de 61 anos, tendo de submeter-se a uma operação cirurgica e não querendo que o médico visse o seu corpo, pôs termo á existencia secionando a carotida com uma navalha, na residencia do seu genro, Antonio Marenguino, á rua Ferdinando Laboriau, na Tijuca".

(do "Diario da Noite", de S. Paulo, n. de 11-5-932).

17 - Trecho de um elogio postumo

"...

No lar foi completo. Professou o dever cristão, sob todos os aspétos, com a recompensa dos crentes. Deixou uma descendencia apreciavel na plastica e no carater que está aí para atestar a eloquencia da asserção.

Buscando a origem de tamanha energia moral de logo se acha escrito no capitulo biologico. E' a expressão confirmadora da força atavica cuja ascendencia catalã imprime no sub-conciente dos seus filhos as linhas fundamentais do edificio onde os povos dignos possam respirar dignidade e liberdade.

.... Dr. ALFREDO PINHEIRO".

(do "Diario da Noite", de S. Paulo, n. de 10-5-932).

18 - Nossos irmãos inferiores

"Conforme já noticiámos, na última assembléa geral da Associação Protetora dos Animais verificou-se uma cisão entre os socios, dos quais a metade, mais ou menos, discordou da orientação imprimida nos ultimos anos áquela instituição. Segundo esses socios a Associação Protetora dos Animais afastara-se da sua finalidade. Somente cuidava de animais mais beneficiados pela sorte e, sobretudo, de cachorros.

..."

Pelos seus estatutos, a Sociedade Paulista Protetora dos Animais obriga-se:

..."

c) Esforçar-se por educar o povo, e mormente a mocidade, a amar e respeitar os animais e inspirar-lhe o sentimento de justiça aos mesmos devido, desde que é forçoso reconhecer serem os animais, embora ainda privados de personalidade juridica, não simples coisas mas sêres dotados de alma e inteligencia.

..."

(do "Diario da Noite", de S. Paulo, n. de 10-5-932).

19 - Critica literaria

"O Sr. Pascoal Carlos Magno é um espirito dominado pela realidade objetiva. (...) Explendor, de resto, não oferece muitas perspetivas, pois o esto do poeta não transpõe nunca os limites das percepções materiais. Nem mesmo os fenomenos sujetivos têm força para afastá-lo dos conceitos realistas.

A maior dor dêste mundo
nem vale a pena lembrar...
Não está no coração
está na dor de pensar.

As exigencias da metrica aleijaram inteiramente a expressão, com prejuizo da clareza. Certo, teria sido melhor dizer, violando a metrica:

A maior dor que nos ataca neste mundo,
que vale a pena lembrar,
não está em nenhum dos cinco sentidos,
está no esfôrço de pensar

Mesmo assim, seria ainda indispensavel esclarecer que especie de pensamentos causavam tanta ansia. Pensar, só, não diz cousa alguma. Pensar em quê? Não acreditamos que pensar em frivolidades, em frioleiras, em amores imaginarios, vagos, cerebrais, exija grande esfôrço e provoque qualquer sensação de ânsia dolorosa.

ELOY PONTES."

("O mundo das letras", no "O Globo", do Rio, n. de 4-4-932).

Resenha

Desvendando Arquivos

I

Amigo, que conhece a minha predileção pelos livros de memorias e pelas correspondencias particulares, confiou-me alguns documentos do seu arquivo. Esses documentos são cartas dc algumas personagens de vulto na política brasileira. São cartas intimas escritas nos primeiros anos de vida constitucional da República e enviadas daqui para o estrangeiro por essas personagens a um amigo que exercia alto cargo de representação em uma das grandes capitais européas. Em muitas dessas cartas, umas de Prudente, outras de Campos Sales, outras de Deodoro, encontrei, cheio de satisfação, confidencias curiosas.

Começarei pelas de Prudente de Moraes. O amigo enviara-lhe da Europa recortes de jornais com as impressões causadas no estrangeiro pelo resultado da eleição de 1 de Março de 1894, que levou o grande paulista á presidencia da República em sucessão a Floriano Peixoto. Prudente, acusando a chegada dos artigos, escreve:

"Vejo que o resultado da eleição de 1.º de Março causou boa impressão na Europa, exceção feita de poucos artigos, visivelmente inspirados por adetos da revolta, que afirmam que os eleitos serão continuadores da política do atual govêrno por serem criaturas ("sic") do marechal Floriano! Vi, tambem, com intensa satisfação, a contestação de tão falso juizo. Efetivamente, a eleição de 1 de Março causou mais dano á revolta do que todas as derrotas que sofreu nos combates com as forças legais; a eleição desmoralizou completamente a revolta e precipitou a sua terminação. Vencidos, os partidarios da revolta alimentam-se com a esperança de que o marechal Floriano não deixará o governo e assumirá a ditadura a 15 de Novembro. Uma boa parte da gente que constitúi a "côrte" do marechal e que é, em geral, ruim, tambem pensa que ele deve assim proceder para... salvar a República!"

Ninguem está esquecido de que, na verdade, era corrente, depois da eleição presidencial, que Floriano não passaria o poder a Prudente de Moraes. Mas Prudente não ligou importancia a essas ameaças. E' o que se verifica das linhas em que continua, na mesma carta, a tratar do assunto:

"Apesar da esperança dos partidarios da revolta e da opinião de alguns "intimos", estamos convencidos de que a transmissão do governo se fará sem incidente algum. A nova administração se esforçará, com dedicação perseverante, para ser justa, respeitadora da lei, moderada e conciliadora, mas energica na manutenção da ordem e do prestigio da autoridade e, sobretudo, severa na economia dos di-

nheiros publicos; isto é essencial para a consolidação da República e para prestigiá-la dentro e fóra do país".

Sabe-se que esse programa foi executado á risca. O que prometeu, nessa carta, Prudente não se esqueceu de cumprir. Se não pudesse fazê-lo, deixaria o govêrno. E' o que tornou bem claro, na mesma carta, linhas abaixo: "No dia em que verificar a impossibilidade de realizar essa política, deixarei de ser govêrno: tão necessaria a considero".

Esta carta foi escrita de Piracicaba em 1 de Junho de 1894. Em 2 de Janeiro de 1895, menos de dois meses depois de haver assumido a presidencia, Prudente assim expunha ao seu amigo a situação do país: "Aqui estamos inventariando a herança que nos deixaram os marechais, em cujo acervo encontramos, até a "peste", que me meteu muito medo, mas que, felizmente, pode considerar-se extinta: era o colera, na opinião dos medicos, que surgiu na estação da Cachoeira, desceu pelo Paraíba até a Barra e dessiminou-se por algumas localidades de São Paulo e Minas mas foi sempre benigna quanto ao contagio e á mortalidade. Pode considerar-se extinta a epidemia, que não atingiu esta capital, que assim ficou incolume. O govêrno, com o apoio da imprensa e de todos os elementos conservadores, espera conseguir realizar o seu programa, cuja observancia iniciou desde os seus primeiros dias. Com exceção do Rio Grande do Sul, que se mantém em pé de guerra, por causa das ameaças de novas invasões, todo o país goza de paz e de tranquilidade e confia no govêrno. O corpo diplomatico mostra-se satisfeito e não perde ocasião de mostrar as suas simpatias pela nova situação, como fez ainda ontem no telegrama coletivo dirigido ao govêrno".

Não faltam, entretanto, como é natural, em torno do novo govêrno, aves agoureiras. A elas se refere Prudente, neste lance da carta: "Não creia na profecia do Andrade Figueira, que está reduzido a um visionario, de homem criterioso que parecia ser; a Monarquia nunca esteve tão longe de ser restaurada como está agora; o perigo que ameaça o nosso país não é o da restauração da Monarquia mas o da separação, se o regime republicano não conseguir tornar-se realidade nos termos da Constituição... Como sabe, o Saldanha interveiu na revolta com bandeira restauradora e sendo atualmente o chefe militar dessa revolta, sem que mudasse de bandeira, colocou o novo govêrno na obrigação de continuar a combatê-lo em defesa da República: é isso o que estamos fazendo com esperanças bem fundadas de liquidar logo essa questão. Os chefes da revolta, apesar dos telegramas em contrário, estão desanimados com falta de pessoal e recursos, e mantêm-se em atitude "telegraficamente" ameaçadora como meio de negociar a paz em condições vantajosas para si. Esse "resto" de revolta ainda existe como um espantalho — porque isso convém aos interesses mercantis dos nossos "bons" vizinhos do Prata, que têm aproveitado essa revolta como aproveitaram a guerra do Paraguai. Se não tivessemos por vizinhos argentinos e orientais, a revolta estaria acabada ha muito tempo. Agora demos unidade de comando ás fôrças em operações no Rio Grande para impedir nova invasão; a nossa diplomacia vai trabalhar no sentido de conseguir que as "nações amigas" impeçam que se organizem fôrças nas fronteiras para invadir o nosso territorio. Ha, nas repúblicas argentina e oriental, muitos emigrados que já abandonaram a revolta por não ter mais razão de ser; estão sofrendo miseria e desejam voltar. Os nossos representantes no Rio da Prata já receberam instruções para facilitar o regresso dos que não forem oficiais ou chefes; no dia 1 foi lavrado o decreto indultando do crime de primeira e segunda deserção as praças de "pret" do exercito, da marinha, da guarda nacional e da polícia. Por êstes meios, desarmamos a

revolta, que já está bastante enfraquecida".

Exposta a situação dos revoltosos, Prudente entra a examinar outro problema perigoso com que se defrontava o seu govêrno, que era Floriano: "O Floriano, que nos ultimos tempos governou á doge de Veneza, tornou-se de dificil acesso a seus proprios ministros; retraiu-se, não compareceu a nenhuma das festas de Novembro e depois que deixou o govêrno tornou-se quasi invisivel. Atribue-se isso aos odios que acumulou contra si, receiando a "revanche" dos parentes das vitimas e encontrar-se com a "bengala" dos revoltosos a que se refere a carta do Lobo d'Eça que, felizmente, não conseguiu "realizar" e nem tentar a "grande obra" — cuja responsabilidade devia ser imputada aos meus amigos! Que trama infernal engendraram o perfido Saldanha e os seus dignos comparsas!? E ainda ha brasileiros que auxiliam revoltosos que recorrem a tais expedientes! Floriano está atualmente, em Barbacena, constando que se acha gravemente enfermo, o que aliás não garanto porque nem isso se sabe ao certo".

Floriano é a espinha que Prudente traz atravessada na garganta: "O Floriano que nos ultimos meses do seu govêrno, se ocupou de acumular dificuldades de modo a tornar impossivel a sucessão, na vespera de deixar o poder (14 de Novembro) autorizou os contratos para a construção de oito navios na importancia de cêrca de dois milhões de esterlinos! Tivemos notícia dêsses contratos pelo aviso para pagar as primeiras prestações! Daí os telegramas dirigidos a você e ao P. (trata-se de um oficial de marinha. Supondo que ainda vive, suprime-lhe o nome) sôbre rescisão, ou pelo menos espaçamento dos prazos. Em vista das vossas indicações, P. recebeu telegrama do ministro da Marinha para ver se reduz á metade as encomendas deixando a outra metade para depois. E o tal P. em virtude da ordem de 14 de Novembro celebrou contratos a 19 e 28 ou 29 de Novembro sem lembrar-se de perguntar ao govêrno, empossado a 15 de Novembro, se mantinha a ordem do seu antecessor! Não está claro que tinha interesse pessoal na celebração dêsses contratos, interesse que o fez esquecer-se daquele dever de consultar?"

Ainda ha outras coisas curiosas nas cartas de Prudente. Ficarão para outro dia.

II

Depois dos militares, os monarquistas. Prudente, respondendo a uma carta que recebera de Paris na qual se lhe dava conta do desânimo dos monarquistas, que se achavam no estrangeiro, escrevia a 1 de Abril de 1895: "Fiquei satisfeito por saber que os restauradores da monarquia estão calados e mostram-se desanimados, inclusive o trefego Eduardo Prado e o "corcunda" Penedo. Podem realmente perder toda a esperança de restauração monarquica; a república está radicada na alma nacional e não ha forças que daí a arranquem. Aqui, tambem, se ha monarquistas, e ainda os ha sinceros, não ha restauradores, que conspirem pela restauração da monarquia; ao contrário, muitos deles manifestam publicamente seu apoio á atual situação, que é legitima e governa com a lei, para evitar a restauração da situação que findou a 15 de Novembro. Os "restauradores" que aqui ha atualmente são os da "legalidade "florianista", e são eles os "jacobinos" e outros tipos que exploraram aquela "legalidade" em proveito proprio; mas, esses "restauradores" constituem um grupo de desorientados, sem importancia politica e têm contra si todas as classes conservadoras, sem distinção de partidos, que apoiam o govêrno com toda a dedicação. A imprensa toda — "Jornal do Comércio", "Gazeta de Notícias", "Jornal do Brasil", "Diario de Notícias", "Gazeta da Tarde", "Correio da Tar-

de" e outros prestam ao govêrno apoio franco, dedicado e patriotico. O "País", redigido pelo celebre Salamonde, (lembra-se? o companheiro do Gaspar da Silva) e outros "ejusdem furfuris", tendo ainda como diretor politíco o Quintino, despeitado porque o govêrno não lhe dá nem o dinheiro nem a importancia que lhe dava o Floriano, não faz oposição franca, mas a da insidia e da perfidia e da intriga miseravel e baixa das meias palavras! Deve já ter verificado isso pela leitura dos nossos jornais".

Dada essa lavagem nos adversarios civis, Prudente volta aos militares:

"A Escola Militar ha muito tempo estava indisciplinada e, porque combateu contra a revolta, entendia que devia dominar êste país e tutelar o seu govêrno. Mas como não ser assim se o Floriano, alêm de tudo o mais, antes de deixar o govêrno. promoveu mil e oitocentos alferes entre os quais todos os alunos dessa Escola, pouco se importando com exceder o quadro em oitocentos ou novecentos alferes e no aumento extraordinario de despesa que isso importava para o nosso "arrebentado" Tesouro!!... As manifestações de indisciplina foram-se reproduzindo, sempre em escala ascendente, até que, a 15 de Março, deu-se na Escola verdadeira e geral insubordinação contra o diretor, que foi tocado da Escola debaixo de uma vaia estrondosa e injuriosa: pediu demissão, mas o govêrno recusou-a e restabeleceu com a fôrça o diretor no exercicio do seu cargo e, por sua proposta, no mesmo dia, deu baixa a todos os alunos praças de pret e desligou todos os alunos oficiais e distribuiu-os pelos corpos do Exercito. O procedimento justo e energico do govêrno mereceu aplausos gerais, excetuados apenas os jacobinos e o "País". Todos os corpos da guarnição, sem a minima discrepancia, cumpriram as ordens do govêrno com satisfação real. Os alunos que têm-se justificado, provando não haverem tomado parte nos atos de insubordinação, têm sido readmitidos na Escola que reorganiza-se".

Para aumentar o jubilo de Prudente outros acontecimentos favoraveis deram-se, na mesma ocasião, no terreno financeiro: "O emprestimo interno excedeu a nossa espectativa: já resgatámos vinte mil contos de papel moeda e até Outubro resgataremos mais trinta mil contos com o produto do emprestimo. A confiança evidentemente restabelece-se mas o maldito cambio mostra-se pouco sensivel a essa confiança o que, em boa parte, é devido á especulação; mas nós procuraremos vencê-la, ainda que "paulatim".

Nessa mesma carta, ha, tambem, uma alusão interessante ao problema imigratorio. Falando do tratado de amizade com o Japão observa que esse tratado é "instantemente reclamado pela lavoura, especialmente de S. Paulo, depois que a Italia começou a enviar-nos anarquistas em vez de trabalhadores."

Em 20 de Setembro de 1898, Prudente escreveu ao seu correspondente sôbre as negaciações franco-brasileiras para a solução das várias questões entre o Brasil e a França que se debatiam em Paris. Rio Branco era um dos negociadores por parte do Brasil. Aludindo a ele e ao outro negociador, dizia Prudente: "Não podemos ter melhores advogados já pelo conhecimento que têm das questões, das quais têm estudos especiais e profundos, já pelos conhecimentos que ambos têm das chicanas e subtilezas francesas, estando por isso mais aptos para combatê-las e inutilizá-las, já pela inteira confiança que inspiram não só ao govêrno como a toda a nação. O novo ministro do Exterior, se não tem a ilustração juridica do antecessor, tem muito patriotismo, criterio e circunspecção, está de pleno acôrdo com o que aí fica escrito".

Como o governo francês tivesse levantado obstaculos á cotação de titulos na Bolsa de Paris afim de levar o govêrno brasileiro a transigir nas pre-

tensões que sustentava, Prudente revolta-se contra esse procedimento e traça aos representantes do Brasil, com toda a dignidade, a atitude que devem assumir: "Devemos reclamar ou antes protestar contra a recusa para cotação dos nossos titulos em Paris, mas preferiremos sofrer os prejuizos provenientes dessa recusa a fazer concessões para obter a licença para a cotação: é uma imposição a que não podemos submeter-nos. Nenhum país da Europa trata-nos tão mal como o França republicana!"

E mais adeante, depois de aludir a outros assuntos, insiste na queixa e no protesto: "Precisamos não perder oportunidade e manifestar que somos sensiveis aos maus tratos que recebemos constantemente da França. Comercialmente poderemos causar-lhe bastante mal, como justa represalia".

Nessa carta, ha referencias, igualmente, a um outro episodio internacional de triste recordação: o conflito entre italianos e brasileiros, aqui, em S. Paulo. Prudente relata-os desta maneira: "Os conflitos com os italianos chegaram aí com proporções propositalmente exageradas pelos especuladores. O conflito mais sério foi o que se deu em S. Paulo provocado pelo atrabiliario consul Brichanteau, mas mesmo esse não teve as graves consequencias que teria se não fosse a pronta e eficaz intervenção da polícia. Esse conflito teve lugar a 22 de Agosto, á noite; a 24 devia iniciar-se, na Camara, a terceira discussão do protocolo italiano, que sofria grande oposição dos jacobinos. A 23, á noite, Glicerio e C. de Carvalho vieram procurar convencer-me de que a Camara devia rejeitar o projeto em terceira discussão, em vista das ocorrencias de S. Paulo que tornavam impossivel a aprovação! Opuz-me tenazmente a isso fazendo vêr que era um êrro grave que nos criaria uma situação muito embaraçosa. Disse que o que convinha fazer era adiar a discussão do protocolo até que se restabelecesse a calma nos espiritos e que se o govêrno italiano reprovasse o procedimento do seu consul, demitindo-o, não haveria razão para que não continuassemos a empenhar-nos pela aprovação do protocolo. Mas, infelizmente, não fui atendido e, a requerimento do "leader", a Camara rejeitou o protocolo sem discussão! — Já está aqui o ministro De Martino que veiu em transporte de guerra: será recebido oficialmente a 28. Estamos dispostos a proceder com toda a prudencia mas tambem com firmeza e energia; e acredito que chegaremos a solução razoavel e digna para os dois paises. Tenho algumas apreensões quanto aò exito das negociações, que se vão abrir, porque o De Martino, que já é nosso conhecido, não se distingue por homem criterioso, conquanto não se o possa equiparar ao Brichanteau".

Essa carta termina com uma expansão de tristeza e desalento: "Não cheguei ainda ao meio do meu periodo de govêrno e já sinto-me quasi extenuado, fisica e moralmente, em consequencia de incomodos de saúde e de espirito; não sei se aguentarei até ao fim."

Da proxima vez, será Campos Sales quem terá a palavra.

P. B.

(Do "O Estado de S. Paulo", de 14 e 30-4-932).

Indice do volume II

(As páginas 1 a 124 correspondem ao n.º 5, de fevereiro; 125 a 242 ao n. 6, de abril; e 243 a 384 ao n. 7, de junho de 1932)

A. C. Couto de Barros — **Deixa estar jacaré** de Cassiano Ricardo (nota) 103

Alberto Rangel — **Cruêra** (II) 27

Alcantara Machado — **Oração de paraninfo** 269

Alfredo Ellis (Junior) — **Populações paulistas** (IV, V e VI), 65, 176 e 330

Amadeu Amaral Junior — **Superstições do povo paulista** (III) 98

O país do carnaval de Jorge Amado (nota) 114

Antônio de Alcântara Machado — **O incrivel João Pessoa** de Ademar Vidal (nota) 113

Gil Vicente de Oscar de Pratt (nota) 115

Leopoldo Froes (cronica) 353

Antonio Figueiredo — **O socialismo e Saverio Nitti** 282

Augusto Meyer — **Poemas** 156

Carlos Pinto Alves — **Maquiavel e o Brasil** de Otavio de Faria 107

E. Roquette Pinto — **Fragmento do "Fausto"** (tradução) . . 159

Eduardo Prado — **Manuel de Moraes** 5

Ermelindo A. de Leão — **O vilejo de Piratinin** 49

Extratos dos Arquivos Domesticos da Companhia de Jesus referentes ao padre Manuel de Moraes 247

José de Almeida Camargo — **Estudos de psicanálise** de Artur Ramos (nota) 104

José de Mesquita — **Corá** (conto) 78

Leocadio Pereira — **Histórias da casa grande** de Gina Carvalho (nota) 225

No país das carnaúbas de D. Martins de Oliveira (nota) 226

Luiz Aranha — **Poema giratorio** 253
Mario de Andrade — **Literatura e poesia** de Augusto Meyer (nota) 109
Menina de ôlho no fundo (conto) 190
Terminus Sêco e outros cocktails de Sergio Milliet (nota) 219
Dois romanticos brasileiros de Luiz Felipe Vieira Souto (nota) 222
No país dos Quadratins de Carlos Lébeis (nota) . . 368
Luiz Aranha ou A Poesia Preparatoriana 292
Marques Rebelo — **Circo de coelhinhos** (conto) 343
Martins de Almeida — **Café, café e mais café** 60
Orestes Guimarães — **Carlos Magalhães de Azeredo, poeta e umanista americano** de G. Alpi (nota) 109
Osorio de Rodrigo Otavio Filho (nota) 227
Oração de paraninfo de Aloisio de Carvalho Filho (nota) 227
Geografia literaria de Osorio de Oliveira (nota) . . 369
Pedro Dantas — **Perspetivas** (cronicas), 95, 207 e 351
Pierre Guéguen — **Lasar Segal, pintor do Brasil** (cronica) . . 210
Ribeiro Couto — **Samuel** 37
Rodrigo M. F. de Andrade — **O entêrro de seu Ernesto** (narrativa) 165
Rodrigues de Carvalho — **Lingua nacional (III e IV)**, 214 e 361
Sebastião Almeida Oliveira — **Superstições de Tanabí** . . 365
Sergio Milliet — **Poemas** 24
Tacito de Almeida — **Um grito de alerta no tumulto da revolução** de Matos Pimenta (nota) 106
O caso de São Paulo de Vivaldo Coaracy (nota) . . 110
Visconde de Taunay — **Excerptos do "Diario"** 127

Momento, p. 3 e 245 — **Carta á direção**, p. 116 — **Errata**, p. 117 — **Alvares de Azevedo** (carta de Carlos Magalhães de Azeredo), p. 370 — **Brasiliana**, p. 119, 229 e 374.

RESENHA

A proposito da "Nota" de Mario de Andrade aos "Estudos", 4.ª série, de Tristão de Ataide (J. V. Coelho), p. 121 — **O "Fausto" de Goethe e suas traduções** (Abraão Ribeiro), p. 235 — **Desvendando arquivos** (P. B.), p. 377.

REVISTA NOVA

PUBLICOU NO N. 5

(fevereiro de 1932):

"Momento" — Eduardo Prado: "Manuel de Moraes" — Sergio Milliet: "Poemas" — Alberto Rangel: "Cruêra" (II) — Ribeiro Couto: "Samuel" — Ermelindo A. de Leão: "O vilejo de Piratinin" — Martins de Almeida: "Café, café e mais café" — Alfredo Ellis (Junior): "Populações Paulistas" (IV) — José de Mesquita: "Corá" — Pedro Dantas: "Perspetivas" — Amadeu Amaral Junior: "Superstições do povo paulista" (III) — Notas de A. C. Couto de Barros, José de Almeida Camargo, Carlos Pinto Alves, Tacito de Almeida, Amadeu Amaral Junior, Orestes Guimarães, Mario de Andrade e Antônio de Alcântara Machado — Brasiliana — Resenha.

NO N. 6

(abril de 1932):

Visconde de Taunay: "Excerptos do *Diario*" — Augusto Meyer: "Poemas" — E. Roquette Pinto: "Fragmento do *Fausto*" — Rodrigo M. F. de Andrade: "O entêrro de seu Ernesto" — Alfredo Ellis (Junior): "Populações paulistas" (V) — Mario de Andrade: "Menina de ôlho no fundo" — Pedro Dantas: "Perspetivas" — Pierre Guéguen: "Lasar Segall, pintor do Brasil" — Notas de Mario de Andrade, Leocadio Pereira e Orestes Guimarães — Brasiliana — Resenha.

PUBLICARA' NOS PROXIMOS NUMEROS:

Afonso Arinos, sobrinho: Poema — Alberto Rangel: "Cruêra" (*cont.*) — Caio de Melo Franco: "Ideas de Tamanduá" — Ermelindo A. de Leão: "A luta dos Pires e Camargos" — F. I. Peixoto: Poema — João Pacheco: "Variações em surdina" (*conto*) — Leocadio Pereira: "Romanceiro de Lampeão" — Luiz da Camara Cascudo: "O corpo do Imperador" — Machado de Assis: "Desencantos" (*comedia em 2 atos*) — Mario de Andrade: "Girasol da Madrugada" (*poemas*) — Murilo Mendes: "Bumba meu poeta" — Ribeiro Couto: Estudo sôbre a moderna poesia portuguesa e Poema — Rodrigues de Carvalho: "Lingua nacional" (*cont.*) — Visconde de Taunay: Inedítos de seu arquivo — além de artigos e cronicas de Afonso de E. Taunay, A. C. Couto de Barros, Antônio de Alcântara Machado, Carlos Pinto Alves, Eudoro Ramos Costa, Eugenio de Castro, Flaminio Favero, Francisco Isoldi, José de Almeida Camargo, Paulo Prado, Pedro Dantas, Renato Almeida, Sergio Milliet e outros.

SPINOLA
E
FUSCO,
EDITORES

TÊM NO PRELO

DIONISIO SILVEIRA
«ETICA JORNALISTICA»

●

TRISTÃO DE ATAIDE
«CONTRA-REVOLUÇÃO»

●

BREVEMENTE

MARIO DE ANDRADE
«BELAZARTE»

●

MONS. PEDRO ANISIO
«PEDAGOGIA CRISTÃ»

●

PERILO GOMES
«LIBERALISMO»

●

MIÊTA SANTIAGO
«POEMAS AMARGOS»

CAIXA POSTAL, 23
CATAGUAZES,
MINAS

E. G. "Revista dos Tribunaes"
Rua Xavier de Toledo, 72
São Paulo — 1932

794